

TISTA MAURO MADUREIRA AMARILDO
O LEBA JOJÓ DE OLIVENÇA CIÇA MAI
RGIO AYRTON SENNA CESAR SAMPAIO
EMERSON FITTIPALDI TAFFAREL SILAS

ALEX DIAS RIBEIRO

FORÇA PARA VENCER

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO
PARA AJUDAR VOCÊ A
VIVER MELHOR



SEXTANTE



ATLETAS DE
CRISTO

ALEX DIAS RIBEIRO

FORÇA PARA
VENCER

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO
PARA AJUDAR VOCÊ A
VIVER MELHOR

Para todos os atletas da Grande Corrida da Vida.

Alex Dias Ribeiro

© 2016 por Alex Dias Ribeiro

Revisão

David William A. Plassa

(MTb. 56. 509/SP)

Capa

Douglas Lucas

Diagramação

Valter Silva

Coordenação de Produção

Alex Dias Ribeiro

Márcia M. Araújo Kröger

Impressão e acabamento

Imprensa da Fé

1ª edição – Agosto de 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, reproduzida, transmitida ou armazenada em qualquer forma ou por quaisquer meios existentes, exceto sob permissão por escrito do autor ou de Atletas de Cristo no Brasil.

Atletas de Cristo no Brasil

www.atletasdecristo.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R484f

Ribeiro, Alex Dias, 1948-.

Força para vencer [recurso eletrônico]: histórias de superação para ajudar você a viver melhor / Alex Dias Ribeiro. – São Paulo (SP): Ed. do Autor, 2016.

ePUB ; 411 kbytes

ISBN 978-85-921474-3-3

1. Autoconfiança. 2. Motivação. 3. Sucesso. I. Título.

CDD-158.1

SUMÁRIO

PARTE 1- OS ANOS DOURADOS

- 1 - Taffarel – Quem venceu o Tetra?
- 2 - Força para viver – Silas
- 3 - Deus abençoa, mas não surfa – Jojó de Olivença
- 4 - O jogador mais leal do mundo – Jorginho
- 5 - Eu, crente? Nem pago! – Zé Sérgio
- 6 - Na hora H, senti a presença de Deus – Luiz Felipe
- 7 - Tinha tudo para dar errado, mas venceu! – Ciça Maia
- 8 - Eu tinha tudo, mas não estava com nada – Bitá
- 9 - Time foge de campo para não morrer linchado – Batista
- 10 - Rabo de foguete – Rojas
- 11 - Uma arma encostada na minha cabeça – Cesar Sampaio

Parte 2 - OS PIONEIROS

- 12 - O pontapé inicial – Atletas de Cristo
- 13 - O goleiro de Deus – João Leite
- 14 - Eu odiava esse goleiro! – Mauro Madureira
- 15 - O artilheiro de Deus – Baltazar
- 16 - Clube do Bolinha, não! – Eliana Leite
- 17 - Mudança de ramo e de rumo – Alex Dias Ribeiro
- 18 - Os pastores da bola – Revista Placar

Parte 3 - MILAGRES

- 19 - De repente, um surfista desapareceu com prancha e tudo! – Amarildo

20 - A volta ao mundo com a perna quebrada – Bismarck

21 - A maior virada da minha carreira – Donato

22 - Pensei que tudo estivesse acabado – Anílton

23 - Perdi uma perna e ganhei uma missão – Leba

24 - No mato sem cachorro – Emerson Fittipaldi

Parte 4 - DESTINOS

25 - Ayrton Senna foi para o céu?

26 - Meu coração anoiteceu pegando fogo! – Humberto

27 - Entre o tiro e a queda – Sotter

28 - O ingresso errado – Castilho

29 - O cara mais importante do mundo: Você!

Parte 5 - GALERIA DOS HERÓIS

30 - Depois de 25 anos, como vivem os heróis do passado?

31 - Conheça um herói do presente – Daniel Dias

32 - Heróis do futuro

33 - Escrevendo a própria história

Agradecimentos

Sobre o autor

O prazo de validade da vida humana é muito curto. Em poucos anos fecham-se as cortinas do espetáculo da nossa existência e nós voamos...

“Ensina-nos a contar os nossos dias para que possamos viver bem e sabiamente”, suplicava o velho Moisés tentando maximizar o aproveitamento de seus dias.

Não nascemos sabendo tudo.

Muito do que somos hoje aprendemos com nossos pais, até o dia em que achamos que já sabíamos o suficiente. É aí que mora o perigo...

Alguém já disse que o povo que não aprende com sua história está fadado a cometer os mesmos erros. Quem não aprende com o legado de seus antecessores está condenado a perder o rumo dos caminhos traçados por eles e a desperdiçar a vida tentando reinventar a roda e as rodovias para o seu próprio destino pelo método da tentativa e do erro.

Não há nada de novo debaixo do sol:

Os medíocres aprendem com as próprias experiências.

Os sábios aprendem com suas experiências e com as dos outros.

Os tolos não aprendem nem com as suas e nem com as dos outros.

Mas, visitar o passado só tem sentido se nele encontrarmos pistas que nos ajudem a redirecionar nosso futuro para dias melhores aqui e na Eternidade.

A intenção desse livro é fornecer as pistas deixadas pelos atletas que aprenderam na panela de pressão do esporte de alta performance, em que experiências de anos e décadas são vividas em muito pouco tempo.

Uma menina de rua que virou tricampeã mundial de Karatê. Um recordista em cartões vermelhos premiado como jogador mais leal do mundo. Um campeão mundial da F1 perdido na mata com o filho pequeno após um acidente aéreo. Um jogador que perdeu a perna, mas se encontrou no jogo da vida. Um nadador que nasceu sem as mãos e um dos pés e conquistou 61 medalhas de ouro. Um time que fugiu do gramado para não morrer nas mãos da torcida enfurecida. Um surfista que desapareceu misteriosamente com prancha e tudo!

Mesmo que você nunca tenha passado por situações desse tipo, essas histórias podem ajudar você a lidar melhor com os obstáculos e a brevidade da sua carreira.

Os personagens desse livro não são perfeitos nem infalíveis, mas concordaram em compartilhar suas histórias na esperança de que elas possam ajudar você na montagem do quebra-cabeça de sua existência; para que você também encontre essa *Força para vencer*.

PREFÁCIO

FORÇA PARA VENCER

WILLIAM DOUGLAS
Juiz Federal e Professor

Este livro traz experiências, emoções e lições de muitos heróis do esporte nacional, cada qual dando uma contribuição para entregar ao leitor exatamente o que o título da obra promete: *Força para vencer*.

O autor é uma das lendas do automobilismo brasileiro e não é todo dia que podemos conversar com uma! Melhor ainda quando essa lenda conta histórias de várias outras lendas. Podemos aprender com todas elas, nos mais diferentes esportes abordados aqui.

Eu tive a oportunidade de conversar com esse brilhante ex-piloto durante um almoço que se estendeu por uma tarde inteira. Sou, portanto, um privilegiado. Sei o quanto aquela tarde, e as conversas que vieram depois, me ajudaram a pensar e repensar minha vida, minha carreira, minha relação com o sucesso e tudo o mais. Também sei, como um tipo de testemunha ocular, como estar perto de uma lenda pode ajudar, instruir, motivar e inspirar. Hoje, com imensa alegria, posso dizer que esse tipo de “almoço” está disponível para quem não tem o privilégio de ter acesso direto ao autor.

Vivemos em um país que valoriza a falta de recursos mais do que as conquistas pessoais. Como dizia Tom Jobim, “*No Brasil, sucesso é ofensa pessoal.*” A “*síndrome de vira lata*” está presente na maioria dos cenários: na política e economia, passando também

pelas instituições, entre outros. Milhões de brasileiros se contentam com menos: menos direitos, menos capacidade, menos vitórias... Por tudo isso, precisamos de pessoas que sigam e ensinem a seguir uma estrada diferente: a estrada da fé e do sucesso, na superação pessoal e na busca por excelência.

A obra que você tem em mãos é uma brisa de ar fresco que surge para abordar o tema sucesso de uma maneira positiva. *Força para vencer* apresenta quadros de vitória, quadros de derrota, uma série de obstáculos e a superação que cada personagem experimentou. Da lavra de um piloto de alta performance, uma verdadeira corrida é literariamente traçada: curvas, derrapadas, acelerações, freadas, alta velocidade, acidentes e muitas vitórias. Exatamente como uma boa corrida, tanto de Fórmula 1 quanto da Grande Corrida da Vida.

Alex é um dos grandes pilotos que o Brasil teve o privilégio de acompanhar. Estou convencido de que foram pilotos como ele que pavimentaram o caminho para o Brasil se tornar o que é no automobilismo mundial. Ele pode se sentar à mesa com Wilsinho, Emerson, Piquet e outros poucos precursores.

O livro desenha a narrativa de forma brilhante, compartilhando experiências e vivências de atletas, desde sua preparação até a competição. A contribuição de Alex vai muito além de sua experiência nas pistas: ele empresta à obra toda a experiência acumulada durante o tempo em que atuou como diretor executivo na ONG Atletas de Cristo, comprovando que sucesso e conquistas podem estar associados a uma profissão de fé e na crença em um Poder maior.

Eis outro ponto muito relevante da obra: ela aborda um tema considerado sensível, mas nem por isso passível de esquecimento. A fé é um tema delicado, talvez, por ser tantas vezes mal abordada ou praticada. E também tem um potencial catalisador,

transformador e magnético. Bem abordada e praticada, a fé pode fazer toda diferença.

Estudos demonstram que a decisão de continuar ao invés de desistir, a força para prosseguir quando tudo parece indicar exatamente a direção oposta, a capacidade para lidar com pressão, fama e reveses e, até mesmo, estar disposto a ser parte de um milagre pode ter a contribuição da fé.

Não é à toa que empresas totalmente laicas têm dado espaço à espiritualidade e incentivado seu cultivo. A fé ajuda a enfrentar desafios do cotidiano e a dar um sentido maior à vida de quem deseja encontrar um caminho mais sublime. Então, esse livro vem em boa hora falar sobre sucesso nos esportes e na vida, sem dispensar a importante contribuição da fé e do sagrado na busca do êxito.

Eu mesmo já tive a oportunidade de levar ao mercado essa conjugação de objetivos claramente técnicos e palpáveis sendo criados ou potencializados através da sabedoria bíblica. O livro *“As 25 leis Bíblicas do Sucesso”* teve imensa receptividade justamente por condensar a busca pelo sucesso com a orientação milenar que a Bíblia disponibiliza. Já Alex vem fazendo isso de forma exponencial na vida de atletas e seus familiares. Certa vez, um crítico de futebol disse que, mesmo não sendo religioso, reconhecia que atletas com esse tipo de suporte costumavam administrar melhor as dificuldades que todo esportista de elite enfrenta.

Alex Dias está de parabéns por compartilhar conhecimento, por meio de experiências na vida e no esporte, aliançando sucesso e espiritualidade a um conteúdo prático e a lições milenares que podem resolver as questões mais importantes da vida. Essa virtude, de disponibilizar conhecimento relevante e de nos fazer sentar à mesa com lendas vivas, merece aplauso.

Sinto-me extremamente honrado por ter sido convidado para prefaciar um livro que acredito ter grande potencial para transformar histórias de vida. É muito atraente ler histórias de heróis do esporte nacional, ver como a presença de Deus influenciou seus caminhos e ter em mãos algo cuja influência pode ser irresistível.

O livro é didático, pois consegue apresentar caminhos para que o leitor tenha experiências tão espetaculares quanto as descritas; inspirador, por mostrar o extraordinário acontecendo no dia a dia; intimista, por trazer para mais perto de nós personalidades que admiramos. Não há como não nos projetarmos e nos animarmos convivendo com esses vencedores em situações em que cada décimo de segundo equivale a uma eternidade.

Ter uma meta e conquistá-la está ao alcance de todos e isso fica profundamente marcado após a leitura de *Força para vencer*; assim como a compreensão de que a fé é um ingrediente fundamental e pode fazer toda diferença nessa trajetória. Por todas essas razões, recomendo fortemente a leitura deste livro.

PARTE 1

OS ANOS DOURADOS

Mergulhar no passado só tem sentido se encontrarmos nele, as pistas que nos levem a redirecionar nosso futuro para dias muito melhores.

HISTÓRIAS REAIS

Era uma vez um país subdesenvolvido, conhecido como “Gigante Adormecido” por sua enorme extensão geográfica e abundância de recursos naturais, suficientes para suprir quase o mundo inteiro de oxigênio, água e comida.

Um dia, ainda em minha infância, o gigante acordou de seu sono e, assustado e meio cambaleante, desandou a fazer tanta besteira que levou o mundo a concluir e decretar: “o Brasil não é um país sério.”

Mas o mundo teve que se curvar ao perceber o quanto estava enganado em sua avaliação quando o assunto era esporte. Esse foi o pontapé inicial do chamado “Milagre Brasileiro”: Futebol, Pelé, JK, Brasília e etc. e tal!

*A Taça do Mundo é nossa
Com brasileiro não há quem possa [...]
Ganhou a taça do Mundo
Sambando com a bola no pé*

Ao som dessa marchinha carnavalesca, subimos de país subdesenvolvido para sexta potência mundial em apenas 50 anos, impulsionados pelo otimismo e orgulho de ser brasileiro na conquista de cinco Copas do Mundo e oito Campeonatos Mundiais de Fórmula 1, além de vários títulos no vôlei, basquete, atletismo e tantos outros esportes. Uma aceleração vertiginosa!

Na virada de 1994 para 1995, com o Real valendo mais do que o Dólar, o brasileiro estava com mais grana no bolso e mais comida na mesa e o Brasil tinha o povo mais alegre e otimista do planeta, segundo pesquisa do jornal **O Globo**.

Mas nem tudo foi obra do entusiasmo e do acaso. O brasileiro era também campeão em jogar com o coração na ponta da chuteira, não só no gramado, mas também na construção, na fábrica, na lavoura, no mercado de trabalho e, sobretudo, na fé.

O país tinha a maior população católica do mundo e o maior índice de crescimento evangélico em todo o planeta.

Nunca antes na história desse país o ditado “Deus é brasileiro” foi tão apropriado! É sobre isso que fala o livro que você tem em mãos. Esse é um livro de histórias alegres, histórias tristes, histórias dramáticas, histórias incríveis, mas, acima de tudo, reais em seus personagens e situações.

A maioria aconteceu no início dos anos 90 e chegaram a nós por meio de cartas, relatos, reportagens ou testemunhos de pessoas reais que se relacionam com um Deus real. Vários capítulos foram publicados no jornal *Atletas de Cristo*; outros, na revista *Placar*, além de depoimentos que, até então, não tinham chegado ao conhecimento do público.

Em diversas passagens, ao nos referirmos a algumas personagens, há uma diferença entre *Atletas de Cristo* escrito com a letra “a” maiúscula e *atletas de Cristo*, com a letra “a” minúscula.

A primeira edição foi lançada logo após a conquista do tetra, na Copa de 1994 nos EUA. O evento de lançamento contou com grande cobertura da mídia e a presença de alguns dos personagens e outros atletas campeões e ganhou o prêmio ABEC de Melhor Biografia do ano.

Nesta edição, mantivemos textos, dados, datas e fichas técnicas da publicação original. No Capítulo 30, nossos heróis do passado emergem 25 anos depois, revelando como as lições aprendidas afetaram o rumo de suas vidas e decisões, resistindo ao teste do tempo. Acrescentamos as histórias de Taffarel, Ciça Maia, Emerson Fittipaldi, Ayrton Senna e Daniel Dias.

Creemos que vale a pena deixar um legado para as próximas gerações, levando a você um pouco do muito que aprendemos ao longo de nossa caminhada na força d'Aquele que criou o universo e o mantém funcionando até hoje, para vivermos em harmonia com o Único que pode nos proporcionar a vida plena e abundante - não somente aqui, mas por toda a Eternidade.

Por essa razão, reeditamos este livro contando as fascinantes histórias de atletas que seguem vencendo no jogo da vida, mesmo que o brilho de suas carreiras não tenha a mesma intensidade de antes.

Qual a moral da história? Descubra você mesmo...

Boa leitura!
Alex Dias Ribeiro

CAPÍTULO 01

TAFFAREL

QUEM VENCEU O TETRA?

Dois bilhões e meio de telespectadores, milhares de torcedores nas arquibancadas, milhões de dólares em jogo, milhares de jornalistas e fotógrafos, vinte e dois jogadores em campo. Quem ganhou a Copa do Mundo de 1994?

O juiz encheu o peito e detonou o apito, erguendo os braços: estava decretado o final da prorrogação da decisão da Copa do Mundo de 1994, entre Brasil e Itália.

Em pé na arquibancada do estádio *Rose Bowl*, junto com a perplexa torcida brasileira, eu mal podia acreditar naquilo que via.

Foram 120 minutos de um dos jogos mais amarrados da história. Cada lance produzia expectativas que acabavam não se cumprindo. Nenhuma das jogadas espetaculares tinha conseguido quebrar o encanto. Nenhum gol havia liberado o grito que cada brasileiro carregava no peito, pronto para colocar para fora.

O que ninguém sonhava estava acontecendo: a responsabilidade pela conquista do tetra deixava os pés mágicos de Romário, nosso herói maior e, de repente, as esperanças do Brasil inteiro transferiram-se para as mãos do goleiro Taffarel. Pela primeira vez na história de todas as Copas, o campeão do mundo sairia de uma disputa de pênaltis.

Mas não só o Brasil estava de olho nos lances do dia 17 de julho de 1994. Foi um dia em que a Terra parou. Assistindo ao vivo à final dessa Copa, estavam mais de 2,5 bilhões de pessoas: muito

mais gente do que os que assistiram à chegada do homem à Lua, à coroação da rainha da Inglaterra ou à festa de abertura das Olimpíadas. Naquela hora, metade do planeta estava de olho na TV.

Quem quer que ganhasse aquela disputa de pênaltis, Brasil ou Itália, seria o primeiro tetracampeão mundial da história do futebol.

Enquanto o goleiro italiano Pagliuca e o gaúcho Taffarel caminhavam juntos em direção ao gol, o planeta estava assistindo. E torcendo.

Pra frente Brasil!

Àquela altura, no Brasil, não se encontrava ninguém nas ruas.

Quem trabalhava em serviços essenciais estava com pelo menos um olho na TV ou um ouvido no rádio. Pela primeira vez em muito tempo a Seleção acenava com a possibilidade do tetra. E o Brasil, acreditou.

Já estava mais do que na hora de repetir a glória da Copa de 1970 (contra o mesmo adversário) e, ao mesmo tempo, revidar todas as Copas perdidas e entaladas em nossa garganta.

Tinha sido assim desde os primeiros jogos. Já às duas ou três horas da tarde bastava sair pela rua e perceber - no ônibus, no automóvel, no metrô ou na calçada - que todos iam a algum lugar assistir ao jogo. O país caminhava junto, cheio de esperança, na mesma direção. De todas as conhecidas paixões nacionais, apenas o futebol poderia conseguir tanta unanimidade!

Por um engano qualquer do coração, a realidade dentro da telinha e na arquibancada parecia mais nítida do que a própria vida. A torcida do lado de cá não tinha escolha: tudo o que podia fazer era acompanhar a bola que rolava, levantando a esperança de um povo inteiro.

Aquela não tinha sido uma Copa fácil. Os jogos eram tensos, sofridos e as vitórias, apertadas. A diferença é que havia dado certo. Até então...

Grandes esperanças

Nas arquibancadas do *Rose Bowl* ou nas poltronas do Brasil não havia ninguém tranquilo. Ao contrário, quando o juiz apitou, ao término da prorrogação, a tensão da galera atingiu níveis nunca antes imaginados...

Muita gente abandonou na hora a esperança do tetra. Se São Romário, o baixinho de ouro, não tinha ganho essa Copa para o Brasil, ninguém mais poderia.

A decisão, na loteria da disputa de pênaltis, estava nas mãos de Taffarel. Será que ele salvaria a pátria no momento mais crucial da história nacional?

Pagliuca, o goleirão italiano, andou confiante, cheio de si, em direção ao gol. Desafiador, passou o braço pelas costas de Taffarel. Sem se intimidar, o brasileiro falou-lhe ao ouvido: *“Vai vencer essa Copa quem está predestinado a vencer...”*

O que Pagliuca não sabia...

“Até aquele momento eu não tinha nenhum pressentimento, ideia ou sinal de quem ganharia aquela disputa nos pênaltis. Minha única certeza era estar bem preparado fisicamente, tecnicamente, mentalmente e, sobretudo, espiritualmente.

Em cada reunião ministrada pelo Alex Ribeiro ao nosso grupo de atletas, a Palavra de Deus nos era trazida sob a forma de alívio e conforto, naquele período de tanta pressão e estresse.

Minha maior alegria era ver a cooperação entre todos os jogadores e a comissão técnica. Deus tinha colocado amizade, carinho e amor em nosso meio. Isso foi fundamental. Eu nunca tinha visto isso entre a Seleção

Brasileira. Deus falava claramente aos nossos corações. E a mensagem era: dar o nosso melhor em campo, entregar tudo nas mãos d'Ele, mantermos a humildade, confiar no taco divino e descansar para ver o que Ele iria fazer.

Quando tu consegues colocar isso em prática, tudo fica claro e suave. Mas quando isso me veio ao coração, o placar apontava 2 a 2 nas cobranças de pênaltis. Então pensei: preciso deixar o nervosismo de lado, ajudar os meus companheiros e foi nesse exato momento que defendi o chute de Massaro.

Quando fomos para a próxima cobrança italiana, aí sim aquela falta de intuição do início transformou-se em certeza absoluta. A Copa estava chegando ao fim na cobrança do Baggio e pintou a boa sensação de saber o que ia acontecer. Enquanto bilhões de pessoas no mundo inteiro esperavam o resultado, eu já sabia.

Tenho certeza de que Deus me capacitou para ser um jogador de seleção, para que, bem no início, nas categorias de base, junto com o Silas e o Müller, eu começasse a entender o Seu amor e propósito para minha vida. Foi nas Olimpíadas de 1988 em Seul, que aceitei o convite de Jesus para ser o meu Senhor, guiando os meus passos e transformando a minha vida. Essa transformação não cai de moda e não envelhece. Ao contrário, ela se renova e brilha mais a cada dia. Basta somente que tu estejas ao lado de Jesus e O busques."

O chute final

Roberto Baggio e Cláudio Taffarel, cara a cara, no centro da atenção de um planeta inteiro. Entre os dois, a bola.

No estádio, silêncio absoluto, os jogadores brasileiros de mãos dadas, as bandeiras de ambos os lados prontas para serem agitadas. O suspense tinha durado até ali, mas estava perto de acabar. Aquele poderia ser o último lance da Copa. A cena final.

Vinte e quatro anos de um grito de vitória entalado na garganta dos brasileiros estavam prontos para vir para fora.

O juiz apitou, Baggio arrancou em direção à marca do pênalti. Taffarel flexionou as pernas para pular.

Baggio chutou! Taffarel não pegou a bola...

O chute de Baggio passou longe, bem longe, muito acima do gol.

E o estádio explodiu!

Mãos para o alto!

Taffarel caiu de joelhos erguendo as mãos e os olhos em direção ao céu.

Nas arquibancadas a torcida brasileira foi de 0 a 1000 em menos de um segundo. Fogos, gritos, abraços, confetes, bandeiras, faixas, serpentinas, sorrisos, lágrimas de alegria, pulos no ar, cambalhotas no gramado.

Explode coração! O Brasil inteiro gritou unânime, lançando aos quatro ventos o tão ansiado grito de vitória: ***Brasil! Te-tra-cam-pe-ão!***

A foto estampada na capa do *LA Times* de segunda feira com o Taffarel ajoelhado me fez acordar para o tamanho da realidade que tínhamos acabado de viver. A manchete era impressionante: ***E Tudo Acabou Assim.***

Fiquei todo arrepiado... porque estava diante da prova concreta da resposta às orações que fizemos durante nossas reuniões:

“Senhor, que vença essa Copa o país que puder trazer maior honra e glória ao Teu nome...”

O mundo teve que reconhecer que o maior espetáculo da Terra acabou assim: com um homem de joelhos agradecendo, louvando e glorificando ao Todo-Poderoso.

Embora Ele não tenha sido visto na festa do encerramento, nem nos 52 jogos, tudo esteve sob Seu controle, nos mínimos detalhes. E

como Deus não divide Sua glória com ninguém, o lance decisivo não saiu dos pés de Baggio, nem das mãos de Taffarel...

– *Deus foi tão justo e bom que não permitiu que eu fizesse a defesa e me tornasse o herói do tetra. Porque é isso que todo mundo pensaria.*

Invisível mas real, Deus esteve no controle de tudo relacionado a essa Copa do Mundo.

E você: quem acha que venceu o Tetra?

FICHA TÉCNICA

Nome: Claudio André Taffarel.

Local e data de nascimento: Santa Rosa (RS), em 08/05/1966.

Estado civil: Casado.

Esposa: Andrea.

Filhos: Catherine e Cláudio.

Livro favorito: A Bíblia.

Herói: Jesus.

Objetivo de vida: Andar sempre com a cabeça levantada, sendo justo e ajudando quem precisa.

Ambição secreta: Não tenho.

A maior alegria da carreira: Vitória na Copa de 1994.

A maior frustração: Derrota na Copa de 1998.

Hobby: Pesca.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Militar.

O que gostaria de fazer depois de aposentar? Morar na Itália.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Bom companheiro.

Clubes onde atuou: *Sport Club Internacional; Parma Calcio; A. C. Reggiana; Atlético Mineiro; Galatasaray* (Turquia).

Seleções: Gaúcha de Juniores, Brasileira de Juvenis e Seleção Brasileira Principal de 1989 a 1998.

Títulos conquistados: Campeão Mundial de Juniores 1985; Campeão Pan-Americano 1987; Vice-Campeão Olímpico 1988; Campeão da Copa da Itália 1992; Campeão da Eurocopa 1993; Campeão Copa do Mundo de 1994; Campeão Mineiro 1995; Vice-Campeão Conmebol 1995; Vice-Campeão Conmebol 1996; Campeão Conmebol 1997; Campeão Copa América 1997; Campeão da Copa das Confederações 1997; Vice-Campeão Mundial 1998; Campeão Turco 1998/1999/2000; Campeão da Copa Turca 1998/1999; Campeão Copa UEFA 2000; Campeão Supercopa 2001; Campeão Copa Itália 2002.

CAPÍTULO 02

FORÇA PARA VIVER

SILAS

Cem milhões de brasileiros apostaram todo seu cacife de esperança em 22 jogadores na Copa de 86 no México. “Ah, se aquela bola tivesse entrado...”, Silas conta o drama no gramado.

Zico e Silas para o aquecimento! – gritou Telê Santana, aos vinte minutos do segundo tempo do jogo entre Brasil e França. Pulei do banco instantaneamente e comecei a agradecer a Deus enquanto fazia o aquecimento.

A torcida incentivava: Vamos lá! Vamos virar! Vamos virar!

No Brasil, cem milhões estavam sofrendo e vibrando. Acho que eles tinham 70% de esperança no Zico e 30%, em mim. O Zico entrou logo e perdeu um pênalti. Era a grande chance da minha vida, justamente no momento mais dramático do futebol brasileiro na Copa do México de 1986.

O jogo continuava 1 a 1 e eu, firme no aquecimento. Telê só me mandou entrar no início da prorrogação, quarenta minutos mais tarde. Nunca me aqueci e orei com tanta firmeza em toda a minha vida! Aqueles trinta minutos de prorrogação significavam para mim um prêmio e uma chance.

Flashback

“Quinze anos haviam se passado desde que ensaiei meus primeiros passes com a bola junto com meu irmão gêmeo, o Paulo Pereira, nas peladas com a molecada de Vila Teixeira, na periferia de Campinas, onde

vivíamos. Éramos os caçulas de uma família de nove irmãos. Minha mãe morreu quando tínhamos quatro anos, mas sua ausência era compensada pelas quatro irmãs mais velhas e pela grande dedicação de meu pai, um aposentado da Fepasa, que conseguiu criar os nove filhos nos caminhos do Senhor.

Ely Carlos, meu irmão mais velho, foi um bom jogador de futebol e, por meio de sua influência, acabei conseguindo a chance de fazer um teste no São Paulo, onde fui aprovado e joguei nas categorias infantil, juvenil e juniores.

Quando me destaquei entre os juniores do São Paulo, o técnico Cilinho resolveu fazer uma grande renovação de valores dentro do time, promovendo a titular a prata da casa.

Joguei super bem na estreia no time profissional e logo ganhei a posição de titular da camisa 8 do São Paulo. Mas, justo na hora que minha estrela começava a brilhar, recebi a notícia mais triste da minha vida: a morte do meu querido velho, que foi um golpe duríssimo de assimilar! Mas a vida tinha que continuar e embarquei para a Rússia com vinte e cinco Bíblias em português e quatro em russo, que ganhamos da Imprensa Bíblica Brasileira. Começamos a fazer reuniões de estudo e oração durante todo o torneio.

Fomos campeões mundiais de juniores, em Moscou, em setembro de 1985, vencendo a Espanha por 1 a 0. Depois do jogo haveria uma festa de encerramento e entrega de prêmios, para os melhores jogadores e goleadores. Para minha surpresa, ganhei o troféu Bola de Ouro, como melhor jogador do mundial de juniores.

Logo depois, veio o título de Campeão Paulista de 1985, a convocação para a Copa de 86 no México. Mas durante toda a preparação da Seleção, sempre que se falava em cortes de jogadores, lá estava meu nome...

Não dependia dos meus esforços, ainda que a vontade de Deus fosse que eu desse o melhor de mim. No dia em que Telê anunciou na TV os

nomes que iriam à Copa, o meu foi citado entre os últimos e na condição de reserva.”

A grande chance

“Agora, finalmente, chegava o grande momento da estreia na Seleção Brasileira, num jogo de Copa do Mundo. O ponto mais alto na carreira de qualquer jogador de futebol.

Entrei com tudo, disposto a correr por mim e por meus colegas desgastados pelos 90 minutos anteriores. Saí-me bem no primeiro lance contra Tiganá. Ganhei confiança e tive certeza de que Deus estava comigo. Não errei nenhum passe, não me cansei e nem senti o tempo passar.

No finalzinho do primeiro tempo da prorrogação, ajeitei uma bola para o Careca, ele me devolveu, rolei um pouco a bola, vi que não tinha ninguém e enchi o pé! A direção estava certa e fiquei torcendo para que ela entrasse, mas ela tocou o travessão, indo para fora.

Se aquela bola tivesse entrado, o destino da Copa teria sido outro...”

Chora Brasil

Quis o destino que o Brasil ficasse fora da Copa, disse com lágrimas nos olhos, o locutor da TV Globo. Terminada a cobrança de pênalti, milhões de brasileiros, pasmados diante de seus televisores, concordaram inconformados com a crueldade do destino.

“Depois de seis meses de “70 neles outra vez Brasil”, de manhã, à tarde e à noite, nós acabamos acreditando que ganharíamos a Copa outra vez. Não estávamos preparados para perder, e muito menos da maneira como perdemos, dominando o jogo o tempo todo sem que a bola chegasse à rede da França.

Mas alguém tinha que ser culpado. Com três bolas na trave e três pênaltis perdidos, ninguém melhor que o destino para ser eleito o culpado

pela nossa tragédia.

Porém, isso não alterou em nada o meu destino, nem o de ninguém no Brasil.

Na verdade, a única jogada que mudou o rumo da minha vida, foi a que fiz quando recebi a Cristo como meu Salvador. O destino da minha vida que antes era a morte, é hoje a vida eterna que tenho em Cristo. A paz, a satisfação, o senso de direção e propósito para minha vida me dão a certeza de que a coisa mais importante do mundo não é jogar na Seleção, mas no time de Cristo.”

Força para Viver

Uma pesquisa de opinião pública que foi encomendada pela Fundação Arthur S. DeMoss apontou Silas como o cristão mais conhecido no Brasil, entre 1986 e 1987.

Por meio de Atletas de Cristo, Silas consentiu em emprestar seu nome, sua imagem e seu testemunho para a campanha de lançamento do livro *Força Para Viver*. Três milhões de cópias foram distribuídas, gratuitamente. Seiscentas mil pessoas escreveram de volta afirmando terem se encontrado com Cristo como Salvador ao ler o livro que ficou conhecido como o “Livro do Silas”.

Depois de conquistar vários outros títulos pelo São Paulo, Silas foi vendido ao *Sporting* de Lisboa onde teve a oportunidade de abrir várias portas para a proclamação do Evangelho em Portugal, por meio da linguagem universal do esporte.

— *O que Silas e os outros atletas fizeram pelo progresso do Reino de Deus em Portugal em apenas um ano, nós levaríamos pelo menos uma década para fazer* —, afirmou um pastor brasileiro radicado em Lisboa.

Silas jogou também na Copa do Mundo da Itália, em 1990 e, antes do embarque, concedeu esta entrevista ao jornal Atletas de Cristo:

Atletas de Cristo (ADC) – Você já era cristão quando começou a jogar futebol?

Silas – *Eu vim para o São Paulo F. C. com 14 anos mas, só um ano depois, aceitei a Cristo.*

ADC – Como é a experiência de ser cristão num ambiente tão barra pesada como o do futebol?

Silas – *Não é fácil, porque as prioridades lá são outras, meus colegas buscam o sucesso, que traz consigo a mulherada, carro bacana e a fama aqui e no exterior. Mas não é por isso que a gente tem que desistir dos valores cristãos. Nas horas difíceis, esses mesmos colegas correm pra gente querendo saber mais sobre Deus e a nossa fé.*

ADC – Que tipo de problemas você já enfrentou como cristão dentro dos clubes?

Silas – *A gozação de alguns colegas, a opinião de alguns técnicos dizendo que eu era muito santinho, não “chegava junto” (jogava duro) dos adversários.*

ADC – Você considera o futebol um dom de Deus?

Silas – *Sim. Inclusive, temos orado nas concentrações da Seleção, para que Deus nos dê habilidade, inteligência e sabedoria dentro de campo, para jogarmos para honra e glória d’Ele, assim como Moisés orou pedindo habilidade para os artesãos que construíram o Tabernáculo.*

ADC – Quer dizer que você orou para Deus melhorar sua pontaria que andava meio descalibrada nas finalizações?

Silas – *Orei sim e fiz um gol contra a Venezuela para acabar com a alegria daqueles que me queriam fora da Seleção.*

ADC – Qual o recado que um atleta do seu porte pode passar no mundo da bola?

Silas – *Quando o homem me colocou no banco para entrada do Careca, a imprensa caiu em cima de mim, dizendo: “E aí, Silas, como é que fica?” Respondi que eu estava ali para servir a Deus e à Seleção em campo, no banco e até fora dele. Ao invés de ficar chateado, passei a*

treinar com mais empenho e um dia o técnico falou “Continua treinando assim que a opinião pública está ficando do seu lado e você vai acabar tendo a preferência.” Acabei voltando ao time e o caso todo foi uma excelente oportunidade para demonstrar minha fé em ação.

ADC – Você esperava ser titular da Seleção de Lazaroni?

Silas – *Não esperava nem ser convocado, pois vim de uma má campanha no Campeonato Português e uma crise no Sporting de Lisboa, em que o clube passou seis meses sem pagar os jogadores. Mas Deus me fez duas surpresas: a convocação como titular e na minha posição. Ainda bem que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, tanto as boas quanto aquelas que achamos ruins.*

ADC – O que vocês fizeram de concreto em prol do time quando o “circo estava pegando fogo” na Bahia e a imprensa queria a cabeça do técnico Lazaroni?

Silas – 1) *Oramos muito pelo treinador porque ele é um cara super honesto com a gente.*

2) *Não chiamos quando ele sacou o Baltazar e eu.*

3) *Nos conscientizamos de que o mais importante do que jogarmos ou não, era o Brasil vencer a Copa América e se classificar para a Copa do Mundo.*

4) *Procuramos transmitir isto aos colegas.*

5) *Oramos pela união e o entrosamento do time; individualmente, por cada colega e para sermos luz e sal ali naquele meio. Pela nossa presença ali a mão de Deus esteve conosco na hora difícil.*

ADC – E os novos no time de Cristo?

Silas – *Quando o Mazinho teve seu encontro com Cristo fiquei tão feliz que me esqueci da Copa América. Só sabia falar da conversão dele. Outro jogador também se converteu com o Baltazar na Bahia e já somos sete na Seleção, contando com o Jorginho, Bismarck e os dois que se converteram em Seul. Eles têm vindo a todas as reuniões, oram legal,*

estão firmes no Senhor e têm crescido muito na vida espiritual, embora não tenham assumido publicamente uma posição como cristãos.

ADC – A comissão técnica tem dito que este é o grupo mais unido com que já trabalharam. Quanto deste entrosamento e do sucesso da Seleção você credita a Deus?

Silas – *Creio que Deus nos colocou ali para interceder, para testemunhar e brilhar como sal da terra e luz do mundo. E abençoou o time inteiro como fez com o povo de Israel por meio da intercessão de Moisés.*

ADC – O que vocês fazem nas reuniões?

Silas – *Oramos pela união do time, pela cura dos que se machucaram e pelos que nos procuram pelo que Deus pode fazer na vida deles. Fazemos uns estudos bíblicos que o Pr. Zick passa para a gente toda semana e cantamos muito ao som do violão.*

ADC – Quem toca?

Silas – *Eu.*

ADC – Canta para a gente a favorita dos jogadores.

Silas – *Reina o Senhor, tremam os povos (2x)*

Ele está entronizado acima dos querubins

O Senhor é grande em Sião (3x)

E sobremodo elevado

Acima de todos os povos

Exaltai ao nosso Deus (3x)

E prostrai-vos aos Seus pés

Pois só Ele é Santo. (Asaph Borba)

ADC – É verdade que nem tudo é um mar de rosas para um cara famoso como você?

Silas – *Minha esposa pode dizer o monte de problemas que a gente enfrenta. O próprio Cristo garante: “no mundo tereis aflições” (João 16: 33). O príncipe desse mundo é o Supertraíra^[1] e ele não nos dá sossego. É nas dificuldades que a gente cresce em todos os sentidos.*

ADC – O que você diria para a moçada que está começando no futebol e na fé?

Silas – *O que está escrito em Josué 1:8 e 9: “Não se canse de lembrar deste livro e trate de meditar nele todos os dias e todas as noites para ter certeza de que está sendo obediente em tudo o que está escrito. Só assim você poderá ter sucesso. Digo e repito: seja forte e corajoso! Nada de desânimo! Nem fique com medo!” (Bíblia Viva). Como o Baltazar dizia para a gente, temos que ser fortes e corajosos não só jogando, mas também no banco de reservas, na Seleção ou num time da quinta divisão.*

No banco com a camisa de Pelé

Apesar de ser o número 10, Silas teve a chance de jogar só os dez minutos finais do jogo em que o Brasil foi eliminado pela Argentina, na Copa de 1990. Depois da Copa, Silas disputou o Campeonato Italiano de 1991 pelo *Cesena* e o de 1992 pelo *Sampdoria*.

Em 1993, ele jogou no Internacional de Porto Alegre e no Vasco. Ficou parado seis meses até ser contratado pelo *San Lorenzo*, da Argentina, em março de 1994, onde estreou marcando o gol da vitória por 1 a 0 contra o *Boca Juniors*.

Parado a todo vapor

Nos seis meses parado sem contrato, Silas treinava todos os dias em Campinas e atendia a inúmeros convites para dar seu testemunho em várias igrejas da região.

Centenas de pessoas entraram para o time de Cristo nesta fase da carreira de Silas.

– *Parece que Deus me transformou num ímã que atraía as pessoas a Cristo naquela fase da minha vida...*

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Paulo Silas do Prado Pereira.

Local e data de nascimento: Campinas (SP), em 27/08/1965.

Estado civil: Casado.

Esposa: Eliane Cristina Grippe Pereira.

Filhos: Nathan e Carole Cristine.

Livro favorito: "O Peregrino", de John Bunyan (Ed. Mundo Cristão).

Herói: Jesus no Céu e Pelé na Terra.

Objetivo de vida: Ser bem-sucedido em tudo quanto fizer.

Ambição secreta: Ser campeão do mundo profissional como titular.

A maior alegria da carreira: Ter sido Campeão do Mundo (Juniões) em 1985.

A maior frustração: Não ter sido Campeão Mundial nas Copas de 1986 e 1990.

Hobby: Coleccionar camisas de clubes.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Gostaria de ser músico ou cantor.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? Quero estar envolvido com o ministério, mas ainda não sei como.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um verdadeiro homem de Deus e como alguém que deixou muitos filhos na fé.

Clubes onde jogou: São Paulo F.C.; Sporting Club Portugal; Central Espanhol de Montevideú; Associazioni Calcio Cesena; Union Calcio Sampdoria; Esporte Clube Internacional; Vasco da Gama; Associazioni Calcio Milan e San Lorenzo na Argentina.

Títulos: Campeão Paulista de 1985 e 1987; Campeão Brasileiro de 1986 pelo São Paulo F.C.; Campeão da Copa das Copas 1991/1992 pela Sampdoria; Campeão Gaúcho de 1992 e Campeão da Copa do Brasil 1992 pelo Internacional de Porto Alegre; Campeão Sul-Americano e Campeão Mundial em 1985 pela Seleção Brasileira de Juniores; Campeão Sul-Americano de 1989 pela Seleção Brasileira profissional.

CAPÍTULO 03

DEUS ABENÇOEA, MAS NÃO SURFA

JOJÓ DE OLIVENÇA

De gravata no púlpito, você veria em Jojó o pastor mais careta da paróquia. De bermuda em cima de uma prancha, o cara liberado, que ama o mar, o sol, o vento, curte *rock*, surfa com os melhores do mundo e é apaixonado por quem o arrancou das drogas para o topo do *ranking*.

O vento leste soprava forte, trazendo do mar a chuva e um frio de arrepiar sobre o verão baiano. A praia de Olivença estava deserta e dentro de um Fusca vermelho com pranchas no teto, o único humano que se atreveu a ir à praia naquela tarde fria lia a sua Bíblia de olho no mar. Ele esperava a maré trazer uma série de ondas para iniciar seu treinamento diário.

Começamos nosso bate-papo entre uma e outra batida de queixo, mas logo fomos todos aquecidos pelo calor da simplicidade, da humildade e da paz interior estampadas no sorriso alegre de Jocélio de Jesus, mais conhecido como Jojó de Olivença, campeão brasileiro de surfe e 3º colocado no *ranking* dos surfistas do Brasil.

Irremediavelmente contaminado

“O mar sempre me fascinou, mas eu não queria nada com o Criador do mar porque morria de vergonha de ser crente. Achava que no dia em que me ligasse na de Cristo teria que virar um tremendo careta e largar do

surf, junto com tudo de bom que a vida oferecia, incluindo as garotas, os embalos, as bolinhas, o chá de cogumelo e a maconha.

Quando já era profissional fui visitar meu irmão. Ele se tratava do vício das drogas internado numa casa de recuperação, chamada Desafio Jovem, de Feira de Santana. Lá eu vi um monte de gente transformada, com uma alegria e uma paz tão contagiantes que eu saí contaminado.

Tive de entrar na de Deus recebendo a Cristo como meu Salvador ali mesmo. Aconteceu uma mudança radical e instantânea na minha vida. Desde então, aquela se tornou a manobra mais emocionante do que pegar qualquer onda! Cresce a cada dia o meu prazer de viver com Deus."

O melhor técnico do mundo

"De cara serei proibido de andar sem camisa! Ir à praia, então, nem se fala! — pensava eu...

Por outro lado, tinha a consciência limpa de que surfar era a vontade de Deus. Enquanto orava e encucava se surfar era bênção ou maldição, Deus me deu uma resposta instantânea: o título de campeão brasileiro de surfe, em 1988.

Eu não era ninguém, mas Deus me pôs lá. Foi um presente e tanto! Hoje meu pastor me aceita, dá a maior força e os jovens da igreja oram por mim em todas as competições. Todo mundo pensa que sou um dos poucos profissionais que não tem técnico. Mas eu tenho sim. Ele é o melhor técnico do mundo! Ele manja tanto de surfe, que até andou sobre as águas e sem prancha!"

Drogas? Tô fora!

"Um dos maiores problemas do surfista é a droga. Ela tira o psicológico, faz o atleta perder a concentração e acaba com o preparo físico. Quando o meu irmão foi para o Desafio, ele já estava até com os "canos" (veias) entupidos e eu ia pelo mesmo caminho.

Além de destruir a carreira, a droga acaba destruindo também a vida do surfista. É uma estrada sem volta, a menos que a vítima encontre o Caminho, a Verdade e a Vida e seja liberto, como aconteceu comigo e com o meu irmão.

Fui viciado durante oito anos. Mexi com maconha, cocaína e enchia a cara pra valer. Quando conheci Jesus e descobri que confiar n'Ele é o maior barato, foi como se meus olhos se abrissem. Percebi que tudo que eu tinha antes era uma máscara muito grande. Com Cristo, a máscara caiu.

Para quem era tão pobre, que só pegava ondas em tábuas de madeirite e ganhou sua primeira prancha como prêmio numa competição, Deus deu o título de campeão.

Para o cara feio, magro, triste e acabado pela droga, Deus deu alegria, muita saúde, energia física e a beleza do brilho no olhar.

Para quem era escravo do sexo, sem ter um amor de verdade, Deus deu a Adriana, uma joia rara que descobri na igreja do bairro de Santa Rosa, no Guarujá, com quem pretendo me casar.”

Rotina de campeão

Um ano depois desta entrevista, Jojó casou-se com Adriana e mudou-se para o Guarujá.

“Tô ligado ao surfe todos os dias. Acordo cedo, faço uma oração, pego minha prancha e vou surfar. À noite vou à igreja participar das orações com a juventude e dos trabalhos de evangelização. Com Cristo as coisas vão sempre se encaixando. É uma coisa muito gostosa. Passo metade do tempo me preparando para as competições. Viajo muito por onde passa o Circuito Brasileiro. Costumo não aceitar a atual situação do homem diante de Deus e sendo conhecedor do Seu grande amor e da Sua grande salvação, procuro dividir isso com todo mundo.”

Antes e depois

“Antes eu vivia aquela vida de todos os dias a mesma coisa. Um círculo vicioso que não me dava satisfação de viver e cuja alegria era realmente passageira. Durava pouco e eu voltava ao mesmo vazio de antes.

Meus pais me falavam muito do Evangelho. Eu achava que esse papo não colava comigo. Sabia que existia um Deus e eu precisava ter um encontro pessoal com Ele, mas só quando estivesse velhinho...

Foi então que comecei a sentir medo da morte e de partir para a Eternidade sem Deus. Decidi me entregar a Jesus por inteiro. Tomar uma dose de Cristo. Convidei-o a entrar na minha mente, no coração, no meu sangue. Fiquei repleto da presença d’Ele na minha vida. Comecei a ler e praticar a Bíblia.

Desfiz-me de um peso enorme que havia em minhas costas, como se estivesse me livrando de uma mochila pesada, que há anos carregava. O peso na consciência foi tirado de mim. Nunca mais voltei atrás. Posso testemunhar que este Jesus é bom, vive e é real.”

O Bicampeonato

“Cheguei a Florianópolis sem esperanças porque a diferença de pontos era grande. O início foi difícil, o mar não dava boas condições e as ondas eram inconstantes. Os outros atletas eram bons, mas eu estava despreocupado.

Já nas finais, o pessoal somou os pontos e descobriu que eu poderia ser novamente campeão se conquistasse o 2º lugar. Pedi a Deus que se Ele tivesse um propósito na vitória, que não fosse só a minha alegria, eu gostaria de ser campeão.

Faltando pouco para o final eu até pensei em pedir ajuda aos outros atletas que não dependiam mais de resultados... Mas Deus não permitiu.

Terminei em segundo lugar na bateria final e conquistei o título.

Na nossa caminhada é Jesus quem luta por nós. Tudo aquilo de que precisamos vem das mãos d’Ele.

Ao agir numa bateria, há duas palavras que procuro colocar em prática: fé e determinação. Quanto ao fato de sempre aparecer uma onda boa na final, é algo comum, porque Deus exerce uma influência direta na minha vida, em todos os momentos.

Mas, às vezes, outras coisas acontecem. No Town & Country de Ubatuba, peguei ondas boas e não me classifiquei. A prancha não estava boa, ou seja, Deus mandou as ondas boas, me posicionei bem, com bastante determinação e fé, mas caí. Outras vezes, Deus manda ondas boas, tenho uma prancha boa, quero 'escancarar' demais e caio."

A grande diferença

"A Bíblia diz que a boca fala o que tem no coração. Então, divulgamos o que há dentro de nós: a Palavra de Deus.

Muitas pessoas não entendem e isso acaba gerando certa polêmica. Alguns pensam que estamos querendo nos promover em cima desta imagem, fazendo marketing pessoal, o que não tem nada a ver.

O que queremos é falar do amor de Deus, para que todos possam ter um encontro pessoal com Cristo, não ser como aquelas pessoas hipócritas que se dizem cristãs, mas estão vestidas com uma capa e suas atitudes não condizem com o verdadeiro Cristianismo. Essa é uma outra situação que gera muita polêmica.

Quando isso acontecer, haverá uma necessidade natural de divulgar o que se recebe de graça da parte de Deus: a Salvação por intermédio de Jesus Cristo.

Cair na noite, tomar drogas e brigar são atitudes que destroem a alma, amizades e famílias. Deus não está presente nessas coisas. São influências do diabo, coisas do mal. Antigamente eu sofria cansaço e fraquezas nas pernas devido ao uso de drogas. Graças a Deus, me sinto completamente recuperado e saudável.

Deus abençoa, mas Deus não surfa! Se eu mesmo não mostrar serviço, vai ser difícil ser campeão. Então eu me dedico e me esforço. Meu surfe

vive em função da minha vida espiritual.

Jesus foi o único surfista que surfou sem precisar de prancha: Ele caminhou sobre as ondas para salvar os seus amigos que estavam num barco, com medo de uma violenta tempestade. Hoje, andamos sobre as pranchas inspirados n'Ele..."

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Jocélio de Jesus.

Local e data de nascimento: Ipiaú (BA), em 20/07/1967.

Estado civil: Casado.

Esposa: Adriana Gonçalves de Jesus.

Filhos: Kaipo G. de Jesus.

Livro favorito: "Este Mundo Tenebroso", de Frank E. Peretti (Ed. Vida).

Herói: Antes d'Ele não houve e depois, não haverá: Jesus.

Objetivo de vida: Adquirir uma fonte de renda com o surfe e trabalhar para o Reino de Deus.

Ambição secreta: Não sei, mas tenho tudo o que quero graças às promessas de Jesus.

A maior alegria da carreira: Foi em 1993, quando alcancei o título paulista profissional, por três pontos não fui tricampeão nacional, além da vaga entre os *Top 44* do mundo.

A maior frustração: Botaram-me para fora da água no Havaí em 1992.

Hobby: Natação.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Não sei, talvez empresário.

O que gostaria de fazer depois de se aposentar? Veja meu objetivo de vida.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? “Pastor sobre as ondas”.

Onde surfa: Surfa pela Associação Brasileira de *Surf* Profissional (ABRASP); Academia Profissional de Surf (APS); *Association of Surfing Professionals* (ASP).

Títulos: Bicampeão brasileiro (1988/1992); Vice-Campeão (1993); Campeão Paulista (1993).

CAPÍTULO 04

O JOGADOR MAIS LEAL DO
MUNDO

JORGINHO

Um dos jogadores mais truculentos do Flamengo e recordista de cartões vermelhos, Jorginho passou por uma transformação de vida tão grande que foi premiado pela Fifa com o troféu *Fair Play*.

*N*ão podíamos perder de jeito nenhum. A derrota deixaria o Brasil fora da Olimpíadas de 1988. A Colômbia vencia por 1 a 0 e, aos dezesseis minutos do segundo, já estávamos todos exaustos por causa da altitude de três mil metros em La Paz.

Quando o Bebeto lançou aquela bola longa nas costas do zagueiro deles, sinceramente, eu não tinha mais gás para chegar nela, mas parti para a bola, clamando: “Me ajuda, Senhor!”

Eu ouvia falar do Senhor havia muito tempo, mas não tinha a mínima ideia de como era ser um cristão. Meu irmão, um alcoólatra inveterado, teve um encontro com Cristo e a mudança na sua vida foi tão marcante que me deixou impressionado, mas eu achava que ser cristão não era para mim. Como eu iria largar as garotas e todas as coisas boas do mundo?

Decidi então que, depois de casado, iria ser “crente”, mas apesar de ter em minhas mãos todas as coisas boas do mundo, eu tinha uma grande falta de paz e de satisfação que se refletiam em meu comportamento no futebol.

Em 1985, fui expulso de campo várias vezes e tomei inúmeros cartões amarelos. Sofri tantas contusões, que acabei me convencendo que só podiam ter feito um despacho contra mim. Apavorado, comecei a buscar a solução nos lugares errados e fui ficando cada vez mais enrolado.

Para completar a encrenca, eu não conseguia ter um bom relacionamento com a Cristina, minha noiva, apesar de a gente se gostar muito.”

Uma pergunta difícil de engolir

“Meu irmão começou a insistir comigo que só Jesus poderia mudar a minha vida. Prometi a ele que aceitaria a Cristo no dia do meu aniversário.

Combinamos uma grande festa para comemorar o aniversário junto com a família. No meio dos preparativos, meu irmão saiu com a seguinte pergunta:

– E se Cristo voltar no dia anterior ao seu aniversário, como é que você fica?

Essa pergunta passou a me perseguir e, daí em diante, só tive sossego no dia em que entreguei minha vida a Cristo. Foi o lance mais importante da minha vida: uma mudança de dentro para fora, uma paz total, uma alegria, uma segurança, uma tranquilidade, algo diferente de tudo que eu já havia experimentado.

Desde maio de 1986, quando fui batizado junto com a Cristina, nunca mais fui expulso de campo, raramente tomo cartão amarelo, não tive mais problemas sérios com contusões e a Cristina e eu passamos a nos amar profundamente.

Deus foi muito bom para mim: fui convocado para a Seleção Brasileira de última hora, mas na condição de titular. Cheguei à Bolívia depois que todos já estavam lá havia quase um mês e encontrei um grupo unido e brincalhão. Eles me receberam dizendo: “Alô, irmão!” E mexeram muito comigo por eu ser cristão.”

Davi e Golias

“Logo que eu encontrei o Teotônio, nosso massagista, me senti em casa: ele me deu a maior força e, juntos, começamos a falar de Cristo para meus colegas.

Tivemos oportunidade de testemunhar para o Nelsinho, o Bernardo, o Mirandinha e o Bebeto, meu colega do Flamengo. A princípio eles ficaram um pouco desconfiados, mas no fim prestavam muita atenção.

Mas, nem tudo foi um mar de rosas na Bolívia, especialmente depois das derrotas e empates. Um jornalista disse que precisava tomar remédio para aguentar um time tão ruim! A imprensa, de um modo geral, queria pôr lenha na fogueira. Só não torciam contra a gente porque quanto mais tempo ficassem por lá, mais grana eles faturariam. Mas nos criticaram muito.

A pressão sobre todos nós foi muito grande. Um dia, quando estava me sentindo fraco, pedi a Deus uma palavra. Abri minha Bíblia em 1 Samuel e dei de cara com a história de Davi e Golias, que eu nunca tinha lido. Fiquei encantado e compartilhei com o Bebeto, Maurício e Denilson. Disse para eles que, se não duvidassem, venceríamos o Pré-Olímpico assim como o menino Davi venceu o gigante Golias. Eles acreditaram e, daí em diante, eu tive a certeza de que seríamos campeões.

Fôlego divino

“Só que para sermos campeões, dependíamos de que eu alcançasse aquela bola lançada pelo Bebeto, quando perdíamos da Colômbia e estávamos todos “um bagaço”.

Graças a Deus, eu alcancei a bola com um fôlego sobrenatural e fiz o gol que iniciou nossa virada rumo à vitória. Depois do jogo, o técnico Carlos Alberto Silva disse numa preleção:

– Isso que o Jorginho falou sobre Golias é muito importante! – ele citou também um texto de Paulo, que está em 2 Coríntios 2: 10 –

“Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.” – e concluiu dizendo – Tenho a certeza de que Deus tem algo bom para nós!

E tinha mesmo, pois vencemos a Bolívia e nos tornamos campeões do Torneio Pré-Olímpico de Futebol, garantindo a participação do Brasil nas Olimpíadas de 1988.

Foi uma vitória que os críticos consideravam impossível. Mas o que eles não sabiam é que “Tudo é possível àquele que crê.” (Marcos 9:23 - NVI)!

A caminho das Olimpíadas

Desde que foi convocada, a Seleção Brasileira viveu momentos de grande intensidade, com muitos jogos, treinos e viagens na fase de preparação para as Olimpíadas.

Jorginho ganhou a companhia do zagueiro Batista, do Atlético Mineiro e, junto com o Teotônio, estavam sempre orando e convidando outros colegas para suas reuniões.

“Começamos com cinco jogadores e o número foi aumentando. Às vésperas da decisão do Torneio Bicentenário da Austrália o time todo estava presente em nossa reunião. Muitos se sentiram tocados, outros vinham com dúvidas e pediam esclarecimentos. Então, entrávamos com a Palavra de Deus. Três deles não perderam uma só reunião e olha que tínhamos reunião todos os dias!

Para os torcedores, “atacamos” como dupla musical, com o Batista tocando violão, cantando uma tradução de ‘Eu quero ser um vaso novo’ em inglês. Os repórteres ficaram tão impressionados que voltaram outro dia pedindo para falarmos mais sobre Jesus.”

O ouro não veio

“Queríamos muito a medalha de ouro nas Olimpíadas, batalhamos por ela, suamos a camisa para valer, mas perdemos para a Rússia na partida final. Mesmo assim, conquistamos a medalha de prata, o que também é

uma grande conquista. O que nos ajudou a consolar a turma foi a palavra que o Alex Ribeiro trouxe para o nosso grupinho, sobre a coroa (medalha) incorruptível que Deus tem para nós. O texto de I Coríntios 9:24 realmente foi confortante naqueles momentos, após o encerramento da partida.

Fiquei muito impressionado com a expansão do Evangelho na Coreia e com a disposição que o povo tinha para buscar a Deus. Um dia, visitamos a 'Montanha de Oração' e soubemos de muitas histórias edificantes, verdadeiras vitórias obtidas por meio da oração, como a de um senhor que estava com câncer e orou durante nove meses, orando. Ele foi totalmente curado! Com exemplos como esses, pude ver como Deus realmente nos ama e responde às nossas preces."

O jogador mais leal do mundo

Daí em diante, o nome de Jorginho esteve presente em quase todas as listas de convocações para a Seleção Brasileira. Ele chegou a ser o capitão do time nas eliminatórias da Copa de 1990.

O Flamengo vendeu seu passe ao *Bayern de Leverkusen*, na Alemanha, onde Jorginho jogou durante três anos sem tomar nenhum cartão vermelho. Antes de Cristo entrar em sua vida, Jorginho confessa que era um dos jogadores mais violentos do Flamengo e perdeu a conta das expulsões que sofreu.

Sua atuação em campo e seu testemunho foram tão impecáveis que a Federação Internacional de Futebol (FIFA) lhe concedeu o troféu *Fair Play*, por comportamento exemplar, como o jogador mais leal do mundo. Segundo os princípios cristãos, esse foi o prêmio mais importante já recebido por um atleta de Cristo, porque Jorginho estava refletindo a imagem de Cristo em sua maneira de jogar bola.

Contra os frutos não há argumentos...

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Jorge de Amorim Campos.

Local e data de nascimento: Rio de Janeiro (RJ), em 17/08/1964.

Estado civil: Casado.

Esposa: Maria Cristina Aguiar Campos.

Filhos: Laryssa, Vanessa e Daniel.

Livro favorito: A Bíblia e “Este Mundo Tenebroso”, de Frank Peretti (Ed. Vida).

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Ser um exemplo de cristão e atleta e uma pessoa simples.

Ambição secreta: Ser evangelista e campeão do mundo.

A maior alegria da carreira: Ter jogado pelo “Mengão” (Flamengo).

A maior frustração: Ter saído nas oitavas de final na Copa do Mundo de 1990.

Hobbies: Família, praia e *shopping*.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Nunca pensei em ser outra coisa.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras?

Profissionalmente não sei, mas quero fazer evangelismo com atletas de Cristo e trabalhar com meninos de rua.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um grande jogador que viveu para a obra de Deus.

Clubes onde jogou: América FC; Flamengo; *Bayer Leverkusen*; F.C. *Bayern München*.

Títulos: Campeão Sul Americano e Mundial de Juniores (1983); Campeão Pré-Olímpico (1984); Campeão Carioca (1986); Campeão

Pré-Olímpico (1987); Campeão Brasileiro (1987); Medalha de Prata nas Olimpíadas de Seul (1988); *Fair Play* FIFA (1991); Campeão Alemão (1993/1994) pelo Bayer de Munique; Tetracampeão do Mundo na Copa de 1994.

CAPÍTULO 05

EU, CRENTE? NEM PAGO!

ZÉ SÉRGIO

Se falassem de religião comigo, eu respondia no ato:

– Pra quê? Eu já tenho tudo que a vida pode me oferecer...

*N*aquele tempo eu tinha o mundo aos meus pés, aliás, parece que meus pés atraíam a bola. Até quando eu errava um chute, errava para dentro do gol!

Tudo dava certo na minha carreira e os títulos se acumulavam sem problemas: duas vezes campeão paulista, três vezes vice, uma vez campeão brasileiro, outro vice e, por fim, a consagração maior: fui convocado para a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1978!

Jogando pela Seleção atuei como titular da ponta esquerda em 1979, 1980 e 1981. A crônica especializada me elegeu O Melhor Jogador do Ano, em 1980.

In love

“Religião pra quê? Eu já tenho tudo que a vida pode oferecer!”

Tudo? Bem, ainda faltava uma mulher em minha vida. Foi aí que conheci a Luciane, me apaixonei e acabamos nos casando. Então, eu tinha tudo e apenas um pequeno inconveniente: ter que ir à igreja com ela de vez em quando e ficar sentado por uma hora ouvindo umas histórias meio chatas que eu não entendia direito. Mas a Lu era tão legal, que merecia o sacrifício.

Em maio de 1981, estávamos jogando um amistoso internacional nos Estados Unidos contra o time da Universidade do México quando um

zagueiro me deu um soco, depois de um corte que lhe dei. Procurei defender-me com o braço, mas o soco foi tão forte que quebrou meu braço. Como resultado fui submetido a três cirurgias e fiquei um ano parado. Quando estava voltando a jogar, quebrei o braço de novo, no mesmo lugar. Para complicar ainda mais as coisas, tive que ser operado outras duas vezes dos joelhos. Quando finalmente concluí a fase de recuperação com o Dr. Nivaldo Baldo, já era tarde para ser convocado para a Copa de 1982, onde certamente seria titular da posição.”

Encarando o banco de reservas

“Depois de oito anos jogando pelo São Paulo, fui vendido para o Santos onde nos sagramos campeões paulistas em 1984. Mas jogar no Santos não era fácil e, em março de 1985, eu estava vivendo a semana mais crítica de minha carreira. Era a primeira vez que eu encarava o banco de reservas, mesmo estando em plenas condições físicas. Sentia-me revoltado com o técnico, inconformado com a situação e de mal com a vida. Percebendo o meu desespero, a Lu me deu uma sugestão:

– Por que você não convida Cristo para entrar em sua vida? Ele pode te ajudar a enfrentar essa barra que é pesada demais para você sozinho!

Essas palavras me incomodaram profundamente. Eu queria perguntar como é que isso acontecia, mas a pergunta não saía da minha garganta de jeito nenhum.”

Salvo na Serra

“Dois dias depois, nós estávamos voltando do enterro do Dr. José Carlos Ricci. Inconformado com a perda do amigo e com a minha situação, reuni toda a minha coragem e perguntei à Lu o que é que eu deveria fazer para que Cristo entrasse em minha vida.

Sua resposta foi simples, mas me atingiu como um torpedo:

– Entregue sua vida a Ele e deixe-O tomar conta de tudo.

Neste momento senti uma coisa estranha e comecei a chorar ao volante do carro. Desci a serra toda chorando e só consegui parar em Santos.

*Chegando em casa, comecei a ler o livro “**Mais Que Um Carpinteiro**” e, aos poucos, fui entendendo o que tinha acontecido comigo. Depois, conversei com o pastor Ary Velloso e ele me explicou como aceitar a Cristo e ser nascido de novo. Depois de ouvi-lo, respondi:*

– O que você quer que eu faça já aconteceu há dois dias, quando Cristo entrou no meu coração lá na estrada.

Daquele dia em diante tudo mudou em minha vida. Eu nasci de novo, percebi que estou aqui apenas de passagem rumo a uma vida eterna com Deus no céu e que tudo que acontece aqui é tão passageiro e sem importância que não vale a pena esquentar tanto a cabeça. Com isso tornei-me muito menos vulnerável às situações desfavoráveis dentro da profissão.

Antes eu era um jogador de pavio curto. Todo mundo sabia que eu explodia à toa. Hoje, à medida que vou crescendo na fé, o pavio foi ficando cada vez mais longo.”

Vivendo o que prega

“Em setembro de 1986 fui vendido para o Vasco da Gama. Cheguei como titular em um time desunido e sem o menor entrosamento. Naquela época, jogava quem gritava mais alto e eu tive a oportunidade de aconselhar muitos colegas que estavam revoltados e inconformados por estarem na reserva.

O ambiente no time melhorou muito, mas eu acabei na reserva e sem condições de chiar. Se eu tentasse me escalar no grito, como todo mundo fazia, estaria me contradizendo perante os colegas que eu aconselhei.

Já que eu não reclamava, nunca mais joguei no Vasco. Fiquei tão revoltado com o técnico que pensei em abandonar o futebol. Finalmente, o técnico caiu e seu substituto me escalou.

Tive três grandes atuações, mas na terceira partida estourei o outro joelho e tive que ser operado mais uma vez. Dediquei-me ao máximo na recuperação física com o Nivaldo, em Campinas e consegui voltar em três meses.

No período em que estive fora, tudo deu certo dentro do Vasco e fomos campeões cariocas sem eu ter jogado uma partida sequer.

Na volta tive que lutar muito para conseguir uma posição no time, mas Deus me deu paz de espírito e alegria para enfrentar a barra da recuperação física e técnica.”

Melhor do que nunca

“Minha carreira não melhorou nada aos olhos do mundo. Mas eu melhorei muito por dentro e Deus tem me dado mais prosperidade espiritual e material agora do que antes.

*Sei que é muito difícil explicar essas coisas às pessoas, aos meus colegas e à imprensa, mas estou melhor e muito mais feliz agora do que quando fui considerado por eles “O Melhor Jogador Brasileiro”. Minha paz, satisfação e segurança são tão grandes que hoje se me oferecessem todo o dinheiro do mundo para voltar ao tempo em que eu tinha o mundo aos meus pés, **eu não trocaria!**”*

FICHA TÉCNICA

Nome completo: José Sérgio Presti.

Local e data de nascimento: São Paulo (SP), em 08/03/1957.

Estado civil: Casado.

Esposa: Luciane Vieira Barbosa Presti.

Filhos: Larissa, Thaissa e Júnior.

Livro favorito: “Este Mundo Tenebroso”, de Frank E. Peretti (Ed. Vida)

Objetivo de vida: Estar a todo o momento no centro da vontade de Deus.

A maior alegria da carreira: Fazer parte da Seleção Brasileira de Futebol.

A maior frustração: As contusões e cirurgias.

Hobbies: Golfe e tênis.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Piloto de competição.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? Já pendurei. Atuar como treinador e me dedicar ao trabalho do Senhor integralmente.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como uma pessoa que levou Deus a sério.

Clubes onde jogou: São Paulo F.C., Santos F.C., C.R. Vasco da Gama, Hitachi E.C. (Japão).

Títulos: Campeão Brasileiro (1977); Campeão Paulista pelo São Paulo F.C. (1980 e 1981) e pelo Santos F.C. (1984); Campeão Carioca pelo Vasco (1987).

CAPÍTULO 06

NA HORA H, SENTI A PRESENÇA
DE DEUS

LUÍZ FELIPE

**Vi oito mil caras torcendo contra do outro lado da baliza.
De repente, a possibilidade do erro passou a ser mil vezes maior
que a do acerto.**

*Faltando sete segundos para o fim da partida contra o Flamengo,
perdíamos por um ponto, quando o Maury fez a falta em mim. Acertar
aqueles dois lances livres daria a vitória ao Sírio Libanês. De repente, a
possibilidade do erro passou a ser mil vezes maior que a do acerto. A
responsabilidade pesou, enquanto meus colegas, nervosos, tentavam me
acalmar, dizendo um monte de coisas ao mesmo tempo.*

– Não digam nada! – gritei para todos.

No canto da quadra orei:

*– Senhor, eu entrego tudo isso nas Tuas mãos e não quero nem saber
o que vai dar! Oito mil pessoas lotavam o ginásio. O barulho era infernal.
Mas quando mirei a cesta não ouvi mais nada, embora visse milhares de
rostos desesperados do outro lado da baliza de vidro...*

Em busca da perfeição

Luiz Felipe é capixaba, tem quase 2 metros de altura e uma média de 25 pontos por jogo. Vem de uma família de jogadores de basquete. Começou a jogar em Vitória, sempre se empenhando para crescer na modalidade. Um de seus alvos era a Seleção Brasileira e a primeira convocação aconteceu em 1985.

“Todos os dias eu luto para aprimorar alguns pontos fundamentais e arremesso em média de 400 a 500 bolas convertidas em cestas. O basquete exige atenção e muita precisão. O segredo é entregar nas mãos de Deus, porque Ele quer sempre o nosso melhor.”

A segunda parte dessa afirmação, Luiz Felipe conheceu por intermédio da então namorada e hoje esposa, Ângela, que veio de família cristã e sempre o “arrastou” para a Igreja. No começo, ele simplesmente a acompanhava. Com o tempo, foi se conscientizando sobre o plano de Deus para a salvação do ser humano, mas parava no medo do que as pessoas iriam pensar, já que era um atleta conhecido. Mas, a necessidade de paz com Deus falou mais alto e Luiz Felipe deu o passo mais importante de sua vida: recebeu a Jesus como seu Salvador.

Na hora “H” senti a presença de Deus

“Arremessei com frieza e precisão as duas bolas do lance livre, no final da partida contra o Flamengo, dando a vitória e mais um título brasileiro ao Sírio Libanês.”

Mas nem tudo são cestas convertidas. Em 1992, Luiz Felipe foi campeão brasileiro com 532 cestas e, paulista com 754. Era o melhor jogador do Campeonato Sul-americano com 174 pontos e considerado, pela crítica, como um dos melhores jogadores do Brasil. Sua convocação para o Pré-Olímpico em Portland, nos Estados Unidos, era certa; mas, inexplicavelmente, ele foi cortado.

Ninguém entendeu. Apesar da dor do corte ele se explicou assim:

“Deus está me sustentando com muita paz e alegria, e gostaria de compartilhar isso com você, porque estou me gloriando em Deus nesta hora difícil. Meu corte é parte de uma grande batalha espiritual. Deus tem um propósito em tudo isso. Ele nunca perde o controle da situação.”

Luiz Felipe também foi cortado do Pan-Americano pelo mesmo técnico e, só mais tarde, percebeu que o torneio foi bom apenas para quem ficou de fora...

“Este é o Deus que está no comando da minha vida e de minha carreira. Nada me acontece ou acontecerá por acaso.”

Fogo no aquecimento^[2]

O clima era de grande tensão na decisão do Campeonato Paulista de 1993, Blue Life Rio Claro contra Satierf/Sabesp.

*“Eu tinha acabado de ler o livro **Espírito Santo, o Deus que habita em nós**^[3] e vinha refletindo sobre o assunto com toda cautela da minha mente analítica.*

Ao começar o aquecimento senti algo que nunca tinha sentido em minha vida. De repente, justo na hora da decisão, senti uma forte visitaçã do Espírito Santo cair sobre mim. Foi um enchimento instantâneo e delicioso.

Senti uma força tão grande que fiquei constrangido com a presença do Senhor e, por mais que eu tentasse me controlar, lágrimas de alegria rolaram dos meus olhos.

Um dirigente do meu time percebeu. Ele estava muito tenso e eu procurei tranquilizá-lo com a pergunta:

- Você está com medo?*
- Estou borrando as calças de medo... – ele respondeu.*
- Não se preocupe tudo vai dar certo, mais do que nunca Deus está do nosso lado! – retruquei.”*

O ano mais difícil da carreira

“As contusões aconteciam uma atrás da outra. Fiquei dez jogos afastado do time e mesmo parado não ficava bom. Eram contusões atípicas que mudavam de lugar no meu corpo.

Comecei a orar junto com o meu pastor. Ele diagnosticou que estávamos diante de uma força espiritual maligna. Acordei para o fato de que precisava sair da inércia espiritual e buscar a presença de Deus para resolver esta dificuldade e conquistar o poder d'Ele para essa grande batalha espiritual.

Logo, toda a igreja estava nos apoiando nesta guerra. Deus respondeu de forma rápida e positiva. Fui curado das contusões, mas descobri que não havia mais lugar para mim no time.

Voltamos a orar. Deus fez justiça destruindo a conspiração que tinham armado para me deixar de fora. Voltei no momento em que o time estava tão por baixo que ninguém acreditava mais em nossas chances naquele Campeonato.

Nunca joguei tão bem e nem vi Deus abençoar tanto uma equipe de basquete quanto abençoou a nossa. A ascensão do time coincidiu com a minha entrada e rapidamente o meu nome começou a ser tremendamente badalado."

Abençoado por Deus

"As vitórias na quadra nos levaram até a grande final do Campeonato Paulista, com um novo sabor para mim.

Descobri que nós somos a menina dos olhos de Deus. Aprendi sobre como o poder d'Ele se aperfeiçoa na nossa fraqueza. Vi a Palavra de Deus se cumprir no meio da tribulação, da dificuldade e da angústia.

Experimentei a justiça divina em ação na minha vida.

Em um mês e meio, eu que estive fora do time e dos planos do treinador, fui transformado em estrela do time e do Campeonato. Tornei-me também um dos intocáveis no esquema do técnico."

A grande final

"Entrei na quadra, cheio do Espírito Santo e joguei de forma sobrenatural! Ganhamos o jogo, fui cestinha da equipe e saí com uma

medalha no peito.

Mas, acima de tudo saí convencido que a medalha estava no peito de Jesus, que me colocou nesta posição de destaque para que eu pudesse falar a muitos de uma vitória maior: a que Ele conquistou por mim e por você no lance da cruz. Ser campeão de verdade é ter Jesus no coração e não uma medalha no peito.”

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Luiz Felipe Faria de Azevedo.

Local e data de nascimento: Vitória (ES), em 08/10/1964.

Estado civil: Casado.

Esposa: Ângela V. S. de Azevedo.

Filhos: Luiz Felipe Filho, Carolina e Eduarda.

Livro favorito: “A crise do Ser e do Ter”, de Caio Fábio (Ed. Vicom).

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Ser veículo de salvação às pessoas.

Ambição secreta: Retornar para a cidade onde nasci.

A maior alegria da carreira: Chegar à Seleção Brasileira.

A maior frustração: Não ter participado das Olimpíadas, em Barcelona.

Hobby: Ficar com a família.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Seria médico.

O que gostaria de fazer depois de pendurar o tênis? Viajar com a família e, depois, pensar em alguma coisa.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como alguém que não passou em branco pela história, mas como uma pessoa que marcou a história em nome de Jesus Cristo.

Clubes onde jogou: Sírio Libanês (ES); Botafogo (RJ); Palmeiras (SP); E.C. Sírio (SP); Lwart (Lençóis Paulista, SP); Banespa (Jales, SP); Blue Life (Rio Claro, SP).

Títulos: Campeão Juvenil Carioca; Campeão Juvenil Paulista; Campeão Brasileiro (1988); Campeão Paulista (1989); Campeão Sul-Americano (1989); Campeão Paulista (1991/1993); Campeão Brasileiro (1991).

CAPÍTULO 07

TINHA TUDO PRA DAR ERRADO, MAS VENCEU!

CIÇA MAIA

Nascida em uma família muito pobre com sete filhos, Ciça nunca conheceu seu pai. Ainda criança foi despejada junto com a família. Tiveram que dormir nas ruas do Rio de Janeiro até serem abrigados por uma caridosa que já tomava conta de outras cinco crianças enquanto sua mãe trabalhava como empregada doméstica.

Quando viram que aquela senhora não daria conta de manter as crianças, alguém a denunciou ao Juizado de Menores e ela foi intimada a devolver as crianças ao seu responsável. Mas como não conseguiram localizar a mãe, as crianças foram largadas na rua, outra vez.

Dona Jussara, outra mulher piedosa, teve pena e as acolheu até a mãe ser localizada e pedir socorro ao Juizado de Menores. Por ordem da Justiça, Ciça e cada um de seus irmãos foram acomodados em diferentes orfanatos. Daqui para frente ela conta sua fascinante história para você.

“Senti muito a falta de meus irmãos. Pensei que nunca mais iria vê-los e chorei desesperada. Fiquei revoltada e com um grande ressentimento no coração contra tudo e todos; inclusive contra Deus. Eu não entendia que o que estávamos passando era fruto das escolhas de minha mãe. Durei só um ano no Educandário Nossa Senhora de Fátima porque era totalmente

rebelde e oposta a toda autoridade e disciplina. Acabei expulsa como uma criança impossível. Estava com onze anos.

Minha mãe me mandou viver com uma amiga em Campo Grande. Ela me aguentou por mais um ano. Quando desistiu de mim, minha mãe voltou a pedir socorro ao Juizado de Menores. Uma juíza me adotou como babá de seus filhos e passei a viver numa família de classe média alta. Matriculada em uma boa escola pública, estudei até concluir o primário. Como brincava muito com os brinquedos que nunca tive e não cumpria bem as minhas tarefas, me mandaram para outra casa para tomar conta de um bebê de 6 meses.

Acostumada a lutar pela sobrevivência de cada dia, não tinha a menor noção da necessidade de ter uma formação acadêmica. Por isso, nunca levei os estudos a sério e fui reprovada várias vezes. Acabei despedida e obrigada a morar um tempo com minha mãe no barraco onde ela vivia com seu mais novo companheiro.

Fabinho, o bebê de quem eu tomava conta, estava com quatro anos e como tinha se apegado muito a mim, vivia chorando e com febre. Então me chamaram de volta para acompanhá-lo em sua adaptação escolar. A diretora me viu brincando com as crianças, gostou e me convidou para trabalhar como auxiliar das professoras. Minha patroa concordou.

As professoras me convidaram para conhecer a academia que queriam frequentar. Lá chegando, ouvi uns gritos e perguntei o que estava acontecendo. Era uma aula de karatê. Maravilhada, assisti à aula, me lembrando dos filmes de Bruce Lee, dos meus sonhos de menina: 'Um dia vou aprender esse negócio e bater em todo mundo!'

Fiquei apaixonada pelo esporte, consegui emprestado um quimono gigante, juntei meus trocados e me matriculei. Eu adorava treinar e soltar o grito pondo para fora tudo que estava entalado em meu peito. Em vez de estudar, passei a treinar karatê e me destacar no esporte. Em menos de um ano o professor me inscreveu no primeiro campeonato que apareceu. Estava com 21 anos e era faixa laranja, mas fui inscrita numa categoria

superior, para lutar contra garotas faixa verde até preta. Saí-me muito bem, terminando em terceiro lugar. Foi o maior sucesso e meus colegas só diziam: 'Você leva muito jeito para isso!'

Passei a treinar mais vezes por semana e fui convocada para a Copa Brasil. Acabei vencendo e participando de uma seletiva para representar o Brasil no Mundial de Karatê no Egito, com tudo patrocinado pelo MEC. Já era faixa verde, mas me inscreveram como marrom. Fizemos treinamentos intensivos na USP, em São Paulo, e achei que iria arrasar. Mas lá chegando descobri que iria lutar contra as faixas pretas. Na minha primeira luta peguei logo de cara a japonesa campeã mundial e tomei uma surra homérica.

Chorei adoidado e prometi para mim mesma que iria treinar e me concentrar ao máximo com o objetivo de derrotar as japonesas. Em 1990, disputei minha primeira Copa só de mulheres. Fui vice-campeã mundial."

Feliz no jogo, infeliz no amor

"Eu era um sucesso, mas minha vida sentimental era um caco. Tentando preencher a carência afetiva da falta de um pai, comecei a investir nessa área da maneira errada e acabei me prostituindo. Entregando-me a muitos homens, fui usada e usei muita gente na tentativa de encontrar um homem perfeito que me amasse de verdade. Acabei morando durante dois anos com um cara vinte anos mais velho. Quando pensei que estava estabilizada, ele disse que tinha outra e me deu o fora. Fiquei arrasada.

Um ano depois, ele, que era um cara sarado, morreu de AIDS e me aconselharam a fazer o exame. Ao descobrir que também poderia morrer fiquei deprimida. Algumas amigas tentaram me ajudar a sair da fossa levando-me para sair com uma turma que me apresentou à maconha como a solução para todos os meus problemas. Entrei de cabeça no mundo das drogas. Já não tinha mais vontade de treinar, fiquei meio mole, devagar e relaxada nos treinos, mas ainda lutava bem e fui vice-campeã mundial no

Japão em 1991. Minha cabeça, alma e coração viviam atormentados com o medo de estar com AIDS e o pavor de fazer o exame e ter a certeza do que eu mais temia.

No meio desse turbilhão fui convidada por um amigo para uma reunião de jovens libertos das drogas. Fiquei enrolando até que ele me disse: 'Se você pensa que Deus vai te mandar um anjinho para falar no teu ouvido sobre um caminho novo, eu não vou te ajudar. Você precisa tomar uma decisão.'

Tomei um susto com essa afirmação e resolvi ir à igreja. Em janeiro 1991, entrei pela primeira vez em uma igreja, assustada, com medo de ser posta para fora. Mas fui bem recebida e gostei.

*Comecei a frequentar às terças e aos domingos, conscientizei-me da minha condição de pecadora e entendi o plano de Deus para minha salvação. Um dia tomei a decisão de ir à frente declarar publicamente que recebi a Jesus como meu Salvador. Logo em seguida, conheci **Atletas de Cristo**, liderado pelo Zick. E lá aconteceu a minha libertação das drogas. Comecei a me afastar dos drogados. Passei a recusar os convites até eles chegarem à conclusão de que eu estava estranha e esquisita demais para andar com eles. Daí em diante, os convites diminuíram e pude caminhar sem essa pressão. Foi uma batalha muito grande. Mas eu estava em estado de graça por ter encontrado meu lugar no planeta, percebido que eu existia, tenho valor e um propósito específico para minha existência."*

Amor Ágape

"Meus questionamentos por nunca ter conhecido meu pai ainda me perseguiam: 'Por que ele não me amou? Será que meu nascimento não teve nenhum significado para ele?'

Esse sentimento de abandono foi uma ferida aberta que me atormentou durante anos. Mas quando descobri que Deus me amava independente de qualquer coisa, fui curada ao perceber a grandeza desse amor e descobri que nada mais importava. O amor de Deus restaurou totalmente a minha

alma e me curou dos traumas do meu passado, me fez perder o medo do futuro e ser uma mulher super-realizada!

Sabia que Deus me amava e era tudo aquilo de que eu precisava e esse amor era tão grande que eu precisaria compartilhá-lo com todos que cruzassem meu caminho. Daí para frente, Ele reescreveu a minha história e passei caminhar confiante, debaixo da Sua proteção. No fim de 1991, confirmei minha decisão no Congresso de Atletas de Cristo e celebrei o marco da grande virada em minha vida.

Quando eu entrava para lutar nos tatames, eu não tinha que provar nada para ninguém, porque o Amor Ágape me supria de tudo. E aí, os resultados passaram a vir naturalmente. Eu treinava com gosto, descansava bem, Deus foi me dando criatividade e novas estratégias fazendo com que meu desempenho evoluísse a cada competição. Percebi que Cristianismo não é conquistar títulos, mas tirar o que há de melhor de dentro de mim.”

Campeã do mundo!

“Parti para o Mundial de 1992 com a convicção de que o talento e a glória não são nossos, mas de Deus. Mudei minha postura e passei a lutar para Deus. A mudança foi tão drástica que meus técnicos e colegas perceberam. Tornei-me uma atleta muito mais competente e corajosa. Daí em diante, eu entrei nas competições muito mais bem preparada psicologicamente. Em julho 1992, tornei-me a primeira brasileira campeã mundial em Fukuoka, no Japão. Deus abriu as comportas do céu e ‘choveu muito na minha horta’ no momento certo. Fui campeã dos Jogos Regionais, Campeã Brasileira, Sul-Americana e Pan-Americana.

*Um dia, entrei na Livraria Saraiva junto com umas colegas e folheando a última edição do **Guinness**, dei de cara com o meu nome como a primeira sul- americana a conquistar um título mundial no Japão. Quase caí de costas de tanta emoção, mas o Espírito Santo me alertou na hora*

que mais importante era ter o meu nome escrito no Livro da Vida, nenhuma conquista é maior do que essa.”

“Me respeita, cara!”

“Foi quando pintou um jovem goleiro que me ensinou a estudar a Bíblia e me acompanhava até o ponto do ônibus, depois das reuniões de Atletas de Cristo. Passado um tempo, ele se declarou para mim e eu dei um tremendo corte nele: ‘Me respeita, cara! Eu sou faixa preta e posso te quebrar todinho!’

Eu estava tão bem que não queria misturar um relacionamento carnal com o espiritual. Levou um ano até ele me convencer sobre suas intenções de me amar, casar e ter uma família. Começamos a namorar em novembro de 1992 e, um ano depois, nos casamos. O nome dele é Fabio Maia, um goleirão com quase 2 metros de altura e um coração maior do que ele.

Não pude disputar o Mundial de 1994 por falta de um patrocinador para custear minha passagem, porém consegui muitas vitórias nacionais e internacionais. Mas Deus me falou que a aliança que Ele tinha comigo era eterna. Isso me confortou tremendamente e fui consolada com a certeza que Ele tinha algo muito melhor para mim.

Fiquei grávida em 1995 e parei de competir. A chegada de nossa filha, Anna Carolina, foi um marco da presença da graça de Deus em nossas vidas. Por isso a chamamos de Anna, que significa graça, favor imerecido. Antes dela completar um ano, eu voltei a competir e vencer.”

Derrubando gigantes

“O Mundial de 1998 foi no Rio de Janeiro. Eu estava em perfeita comunhão com Deus e bem focada na competição. Um estrategista espanhol foi contratado pela Confederação Brasileira de Karatê com o objetivo de conquistar o maior número de medalhas para o Brasil. Ele convocou todos os atletas para uma reunião e escreveu no quadro o nome de três atletas que não tinham a menor condição de ganhar, porque foram

inscritos, em sua opinião, em categorias erradas. Um deles, era o meu, na categoria open, sem limite de peso.

— Esse cara não conhece o meu Deus e não sabe que os impossíveis dos homens são possíveis para Ele. — pensei comigo.

Naquela noite, minha filha de 4 anos pediu que eu lhe contasse uma história. Comecei a ler a de Josué:

“Eu nunca te abandonarei. Seja forte e corajoso. Lembre-se da minha ordem: seja forte e corajoso! Não fique desanimado, nem tenha medo, porque eu o Senhor, seu Deus, estarei com você em qualquer lugar para onde você for!”^[4]

Entendi que essa Palavra era para mim.

No dia seguinte, gelei ao ver o tamanho, o peso, os gritos e a força das pancadas de minhas adversárias na hora do aquecimento. Lembrei-me das palavras da história de Josué e comecei a suplicar enquanto me aquecia:

— Senhor, me capacita! Senhor, me capacita! Senhor, me capacita, senão eu estou frita!

Em vez de olhar para as circunstâncias, apelei para Deus e uma a uma eu fui derrotando minhas adversárias até conquistar o segundo título de campeã mundial. Chorei muito, me ajoelhei no tatame e agradei de toda a minha alma. Depois, fui cumprimentar o estrategista espanhol, ao invés de esfregar a medalha na cara dele como queriam minhas colegas.”

Tricampeã do mundo!

“Segui ganhando tudo até ficar grávida em 2002. A chegada da Anna Bharbara veio confirmar a superabundante graça de Deus, onde abundou o pecado. Logo depois, veio o Fabinho Allef, ou Alfa, o nome da primeira letra do alfabeto hebraico. Tem tudo a ver com o número um, d’Aquele que ocupa o primeiro lugar na vida de nossa família. Fiquei seis anos fora dos tatames na minha fase de gravidez, recuperação e maternidade. Quando voltei a lutar, ninguém fez muita fé que seria possível, mas conquistei o

terceiro título mundial no Canadá aos 42 anos. De lá para cá, prossigo lutando, apesar de estar com 50 anos!”

Leva e traz

“A necessidade de compartilhar o amor de Deus sempre me fez testemunhar. Comecei timidamente só com meu exemplo, depois passei a fazer reuniões no meu quarto com as atletas. Quando fiquei mais corajosa contatava entidades semelhantes a Atletas de Cristo e Sociedades Bíblicas dos países onde competia, ligando sempre o útil ao agradável. O agradável é exercer o talento competindo e úteis são as oportunidades para compartilhar Jesus com os atletas que vivem situações muito parecidas com as que eu vivi.

Antes eu levava e trazia drogas em minha bagagem para uso próprio. Depois passei a levar Bíblias e livros para vários países onde atuei como atleta missionária. Essa é a real alegria e certeza de que meu trabalho não foi em vão, porque nem tudo se resumiu a títulos e medalhas, mas em muitas vidas que ouviram falar do Maior Amor que alguém pode receber em seu coração. Ele é tão bom, que me premiou com o maior anseio da minha vida terrena: ter uma família funcional, com um marido amoroso, filhos e um lar onde eu me sinto muito amada. Tudo que Deus faz é maravilhoso. De acordo com a Sua vontade, que é boa, perfeita e agradável.”

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Maria Cecília de Almeida.

Local e data do nascimento: Rio de Janeiro (RJ), em 24/05/1966.

Estado civil: Casada.

Marido: Fabio de Oliveira Maia.

Filhos: Anna Carolina, Anna Bharbara e Fábio Allef.

Livros favorito: Bíblia Sagrada e “Mais que o Ouro”, de Jaime Fernández Garrido (Ed. SBB).

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Terminar minha formação acadêmica.

Ambição secreta: Ter um instituto para ajudar crianças a amarem a Jesus e alcançarem seus sonhos.

A maior alegria da carreira: Chegar ao topo e conquistar o primeiro título mundial do Brasil no Karatê, em 1992.

A maior frustração: Pela conquista desse título, fui contemplada com um prêmio da Nossa Caixa Nosso Banco que me seria repassado por meio da Confederação Brasileira de Karatê. Mas nunca recebi nem um centavo dessa grana. Ameaçada, fui obrigada a deixar para lá. Minha vida e o destino de minha mãe teriam sido muito diferentes.

Hobby: Praticar aventuras, como rapel e trilha.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Piloto de Avião.

O que gostaria de fazer depois que se aposentar? Pretendo cuidar das crianças do meu Instituto e treinar uma equipe de karatê.

Como gostaria de ser lembrada daqui a cem anos? Como uma mulher de Deus, que combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé.

Clubes e equipes onde treinou: Seleção Estadual, Seleção Brasileira, Vasco da Gama, Guarulhos, São Caetano, Santo André, Paulínia, Barretos, Jaboticabal, Araraquara, Itajaí e Blumenau.

Títulos: Tricampeã Mundial, Pentacampeã Sul Americana, Tetracampeã Pan Americana, Campeã do Open de Paris, 20 títulos brasileiros, 20 títulos estaduais, 21 títulos regionais e 21 títulos dos Jogos Abertos.

CAPÍTULO 08

EU TINHA TUDO, MAS NÃO ESTAVA COM NADA

BITA

Jovem, surfista, boa pinta, solteiro, de carro novo, namorada nova e prancha nova, tinha tudo, mas não se satisfazia com nada.

Agitado, ágil no raciocínio e nas palavras, Bita pode falar tão rápido quanto um locutor de rádio *pop* quando prega empolgado sobre as maravilhas do Senhor. Quem o vê no púlpito, despejando o verbo em sua audiência, jura que Bita saiu do fundo de um Seminário Pentecostal e não de cima de uma prancha, onde cavalgava as ondas nas badaladas praias da tribo do *surf*. Esta matéria foi publicada no Jornal de Atletas de Cristo em junho de 1987, quando Bita ainda vivia na crista das ondas:

“Eu só queria saber de pranchas novas, andar na moda, namorar a gatinha mais cobiçada da praia, ser campeão, andar numa caranga do último tipo e ser conhecido e admirado por todo mundo.

Em dezembro de 1979, a sorte sorriu para mim, mesmo sem ter encontrado o “gênio da lâmpada de Aladim”. Passei no vestibular, na segunda chamada e isso significava seis meses sem aulas. Consegui amarrar a garota dos meus sonhos, ganhei um patrocinador, que me dava pranchas novas sempre que eu quisesse, venci o campeonato e ganhei um carro zero quilômetro.

De repente, eu tinha tudo. Agora sim, eu seria feliz! Mas para minha surpresa eu continuei tão vazio e sem paz quanto antes. Droga! Será que a

vida é só isso? Eu queria mais! E, em busca do algo a mais, parti para as drogas e consegui uma paz e uma alegria tipo 'Denorex: parece, mas não é.'

Acabei me viciando para valer e passei a viver uma vida miserável.

Um dia, quando já estava numa de horror, cheguei em casa tarde da noite e encontrei o Novo Testamento que havia ganho dos Gideões, há muito tempo atrás, quando ainda era aluno no Colégio Catarinense.

*Abri em uma página qualquer e dei de cara com o seguinte papo: “**Se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus**”^[5]. Isso não fazia o menor sentido. Nascer de novo... Nascer de novo.... Isso não saía da minha cabeça e do meu coração. Mas como não tinha ninguém para me explicar, eu achei que estava pirando de vez.*

De repente, numa praia de Florianópolis em julho de 1982, Deus falou direto ao meu coração mostrando que nascer de novo é morrer para a vida de pecado (separação de Deus) e começar tudo de novo, tendo Jesus como Chefe e Salvador. Daí para frente pintou uma fome de Bíblia tão grande que devorei aquele Novo Testamento em um mês. Quando acabei, comecei a ler de novo.

Como por encanto, Jesus me livrou das drogas e da vida atrapalhada que eu levava e me deu uma alegria tão grande que hoje, quase doze anos depois, eu vivo só para seguir, amar e adorar a este Jesus.

*Continuei a surfar e cada vez melhor. Minhas pranchas ganharam a inscrição '**Jesus Salva**'. Comecei a falar de Cristo para todos os surfistas e minha história foi publicada nos maiores jornais e revistas do país e também na TV, no Esporte Espetacular e no Fantástico.*

Casei-me com Claudia, que também teve um encontro pessoal com Cristo e moramos em Florianópolis, onde ajudo a cuidar de um hotel da minha família e sou conhecido por todos como “Bitá, o Surfista de Cristo”.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Rubens Carlos Pereira Filho.

Local e data de nascimento: Blumenau (SC), em 25/02/1961.

Estado civil: Casado.

Esposa: Claudia Cargnin Pereira.

Filhos: Paula.

Livro favorito: A Bíblia.

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Ser imitador de Cristo.

Ambição secreta: Ser um canal por meio do qual Jesus realize milagres maravilhosos.

A maior alegria da carreira: Ser entrevistado pelos meios de comunicação e poder falar de Jesus.

A maior frustração: Ver uma pessoa rejeitar a mensagem da Salvação.

Hobbies: Surfe e musculação.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Cantor Gospel.

O que gostaria de fazer depois de se aposentar? Continuar pregando o Evangelho.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um imitador de Cristo.

Títulos: 35 troféus, 2 campeonatos brasileiros, 40 medalhas e um circuito estadual.^[6]

CAPÍTULO 09

TIME FOGE DE CAMPO PARA NÃO MORRER LINCHADO

BATISTA

O jogo terminou em pancadaria dentro e fora do campo. No meio do tumulto um cara caiu morto no gramado. Enfurecida, a torcida adversária resolveu linchar todo o time de Batista.

Era o jogo final da taça CBF de 1984, uma espécie de módulo amarelo da Copa Brasil. Remo e Uberlândia eram os finalistas e o jogo era em Belém, favorecendo o time do Remo, incentivado por sua torcida fanática.

Mas o Uberlândia venceu. A torcida, inconformada com o resultado e com a atuação do juiz, invadiu o campo. Quem ficou na arquibancada viu outro tipo de jogo: polícia, cachorro, Uberlândia e juiz *versus* a multidão enfurecida e o Remo. Socos, pontapés, rasteiras, corre-corre, palavrões e mordidas, substituíram a bola e os dribles.

No meio da pancadaria, um torcedor caiu morto e alguém gritou: “Foi um jogador do Uberlândia que matou o cara!”

“De repente, a multidão toda se voltou contra o nosso time, que saiu correndo para dentro do vestiário. Fechamos a porta e todos nos escoramos atrás dela, enquanto a galera gritava: ‘Pega! Lincha! Mata!’ ”

Ah, se eu escutasse o que minha mãe dizia!

Dona América, a mãe, queria que fosse médico. Apesar de ter se tornado um bom peladeiro, Batista seguiu os conselhos de dona

América até concluir o segundo grau, quando fez um teste no Uberlândia F.C. e foi aprovado e contratado. Para conciliar o futebol com os estudos, ele trocou a Medicina pela Educação Física e foi até o fim do curso.

Agora, além do diploma, ele tinha em suas mãos o título de campeão brasileiro da Taça CBF. Mas não tinha certeza se sairia vivo daquele vestiário, pois a galera já estava quase arrombando a porta para linchar o time todo.

“Felizmente o reforço chegou e a Polícia conseguiu nos livrar da multidão, mas, em compensação, levou o time inteiro em cana, de onde nós só saímos no dia seguinte, quando a autópsia do finado torcedor revelou que ele morreu de aneurisma e não da pancadaria.”

Fica esperto, Batista!

“Como todo jogador, eu tinha grandes sonhos: jogar numa grande equipe, ser famoso e gozar de todos os prazeres da vida.

Minha vida religiosa era bastante ativa. Procurava ir à missa quase todos os dias da semana e, sempre que lá estava, dizia para mim mesmo: ‘A partir de hoje serei um cara bonzinho.’ Mas logo que terminava a missa, virava a esquina e começava a fazer as mesmas coisas erradas de sempre.

Eu era muito supersticioso. Para espantar o mau olhado e a inveja não dispensava o raminho de arruda. Havia dentro de mim uma inquietação e um vazio que me deixavam muito triste, por isso procurava intensificar as atividades religiosas para preencher o vazio. Mas nada mudava em minha vida.

Um dia, quando menos esperava, um dos meus grandes sonhos começou a se concretizar: fui contratado pelo Atlético Mineiro! Agora sim, no time grande a minha vida irá mudar. Afinal, poderei ter tudo aquilo com que sempre sonhei.

– Fica esperto com o João Leite que ele vai querer te converter! – advertiu um dos meus colegas, antes da minha ida para Belo Horizonte.

– Fica tranquilo que ele não me pega não. – foi a minha resposta.

Mas logo de cara tive uma contusão séria e fiquei parado um tempão. O pior é que o pessoal do clube entrou numa de achar que eu não tinha nada e estava pipocando. Minha decepção com o sonho do clube grande foi enorme e pra piorar eu não conhecia ninguém em Belo Horizonte. Fui ficando triste e passei a pensar muito na vida.

Era como se eu estivesse diante de uma fonte seca. Mesmo no clube grande, eu continuava sedento e com aquele incômodo sentimento de vazio dentro de mim.”

Encontrou a verdade no Dia da Mentira

“Foi aí que comecei a frequentar as reuniões de Atletas de Cristo. Quatro meses depois, entendi que Cristo morreu em meu lugar naquela cruz, me livrando da morte eterna, que é uma encrenca muito maior do que aquela do jogo contra o Remo em Belém.

Nunca mais esquecerei daquele dia 1º de abril de 1985. No dia que o mundo consagrou para o pai da mentira, como o Dia da Mentira, eu conheci a Verdade. A partir de então, os meus valores começaram a mudar.

Conheci irmãos maravilhosos que me ajudaram na nova vida com Cristo e comecei a frequentar uma igreja, onde tive a oportunidade de aprender de tudo sobre a Palavra de Deus.”

Uma semana depois, o momento de Deus

“Nos três meses que se seguiram, fiquei no time como reserva. Louco para ter uma chance de jogar, falei sobre isso com o João Leite. Aquele com quem todo cuidado era pouco, tornou-se agora, meu pai na fé. João disse para eu orar e esperar o momento de Deus, lendo I Pedro 5:6:

'Se vocês se humilharem debaixo da mão poderosa de Deus, em Sua ocasião oportuna Ele levantará vocês.' (A Bíblia Viva).

Fiz tudo do jeitinho como o João mandou e uma semana depois, fui escalado para o banco de reservas, o que já era uma grande vitória; mas, na última hora, o titular se contundiu e eu entrei jogando. Aleluia!"

Desde esse dia, Batista nunca mais saiu do time titular do Atlético Mineiro e sagrou-se Bicampeão Mineiro em 1985 e 1986.

Poder nas madrugadas

Apesar de jogar na defesa, sua especialidade em campo é fazer aqueles gols que ninguém espera.

"Sempre que me via pressionado numa decisão, acordava bem cedo para orar, pedindo a Deus que me desse um gol. Ele me deu aquele lindo gol de bicicleta contra o Flamengo na semifinal do Brasileiro de 86 e outro contra o Cruzeiro."

Por suas atuações seguras e seus gols antológicos, Batista acabou sendo convocado para a Seleção Brasileira que excursionou pela Europa e Israel, em agosto de 1987 e nos amistosos de fim de ano contra o Chile.

Correndo o risco

Depois do jogo contra o Chile, a imprensa começou a cobrar sua cabeça. O técnico Carlos Alberto Silva, pensando em protegê-lo, ofereceu-lhe a oportunidade de não se expor às críticas e cobranças, ficando no banco contra a Alemanha, em Brasília.

"Foi uma decisão difícil. Cheguei a duvidar e a resmungar com Deus. Muito chateado, fui para o meu quarto e abri a Bíblia em Josué 1:9:

'Digo e repito: seja forte e corajoso! Nada de desânimo. Não fique com medo! Lembre-se bem: o Senhor teu Deus está com você, esteja onde estiver.'

Isto me deu uma tremenda força e eu disse ao técnico que gostaria de jogar, mesmo correndo o risco de me queimar.

No dia do jogo acordei de madrugada e orei pedindo para que Deus me honrasse, já que Ele mesmo tinha me levado até ali. E não deu outra: senti-me renovado, tranquilo e sem nenhuma ansiedade. Joguei bem e, de quebra, Deus ainda me deu aquele gol de cabeça que surpreendeu os alemães.

Sou grato a Deus pela experiência, pois sem Ele eu não teria nem a coragem de jogar aquela partida.”

Bom de bola e viola

Além de bom de bola, bom de cabeça e bom de Bíblia, Batista tem ainda outro talento: a viola que ele toca nas viagens e concentração do Atlético, para louvar a Deus junto com seus colegas.

No 7º Congresso Anual de Atletas de Cristo, ele surpreendeu a todos fazendo dupla com a Edna, sua linda noiva, cantando “Barnabé”.

Seleção Brasileira

Batista foi eleito um dos melhores do ano de 1987 pela equipe de jornalistas do Jornal *O Estado de São Paulo* e convocado para a Seleção Brasileira.

Ele disputou o Torneio do Bicentenário da Austrália e as Olimpíadas em Seul, junto com Jorginho e Teotônio. Os três faziam reuniões diárias com seus colegas.

“Numa delas, eu falei sobre a Arca de Noé. Mostrei que Deus não estava preocupado com a quantidade, mas sim com a qualidade e que haveria de destruir este mundo, por causa do pecado. Falei sobre o que Deus fez com Sodoma e Gomorra. Como no tempo de Noé, a salvação do

dilúvio estava na Arca, assim também a salvação eterna está em Jesus Cristo.

Com isso, dois jogadores me pediram para ir ao quarto deles para falar mais. Um deles era o Romário, que não dormiu naquela noite pensando no assunto. No outro dia ele disse:

– É, vai sair uma Barca aí e eu tenho que estar nela.

Ele compreendeu que só Jesus Cristo garante a salvação, mas não chegou a tomar sua decisão de aceitá-lo como Salvador à época.

‘Vocês serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como na Judeia, Samaria... E até na Seleção Brasileira!’ (parafraseando Atos 1:8).

*Ainda hoje me lembro da advertência: Fica esperto, senão o João vai te converter! Levei tão a sério esta recomendação que vocês já sabem do resultado. Por isso, agora eu faço a mesma advertência a você: **Fica esperto!***

FICHA TÉCNICA

Nome completo: João Batista Viana Santos.

Local e data de nascimento: Uberlândia (MG), em 20/07/1961.

Estado civil: Casado.

Esposa: Edna Teixeira Viana Santos.

Filhos: Clarisse e João Marcos.

Livro favorito: Evangélicos em geral.

Herói: Jesus.

Objetivo de vida: Procurar glorificar a Deus em tudo na minha vida.

Ambição secreta: Não digo, porque ainda é secreta.

A maior alegria da carreira: Ter jogado na Seleção Brasileira em 1987 e 1988.

A maior frustração: Não ter conseguido o título brasileiro em 1987 pelo Atlético Mineiro.

Hobby: Tocar violão.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Professor universitário de Educação Física.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? Já fiz faculdade de Educação Física e curso de treinador em Portugal. Talvez treinador.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um profissional sério, irrepreensível e temente a Deus.

Clubes onde jogou: Uberlândia Esporte Clube; Atlético Mineiro; Guarani; Atlético Paranaense e Tirsense (Portugal).

Títulos: Campeão da 2ª divisão do Brasil (1984 - Uberlândia); Campeão Mineiro (1985, 1986, 1987, 1988 e 1989 - Atlético Mineiro); Medalha de Prata nas Olimpíadas de Seul (1988 -Seleção Brasileira).

CAPÍTULO 10

RABO DE FOGUETE

ROJAS

Rojas atirou-se ao chão fingindo ter sido atingido por um morteiro. A farsa do Maracanã infernizou o goleiro chileno pelo resto da sua vida.

O goleiro Rojas é o jogador mais conhecido do futebol chileno, não só por seus voos espetaculares, que lhe valeram o apelido de *El Condor*, mas também pela farsa do Maracanã na época em que ele defendia o São Paulo F.C. e a Seleção do Chile.

O Maracanã estava lotado; havia muita emoção no gramado e nas arquibancadas. O Brasil vencia o Chile por 1 a 0 nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 90 e as perspectivas eram boas para quase 160 mil torcedores.

Foi aí que uma mocinha resolveu brincar com fogo, disparando um foguete de sinalização que acabou com a partida, para azar dos outros 159.999 pagantes, a decepção de milhões de telespectadores e a indignação do povo chileno. Uma simples brincadeira, quem diria, provocou uma das maiores encrencas da história do futebol.

Uma faísca basta para se fazer um grande fogo

“No dia seguinte ao jogo eu viajava pela via Dutra e ao ficar engarrafado atrás de um caminhão dei de cara com a sabedoria no para-choque do filósofo da estrada:

‘Seja dono de sua língua para não ser escravo de suas palavras.’

Lembrei-me de uma palavra do apóstolo Paulo:

'Basta uma faísca para incendiar uma floresta inteira. Assim a língua põe em chamas toda a carreira da existência humana, como é posta ela mesma em chamas no inferno.' (Tiago 3:5 e 6)."

El sementeiro de centelhas

"Ligando essas palavras aos acontecimentos do fim de semana não pude deixar de pensar em Aravena, o técnico do Chile, o linguarudo mais famoso da época, com suas frases de efeito e palavras incendiárias que criaram em seu país e em seus atletas um clima de guerra:

"Vamos eliminar o Brasil da Copa do Mundo."

"O Brasil é como o leão da Metro: ruge, ruge, mas não morde."

"O Brasil vai cair como o Maguila. Não resistirá a um round."

"Nossa vitória causará uma catástrofe esportiva no Brasil."

"Chegou a hora do Brasil e dos outros países sul-americanos terem respeito pelo Chile."

Dentro deste clima o time do Chile entrou em campo para vencer o Brasil a qualquer custo.

A "catimba" tinha funcionado em Santiago. Romário entrou na deles perdeu a cabeça e foi expulso logo no começo do jogo. Os brasileiros foram xingados, cuspidos e até apedrejados.

A vingança seria no Maracanã, mas os chilenos queriam mais encrenca pois sabiam que, só na bola, seria difícil vencer o Brasil jogando em casa."

Dentro dos planos para "melar" o jogo estava uma lâmina de bisturi escondida nas luvas de Rojas.

O foguete disparado da arquibancada foi o pretexto que "caiu do céu" na área chilena.

Rojas se atirou ao chão fingindo ter sido atingido pelo foguete, cortou o rosto com a lâmina e o Chile tirou o time de campo indignado, alegando "falta de segurança" no Maracanã.

A manobra poderia ter tirado o Brasil da Copa e classificado o Chile, caso a FIFA interpretasse os fatos do jeito como o Chile

maquinou.

A pena de morte

Uma investigação promovida pelas autoridades esportivas descobriu a farsa. O Chile foi suspenso das duas Copas seguintes e Rojas banido do esporte para sempre.

O que poderia ter dado certo, acabou arruinando sua carreira como atleta e infernizando sua vida ao ponto de quase levá-lo à loucura.

Impossibilitado de jogar, o São Paulo dispensou-o de seu contrato e Rojas voltou ao Chile, onde a opinião da população dividiu-se a seu respeito.

Uns achavam que ele era um vilão e que seu erro era uma vergonha. Outros viam nele um herói que foi capaz de morrer pela pátria. Mas, mesmo punido Rojas continuava negando a farsa e a culpa.

“Foram sete meses de tormento, um exílio completo, cada vez que encontrava na rua um garoto que, tentando me agradar, dizia: ‘Eu confio em você, Roberto Rojas.’, eu sentia uma punhalada no coração sem saber se ria ou chorava.

Não podia olhar no olho de minha mulher, minha mãe e meu filho. A consciência me acusava, terrivelmente. As noites não tinham fim, os dias perderam a alegria, a depressão me matava, os amigos sumiram, a imprensa desapareceu. Só me restou a família e, nem para eles eu podia confessar o meu erro.

Vivi o inferno aqui mesmo na Terra até o dia em que resolvi não mais ocultar o meu pecado, confessando para Deus, para a família e para o mundo o meu erro. Por Deus e pela família fui perdoado. Pelo mundo, não sei. A imprensa brasileira presente a um programa da Rede Manchete mostrou muita solidariedade com a minha causa e hoje me sinto melhor.”

O preço do erro

“Estou impossibilitado de fazer aquilo de que mais gosto para o resto da vida. Isso, para mim, equivale à pena de morte: a morte de minha carreira. Meu país foi banido da Copa do Mundo, deixando muitos atletas sem a chance de jogar na Seleção Chilena. Perdi dez meses de salários no São Paulo e na Seleção Chilena. Nosso padrão de vida piorou muito.

Ser o culpado de tudo isso me entristece. Voltar a jogar era tudo que eu queria, pois só assim poderia reparar o meu erro.”

A difícil volta por cima

Ao confessar seu erro e pedir perdão a Deus, Rojas pôde recomeçar sua vida. Mas o processo não foi fácil. Maria de Los Angeles, sua esposa, descreveu assim esta fase na vida da família:

– *Roberto realmente não pensou nas consequências que aquilo poderia trazer. Desde que passou a enfrentar a reserva no São Paulo, ele ficou inquieto. Esqueceu que Deus tem o controle e o conhecimento de tudo e quis agir por conta própria.*

– *Todos nós sofremos com a situação. Nosso filho de nove anos sentiu bastante a revolta que se desencadeou com aquele lance e as perguntas de seus colegas na escola. O próprio Roberto, se de leve imaginasse no que aquilo daria, teria desistido de imediato da ideia. Hoje as coisas começam a se normalizar em nossas vidas. Roberto está se voltando mais para Deus e acha mesmo que recebeu do Senhor a coragem e a paz para suportar os resultados da confissão pública.*

– *Depois que Roberto confessou o que havia feito, sentiu um enorme peso sendo tirado das suas costas. Contamos com as orações dos irmãos do Brasil, pois o Senhor está trabalhando na vida do meu marido.*

A lição

Assim como o rei Davi, que foi perdoado por Deus quando se arrependeu e confessou o seu pecado com a mulher de Urias,

Roberto Rojas foi prontamente perdoado por Deus na hora da confissão do seu pecado.

Embora Rojas hoje viva em paz com sua consciência e seja um instrumento na evangelização de muitos atletas chilenos, as consequências deste erro ainda pesam e vão pesar sobre seus ombros exatamente como aconteceu com Davi.

Afastado do futebol, Rojas vive com a família em Santiago, onde dá aulas e clínicas de futebol e viaja por todo o Chile dando palestras e falando de Cristo junto com o Ministério Internacional de Desportistas Chilenos, uma organização similar a Atletas de Cristo.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Roberto Antonio Rojas Saavedra.

Local e data de nascimento: Santiago (Chile), em 08/08/1957.

Estado civil: Casado.

Esposa: Maria de Los Angeles Laguna Valeuruela.

Filhos: Paulo Cesar e Paz Belém.

Livro favorito: A Bíblia.

Herói: Moisés.

Objetivo de vida: Conhecer mais a Cristo.

Ambição secreta: Voltar a jogar.

A maior alegria da carreira: Ser campeão em 1986.

A maior frustração: Ter andado tanto tempo sem Jesus Cristo.

Hobby: Assistir a documentários sobre animais na TV.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Gostaria de ser jogador de campo.

O que gostaria de fazer depois de se aposentar? Treinar goleiros.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um bom homem.

Clubes onde jogou: *Aviacion (Club Fuerza Aerea), Colo-Colo; São Paulo F.C.*

Títulos: Títulos Nacionais de 1982, 1985 e 1986; Campeonatos Apertura de 1982, 1984, 1985, 1986 e 1987; Campeão Paulista de 1989 pelo São Paulo.

CAPÍTULO 11

UMA ARMA ENCOSTADA NA MINHA CABEÇA

CESAR SAMPAIO

“Fico feliz porque não O neguei, mesmo com o revólver encostado em minha cabeça! Se dependesse de negar a Cristo para salvar minha pele, eu preferiria morrer.”

Inteligente, sereno, ponderado e dono de excelente futebol, Cesar Sampaio é um líder nato dentro do time do Palmeiras. Sua eficiência e espírito de equipe levaram a imprensa especializada a elegê-lo o melhor jogador do Brasil.

“Estacionei meu carro num canto escuro na frente da igreja. Do outro lado da rua, pude ver o pastor Gérson descendo do seu carro com a família. Logo estaríamos juntos participando do culto de segunda-feira. De repente, senti um cano frio ser encostado na minha cabeça.

– Fique quieto, isto é um assalto! Disfarça e entra no carro, sem dar um pio ou eu te estouro os miolos, entendeu?

Voltei ao carro como passageiro do destino, junto com mais três “companheiros de viagem.” Um dirigia em alta velocidade, outro apontava o 38 para minha cabeça e o mais novo dava palpites.

– Só queremos seu carro pra fazer um negocinho. Se você cooperar com a gente, vai sair desta vivo, se não cooperar, te mato e te jogo por aí e tudo acaba. – disse o chefe da gangue.

– Olha chefe, ele tá usando um Mizuno^[7] novinho! Que número você calça?

– Quarenta e dois. – respondi.
– Eu calço quarenta, mas não faz mal. Passa pra cá este Mizuno e a jaqueta também. – disse o do revólver.
– Eu conheço este cara de algum lugar... – opinou o mais moço pensativo. – Já sei! É o Cesar Sampaio, do Palmeiras!
– Que é isso, você está louco! – disse incrédulo o chefe da gangue.
– É sim, chefe. Pergunta pra ele.
– Puxa vida! – respondeu decepcionado o do revólver – Mas agora já foi, agora já foi!
– Você é crente? – falou o chefe ao ver a Bíblia no console do carro.
– Sou sim. E estava indo para a igreja. – respondi.
– Só me faltava esta! – disse balançando a cabeça em tom de decepção e indignação.”

“Me senti muito pequeno”

“Meus assaltantes eram jovens e inexperientes. Estavam muito nervosos, tinham grande necessidade de sentirem-se temidos e respeitados. Dirigiam em alta velocidade e o cano do revólver estava tão perto que batia em minha cabeça nas curvas, freadas e lombadas.

O fato de ser o Cesar Sampaio do Palmeiras ou cristão poderia ter decretado minha sentença de morte. Bastava o chefe da gangue ser corintiano ou macumbeiro. Fiquei pequeno na mão deles e percebi que a vida vale muito pouco, especialmente com um revólver apontado para sua cabeça. Naquele momento eu estava em péssimas mãos.

Enquanto orava, pedindo tranquilidade para mim e para eles, comecei a rever o filme da minha vida. Desde os cinco anos eu vivia correndo atrás de uma bola junto com a molecada da rua, nos campinhos perto de casa, sem nunca imaginar onde poderia chegar com o futebol.

Mas minha carreira começou a decolar em 1980, no time de futebol de salão do São Paulo, onde joguei até 1983. Fui para o Santos, onde passei pelas categorias infantil, juvenil, júnior e aspirante.

Em 1986, com 17 anos, tive a minha grande chance de estreiar no time profissional do Santos. Em 1987, fui convocado para a Seleção Brasileira de Juniores e em 1988, para a Seleção de Novos.

Neste mesmo ano, pude assinar meu primeiro contrato como profissional no Santos. Comprei meu primeiro carro e passei a ser dono do meu nariz. Consegui ter tudo com que sonhei desde menino. Agora sim eu seria feliz!

Mas para meu desapontamento descobri que não era mais feliz do que antes e o que é pior: nada daquilo poderia me dar a paz e a alegria ou preencher o grande vazio que eu sentia em meu interior.

Observando a queda de alguns colegas de time descobri também que no futebol você não passa de um instrumento. Enquanto você está com a bola cheia e corresponde às expectativas do time, é muito bem tratado. Mas quando você falha, a coisa é diferente e dolorosa.”

Encontrando a razão de viver

“Nas vésperas do Natal de 1986, Alex Ribeiro e Johnny Monteiro vieram fazer uma palestra para os jogadores do Santos. Eles falaram sobre o verdadeiro significado do Natal e eu tive meu primeiro contato com a Bíblia. A semente foi plantada.

Anos mais tarde, quando eu enfrentava meus questionamentos existenciais, o próprio Johnny apareceu de novo na concentração do Santos para pegar no meu pé na recepção do hotel.

– Por que você não convida Jesus a entrar no seu coração? – perguntou o Johnny, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

– E como é que eu faço? – perguntei intrigado.

– Repete comigo essa oração.

– Está bem, Johnny. Mas anda rápido, porque o pessoal está chegando e o ônibus já vai sair para o estádio.

Mesmo com pressa, convidei Cristo para entrar na minha vida, aceitando-O como meu Salvador.

A transformação foi imediata e Deus honrou minha decisão de forma prática: no jogo seguinte fui eleito o melhor jogador em campo, ganhei muitos prêmios e tive certeza de que foi Ele que me deu tudo aquilo. Nos meses seguintes, pude me firmar nos ensinamentos da Bíblia e no compromisso com Deus e com a Igreja.

Em boas mãos

“Quando me lembrei do amor e da fidelidade de Deus, no carro junto com meus assaltantes, percebi que não estava na mão dos bandidos e sim nas mãos de Deus. Isso me deu uma grande tranquilidade naquela situação. Vinte minutos mais tarde, eles me abandonaram a pé, sem dinheiro, sem jaqueta, sem sapato, mas são e salvo.

Creio que amadureci um pouco com o assalto e tive a grata alegria de não ter negado a Cristo, mesmo com o revólver apontado para mim. Meu Monza foi encontrado inteiro e com toda certeza do meu coração posso dizer que perdoei meus assaltantes.

Percebi que eu estive em boas mãos o tempo todo, não só no assalto, mas todos os dias de minha vida com Cristo.

O Senhor é a minha estrela.”

Sempre melhorando

De 1988 para cá, o futebol de Cesar Sampaio só tem crescido. Considerado um jogador regular, consagrou-se estrela do time do Palmeiras em 1993, quando deixou de ser só marcador para ser goleador, sem perder suas características de volante. Ele atribui isto aos treinamentos táticos, que considera chatos, mas importantes.

– *Às vezes, ficava até uma hora só treinando cabeceio, aprimorando passes, chutes, etc..*

Suas características de líder fizeram diferença nas equipes onde passou, bem como seu testemunho seguro e fiel a Deus.

Na partida decisiva contra o São Paulo, no início da temporada de 1994, fez seu gol de craque.

– Este gol foi importante para eu ter mais abertura para falar de Jesus. Foi um presente de Deus, para eu testemunhar isto para todos os repórteres e companheiros de equipe.

A imprensa especializada, elegeu Cesar Sampaio, como o melhor jogador do Brasil em 1993, concedendo-lhe o cobiçado troféu Bola de Ouro, da revista Placar.

A unanimidade da imprensa acabou valendo-lhe a convocação para a Seleção Brasileira.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Carlos Cesar Sampaio Campos.

Local e data de nascimento: São Paulo (SP), em 31/03/1968.

Estado civil: Casado.

Esposa: Cristina Aparecida Maciel Sampaio Campos.

Filhos: Gabriela.

Livro favorito: Provérbios e Eclesiastes.

Herói: Saulo de Tarso (Paulo).

Objetivo de vida: Disputar uma Copa do Mundo.

A maior alegria da carreira: Campeão Paulista de 1993.

Hobbies: Passear com a família e tocar teclado.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Não penso nisto.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras?

Pretendo ter um compromisso mais direto com a igreja, ter mais tempo para as coisas de Deus.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Uma pessoa que teve uma vida compromissada com o Senhor.

Clubes onde jogou: Santos F.C e S.E. Palmeiras.

Títulos: Campeão Paulista de 1993; Campeão do Torneio Rio-São Paulo de 1993; Campeão Brasileiro de 1993.

PARTE 2

OS PIONEIROS

Tudo que já foi grande e complexo, começou pequeno e simples.

CAPÍTULO 12

O PONTAPÉ INICIAL

ATLETAS DE CRISTO

O alinhamento de propósitos humanos em torno da força de uma visão divina transformou um pequeno grupo de atletas em uma grande fábrica de heróis da fé, que impactaram o mundo com a Mensagem da Cruz.

Boa parte das histórias desse livro é fruto do trabalho da geração dos pioneiros que semearam a boa semente na vida desses atletas por meio do seu testemunho e a orientação sobre o propósito específico de Deus para a vida de cada um deles. Obedecendo às orientações de seu Treinador Mor, eles foram por todo o mundo e compartilharam o que tinham de melhor: o amor de Deus em seus corações, a gratidão pelos talentos que lhes foram confiados em comodato e a multiplicação desses talentos no meio esportivo. Refletindo a glória de Deus em suas vidas e anunciando o evangelho a toda criatura.

A semente desse movimento surgiu na década de 1970 quando alguns atletas de ponta resolveram assumir publicamente seu compromisso com Deus, abraçando a fé cristã e seus ensinamentos em seus ambientes de trabalho. O que começou com iniciativas individuais em diferentes esportes, em vários pontos do Brasil e do mundo, ganhou força e projeção quando esses atletas se juntaram para formar um movimento que chegou a reunir mais de 7.000 atletas cadastrados. E foi considerado o maior fenômeno religioso da década de 1980 pela influência que exerceu na cultura do país

do futebol e na vida de milhões de torcedores. Segundo a retrospectiva da revista Manchete sobre os fatos que marcaram a época, tudo começou em Belo Horizonte, em abril de 1978, quando João Leite, um jovem goleiro do Atlético Mineiro, resolveu fazer uma visita a Abrahão Soares, jogador de basquete amador e diretor da Organização Mocidade Para Cristo (MPC). João foi direto ao assunto:

– Vivi 22 anos de minha vida sem que ninguém me dissesse que Cristo morreu por mim, Creio que muitos outros atletas estão na mesma situação. Gostaria de fazer algo por eles.

O sonho

Abrahão quase caiu de costas e ficou de boca aberta porque vinha sonhando com esse momento desde 1962. Na tela de sua imaginação, ele via estádios cheios e milhares de pessoas ouvindo falar de Cristo por meio do testemunho de muitos atletas que se reuniam nas concentrações dos clubes para estudar a Bíblia.

Os dois acabaram concluindo que muito do que viesse a acontecer no futuro em termos de levar a mensagem da fé e esperança não só no Brasil, mas ao mundo inteiro, teria tudo a ver com o esporte. Resolveram começar imediatamente as reuniões com os atletas de Belo Horizonte. Nos três anos seguintes, eles se reuniram toda semana como um departamento da MPC.

O primeiro plantel

Em 1981, foi formado um grupo de apoio com gente de peso suficiente para suportar o nascimento de uma instituição histórica: Atletas de Cristo no Brasil (ADC). Este nome foi sugerido por Eliana Aleixo, estrela da seleção brasileira de vôlei e namorada do João Leite. Em dezembro daquele ano, com a presença de cinco atletas – João Leite, Baltazar, Jaílton, Jânio, Eliana – e outros vinte

cristãos, foi realizada em Curitiba a primeira Conferência Anual de Atletas de Cristo.

Além do conagraçamento, da comunhão e das sessões de planejamento, foi eleita a primeira diretoria de ADC. Os objetivos da entidade não se resumiam apenas a aspectos religiosos, mas se propunha a incentivar também a prática séria, honesta, cultural e social do esporte, além de cooperar com a igreja, missões e organizações similares.

Estava dado o pontapé inicial para um jogo difícil, cheio de lutas e de lances bonitos e decisivos. O ano de 1982 foi dedicado à formação de uma infraestrutura de suporte legal da entidade. Foram criados os estatutos e ADC passou a existir como uma organização sem fins lucrativos registrada. Foram definidos o logotipo e o compromisso do atleta, bem como o *slogan* que definia a proposta da entidade: “Amando ao Senhor. Correndo juntos. Alcançando a muitos.”

O trabalho seguinte foi dizer à igreja brasileira que existia um ministério com desportistas e tentar envolver mais pessoas para conhecer e interceder pelos atletas, procurando uni-los em torno dos alvos comuns à organização.

Em janeiro de 1983, foi realizada a segunda conferência anual, onde nasceram os grupos locais de ADC, em Curitiba e Salvador.

O primeiro jogo

No fim de 1983, aconteceu a Conferência de Nova Almeida (ES), com uma novidade: o primeiro jogo beneficente entre uma seleção de Atletas de Cristo e a Seleção Capixaba. O governador do Estado apoiou o evento.

Em 1984 nasceu o grupo do Rio de Janeiro, liderado pelo Baltazar e Pastor Zick. Em 1985, o de São Paulo, onde Deus usou os

próprios meios de divulgação do esporte para tornar Atletas de Cristo conhecido de todos.

Vencida a primeira etapa, Abrahão resolveu passar o bastão de diretor-executivo da organização a Alex Dias Ribeiro, conhecedor como poucos, dos meios esportivos.

Em seu discurso de despedida ele declarou:

– *Dou graças a Deus por ter cumprido a minha missão e passado o comando para a pessoa certa, na hora certa.*

João Leite, o primeiro presidente do movimento resume a razão de ser e o sucesso desse projeto em uma sentença:

– *Atletas de Cristo é uma missão que nasceu no coração de Deus.*^[8]

CAPÍTULO 13

O GOLEIRO DE DEUS

JOÃO LEITE

Foi o primeiro jogador de alta performance, no futebol brasileiro, a assumir publicamente sua fé. Durante 20 anos, seu exemplo de vida foi seguido por milhares de atletas de todas modalidades.

O estádio do Mineirão estava lotado. O jogo era decisivo, mas terminou indefinido. O campeão brasileiro de 1977 sairia da disputa de pênaltis. Em sua carreira, João havia defendido muitos pênaltis e, mais uma vez, enfrentava essa difícil situação. O Atlético-MG já havia perdido duas chances com bolas chutadas para fora.

Agora era a vez do São Paulo. A bola foi colocada na marca do pênalti e um silêncio mortal caiu sobre o Mineirão, exceto nas cabines de rádio. Numa delas, um locutor berrava a plenos pulmões para milhões de ouvintes em todo o Brasil: *“É a última chance, caros ouvintes. É agora ou nunca. As esperanças do São Paulo estão nos pés de Getúlio e as do Atlético, nas mãos de João Leite, o goleiro de Deus! É agora que eu quero ver se Deus está ou não está com este cara!”*

A luta por um ideal

Alto, calmo, mãos e braços compridos, ar tímido, olhar e voz serenos, João Leite nasceu em Belo Horizonte, em 1955, e teve uma infância muito pobre. Filho de uma família de duas irmãs e três irmãos, desde cedo, ele sonhou em ser um grande goleiro.

Por esse sonho, ele teve que pagar caro em termos de perseverança, dedicação e sacrifício. Um bom goleiro tem que treinar até seis horas por dia, para manter em forma seus reflexos e a elasticidade do corpo.

Ele aprendeu bem cedo que outros jovens de sua idade também queriam ser goleiros e que sua única chance era ser bom, muito bom mesmo; melhor que os outros. Antes disso, encontrou muita gente mais experiente e por isso teve que ter paciência para, enfim, chegar à incômoda posição de reserva do reserva do titular do time do Atlético-MG.

Escala o grandão aí!

Seus 1,90 m de altura lhe valeram a saída de uma crise existencial no momento mais decisivo de sua carreira: depois de penar um bom tempo na condição de terceiro goleiro do Atlético, sem a mínima perspectiva de ser titular, ele andava triste e pedindo a Deus que lhe desse a oportunidade de ser contratado por um time pequeno do interior ou da segunda divisão, já que o gol do Atlético, defendido pelo conceituadíssimo argentino Ortiz, era uma ambição tão elevada, que o João não ousava ter e muito menos crer que pudesse chegar lá. Inesperadamente, Ortiz brigou com o técnico e deixou o time.

– Agora sim! – pensou João. – Pelo menos vou ter o direito de viajar com o time, vou poder sentar no tão sonhado banco dos reservas, vou poder treinar melhor, com mais empenho e motivação!

Mas para sua surpresa ele foi escalado não para o banco, mas para jogar a partida seguinte contra o Santos no Mineirão. Por essa ninguém esperava!

– Eu estava bem preparado, física e tecnicamente, mas totalmente despreparado psicologicamente.

Por um lado, ele estava muito feliz com a grande chance; por outro, apavorado.

– *Eu sempre achei que se um dia levasse um “frango” muito feio, nunca mais teria coragem de entrar em campo novamente. Já pensou se isso me acontecesse na estreia?*

Resolveu apelar para Deus:

– *Senhor, me ajude, porque sozinho eu não seguro esta barra!*

Quando ele entrou em campo e viu o Mineirão lotado, sentiu-se pequeno, seu coração gelou e os joelhos trêmulos começaram a bater um no outro.

– *Senhor, me ajude!*

Ao se posicionar embaixo das traves antes do apito inicial lembrou-se de uma coisa que havia lido na Bíblia: *“Não temas porque estou contigo onde quer que andares”* (Josué 1:9). Então, entendeu que Deus estava falando com ele e que ele não estava sozinho debaixo daquela trave.

Imediatamente confiou, conseguiu relaxar e pegou todas as bolas. Saiu-se tão bem que foi efetivado como titular absoluto da camisa número 1 do Atlético Mineiro pelos próximos dez anos. Participou de muitos jogos decisivos, conquistou muitos títulos e atuou até na Seleção Brasileira, no Mundialito de 1980.

João Leite nunca entendeu o porquê de sua escalação para aquele jogo contra o Santos até que, muitos anos mais tarde, lhe contaram que o presidente do clube chegou para o técnico naquele dia e ordenou:

– *Escala aí o grandão para o jogo de domingo!*

– *Ainda bem que Deus me fez grandão – conta João, comparando sua antiga ambição de ser titular de um time de segunda divisão e sua estreia no Atlético ao texto de Isaías 55:9. “Assim diz o Senhor (...) porque assim como o céu é mais alto que a terra, os meus*

caminhos são mais altos que os seus caminhos, e os meus pensamentos mais altos que os seus pensamentos.”

Mania de dar Bíblias

Mas por que será que ele tem essa mania de dar a Deus o crédito de tudo o que acontece em sua carreira? Por que esse negócio de dar Bíblias para os adversários? Como será que ele entrou nessa de dedicar tanto tempo de sua vida a Deus?

– Eu queria felicidade e paz. Achava sinceramente que viriam com fama e dinheiro. Com o decorrer do tempo, fui percebendo que meus colegas famosos e ricos não tinham paz, nem felicidade. Reparei também que minhas irmãs, mesmo sem “grana”, tinham tudo que eu e meus colegas desejávamos: esperança, fé, alegria, entusiasmo e uma certeza da vida eterna que me incomodava, enquanto eu vivia apavorado com o que poderia acontecer comigo depois da morte.

Salvo por um dedo

“Um dia, durante o treino, um jogador chutou a bola e ao defendê-la quebrei um dedo. Já na sala de Raio-X, comecei a chorar incontrolavelmente. O Doutor Neilor Lasmar tentou me consolar enquanto preparava o gesso dizendo que dentro de um mês eu estaria bem, porém, as lágrimas não paravam de rolar. A dor era moral e não física. Chegando em casa, disse à minha irmã: ‘Vamos para a igreja, pois quero entregar minha vida a Cristo.’

Por meio daquele dedo quebrado fui convencido de que, sem Cristo, meu destino seria a separação eterna de Deus, pois intimamente sabia que o salário do pecado é a morte.

Passei a compreender a morte de Cristo em meu lugar, pagando minha culpa, e a sentir o desejo de aceitá-lo, para dessa forma, reconciliar-me com Deus e ter acesso à vida eterna. Foi o lance mais importante de minha carreira.

Após essa decisão tudo mudou em minha vida. Às vezes olho para mim e nem me reconheço! Eu era inseguro, desconfiado, supersticioso, vulnerável, medroso e mentiroso. Apesar de parecer um bom sujeito aos olhos da sociedade, eu estava completamente distante dos padrões de Deus.

Hoje, tenho paz, felicidade, confiança e segurança em Jesus, porque Ele é o meu caminho, verdade e vida; minha água e meu pão; meu advogado; a videira da qual sou ramo; o princípio e o fim, além de outros cento e nove nomes que lhe são atribuídos só no Novo Testamento. Ele está comigo nos treinos, nos jogos, nas dificuldades, no banco, no gol, na derrota e na vitória, na contusão e na hora de pegar o pênalti, dando-me capacidade, técnica, condição física e intuição de pular para o lado certo onde o atacante vai chutar.

Foi exatamente isto que aconteceu naquela final contra o São Paulo no Mineirão.

O juiz apitou e Getúlio encheu o pé. A bola saiu como um torpedo... e o locutor gritou do fundo da garganta e do coração: 'De-fen-deu, João Leite! Ver-da-dei-ra-men-te este é o goleiro de Deus!' "

FICHA TÉCNICA

Nome completo: João Leite da Silva Neto.

Local e data de nascimento: Belo Horizonte (MG), em 13/10/1955.

Estado civil: Casado.

Esposa: Eliana Maria Aleixo Leite.

Filhos: Débora, Daniela e Helton.

Livro favorito: "Cura para os traumas emocionais", de David A. Seamands (Ed. Betânia).

Herói: Jesus.

Objetivo de vida: Alcançar vidas para Jesus.

A maior alegria da carreira: Ganhar onze vezes o título de Campeão Mineiro.

A maior frustração: Não ter sido campeão brasileiro de 1977.

Hobby: Ler.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Professor de História.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? Já pendurei. Sou vereador.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Alguém que teve uma vida com Jesus.

Clubes onde jogou: Atlético-MG, Vitória de Guimarães (Portugal), Guarani (SP) e América-MG.

Títulos: Campeão Mineiro em 1976, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1985, 1986, 1988 e 1991; Vice-Campeão Brasileiro de 1977 e 1980; Vice-Campeão no Mundialito de 1981.

CAPÍTULO 14

EU ODIAVA ESSE GOLEIRO!

MAURO MADUREIRA

Mauro Madureira marcou centenas de gols com a camisa do Cruzeiro, mas nunca conseguiu quebrar seu maior tabu. Fazer um só gol contra o João Leite.

Uma vela pra Deus outra para o Diabo. Misticismo e sincretismo religioso fazem parte do futebol brasileiro tanto quanto a bola. Quase todo atleta que se preza tinha um pai de santo ou santo protetor para quem apelava por sucesso e proteção. Atacante do São Paulo, Internacional, Cruzeiro e de todos os clubes de Curitiba, Mauro Madureira só conseguiu passar da defesa para o ataque em suas batalhas espirituais ao encontrar uma força superior.

“O Mineirão estava lotado para mais um Cruzeiro contra Atlético decisivo. Como “homem-gol” do Cruzeiro e artilheiro do campeonato, eu tinha a obrigação de marcar e pôr fim àquele tabu de nunca ter feito um gol contra o João Leite. Ele sempre dava um jeito de fazer “algum milagre”, defendendo meus melhores chutes.

Mas dessa vez a coisa ia ser diferente, pois havia seguido à risca as recomendações lá do centro, onde falaram para eu fugir do João Leite, caso ele viesse de Bíblia para cima de mim. “Aquele negócio de crente não era nada bom”, e além do mais, “crente” para mim era aquele cara que não tirava o paletó nem para tomar banho e não podia assistir o programa do Chacrinha na TV!

Entrei em campo com tantos “galhinhos” de arruda na chuteira, que não ia dar outra... Até podia ver o João pedindo substituição depois da chuva de gols que iria tomar.”

“Te cuida, Madureira!”

“Iniciei a carreira no São Paulo F.C. e logo fui ganhando espaço. Surgiram as convocações para as Seleções Juvenis e oportunidades no time de cima. Tratei de segurá-las com “unhas e dentes”, pois via no futebol a minha sobrevivência.

Bastou eu quebrar o braço num treino para ser informado que, por inveja, haviam feito um “trabalho” contra mim e que precisava me proteger o mais rápido possível, visitando um centro para tomar uns “passes”. Vendo jogadores mais experientes e famosos fazerem a mesma coisa, segui o mesmo caminho. No começo fiquei fascinado com a precisão das profecias, proteção e promessas de muito sucesso.

Passei a frequentar as reuniões e aos poucos fui notando as exigências aumentarem: eu tinha que comprar velas, flores, patuás, imagens, etc. Uma simples torção virava um pesadelo e motivo suficiente para dobrar o número de consultas, rezas, velas, imagens e paninhos “abençoados”.

Quando me casei e fui transferido para o Sport Recife, encontrei uma mãe de santo que opinava em tudo: nas minhas roupas, móveis da casa e até no casamento, afetando nossa vida de recém-casados.”

De santo em santo

“Passei a saltar de centro em centro e as exigências só aumentavam. Já não havia grana que chegasse para tantas consultas. O medo de desagradar os maus espíritos e guias chegou ao ponto de minha situação em campo já não depender mais do meu talento e esforço, mas sim, das ações e reações dos guias. Eles recebiam até “bicho”^[9] pelas vitórias que conquistavam para mim.

Eles me proporcionaram muito sucesso, eu só não tinha paz de espírito nem conseguia fazer um único gol contra o João Leite.”

O lance

“Naquele jogo decisivo no Mineirão, a bola apareceu na minha frente como nunca tinha acontecido antes e entrei livre para marcar. João saiu do gol com uma precisão incrível; se atirou nos meus pés e defendeu a bola. Mas nos chocamos violentamente e ele teve que deixar o campo, machucado.

João chorava de dor e, comentando a jogada, deu a entender que eu o machucara de propósito. Aquilo explodiu como uma bomba, já que no outro dia a Seleção Brasileira seria convocada e o nome dele era um dos mais cotados. A imprensa logo tratou de explorar o assunto: Mauro consegue tirar João Leite da Seleção!

Fiquei profundamente machucado por dentro. Afinal, o lance foi casual. E o João Leite? Como é que um cara que só falava de Jesus e de perdão podia me acusar daquela maneira? Eu que não acreditava em Cristo, passei a acreditar menos ainda.”

Piores momentos

“Depois dos “melhores momentos” no Cruzeiro, passei a enfrentar as maiores dificuldades da minha vida: por desentendimento com a direção do clube, fui afastado dos treinos e não tive o nome inscrito para o campeonato nacional.

O casamento entrou em crise. Eu discutia tanto com a Jane que nem sentia prazer em voltar para casa. Como a situação se tornou insuportável, passamos a considerar a separação como única opção.

Jane conheceu a Ângela que passou a falar de Jesus para ela, esclarecendo muitas coisas. Jane, que vivia acendendo velas para as almas, senão, não conseguia dormir, parou de acendê-las e me veio com uns papos de que “Jesus era Luz”, por isso, não precisava mais das velas.

Fiquei furioso; isso ia contra as minhas crenças e práticas. Se eu jogasse mal ou perdesse um “gol feito”, a culpa era da Jane por não acender as minhas velas.”

Com o diabo no corpo

“Percebendo que já estava bem perto de perder a Jane, o Supertraíra^[10] “entrou de sola” e passou a tomar conta do seu corpo, dando-lhe um ódio profundo, agitando-a e arremessando-a ao chão. Isso durava aproximadamente uma hora e não tinha como acalmá-la. Eu jogava água benta, colocava imagens sobre o seu corpo, mas só quando ela dormia era que a situação voltava ao normal.

Um dia, a coisa ficou preta, tentei de tudo, mas não teve jeito do bicho ir embora; o desespero foi grande. Nisso, lembrei-me da Ângela! Como a Jane falava muito nela e tinha o número do seu telefone na Bíblia que ganhou, liguei para lá.

– Dona Ângela, por favor, me ajude... A Jane está morrendo!

Depois de muitos empecilhos, ela chegou acompanhada de sua mãe.

Quando viram a Jane rastejando como uma serpente pela casa, falaram com grande poder:

– Em nome de Jesus, sai dela!

Algo como uma ventania forte, saiu janela afora e Jane voltou a si. Fiquei boquiaberto com o que acabara de ver... Eu que já havia tentado de tudo.”

Jesus Cristo no coração

“A partir daquele momento, fiquei impressionado com Jesus. Ângela e sua mãe me apresentaram um Cristo tão real e atuante como nunca tinha ouvido falar antes. Disseram-me da transformação das suas vidas (elas também tinham sido “chegadas” numa macumba) e da nova vida que há em Cristo.

Se realmente esse Jesus em quem vocês creem fez tudo isso, eu também quero Ele na minha vida.

Eu e minha esposa nos entregamos a Cristo. Jesus comprou nossos passes pagando um alto preço na cruz, garantindo-nos a libertação e a vitória.

Terminava ali uma longa, dolorosa e comprometida carreira com o mundo dos espíritos. Cristo nos libertou e verdadeiramente nos sentimos livres!”

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Mauro Madureira Arruda.

Local e data de nascimento: Ourinhos (SP), em 16/08/1954.

Estado civil: Casado.

Esposa: Jane Maria Madureira Arruda.

Filhos: João Paulo, Janaína e Júlio César.

Livro favorito: A Bíblia.

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Viagem para Jerusalém.

Ambição secreta: Comprar um galpão para construir a minha própria escolinha de futebol.

A maior alegria da carreira: Tricampeão Mundial em Cannes.

A maior frustração: Derrota na Taça Libertadores em 1974.

Hobby: Futevôlei.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Mecânico.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? Montar uma escolinha de futebol.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Uma pessoa que levou Deus a sério.

Clubes onde jogou: São Paulo F.C.; *Sport Recife*; Cruzeiro; Internacional; Náutico; Colorado; Atlético Paranaense; Coritiba; Pinheiros.

Títulos: Campeão em *Cannes*; Campeão Paulista (1975); Campeão Paraibano (1976); Campeão Pernambucano (1977); Campeão Gaúcho (1981).

CAPÍTULO 15

O ARTILHEIRO DE DEUS

BALTAZAR

Notas baixas na escola.

Vidraças quebradas e flores pisadas no sonho de ser um novo Pelé.

Baltazar realiza o sonho de todo garoto brasileiro e torna-se o Artilheiro de Deus.

Baltazar deixou sempre sua marca de artilheiro rompedor. No Atlético de Madrid ele fez trinta e cinco gols em uma só temporada e deixou uma marca mais importante ainda: foi tido como o cristão mais conhecido na Espanha nos últimos cem anos!

Fazer gols é o negócio deste goiano que, quando menino, pulava o muro de sua casa todos os dias. Do outro lado ficava o campo do Atlético Goianiense, onde, junto com a garotada da vizinhança, ensaiava seus primeiros passos na arte de fazer gols.

Ainda criança vestiu muito orgulhoso, uma camisa do Atlético pela primeira vez em sua estreia na categoria Dente de Leite.

Ele se manteve fiel a essa camisa nos próximos oito anos, disputando as categorias Infantil, Juvenil e Profissional, sendo vendido ao Grêmio de Porto Alegre depois de conquistar a artilharia e o título de Campeão Goiano de 1978.

Neste mesmo ano, Baltazar tomou a decisão mais importante de sua vida quando mudou do time do mundo para o time de Cristo, um time que, segundo ele, não perde nunca.

“Agora sim ele vai parar de jogar bola e ser um crente de verdade, pensaram meus pais, que desde pequeno me levavam à igreja, me contavam as histórias da Bíblia e me ensinavam a orar na mesa e na hora de dormir.”

Mas Deus, em Sua sabedoria, deu a Baltazar uma convicção totalmente diferente da de seus pais: ele percebeu que as duas carreiras — a do futebol e a da fé — eram perfeitamente compatíveis e entendeu que os campos de futebol eram os campos para a colheita de muitas vidas de jogadores e torcedores que tiveram seus passes comprados para o time de Cristo. Foi justamente nesta época que ele começou a jogar melhor do que nunca e a barbarizar não só em Goiás, mas também no Rio Grande do Sul, onde, em apenas três meses de Grêmio, conquistou a posição de titular da camisa 9. Baltazar proporcionou inúmeras alegrias à sua torcida, com uma média de gols nunca vista lá nos pampas.

Todo esse sucesso lhe valeu a convocação para a Seleção Brasileira.

Livre, leve e solto

De volta da Seleção, Baltazar começou a enfrentar seus primeiros problemas dentro do futebol, quando o técnico resolveu implicar com ele, sacando-o do time do Grêmio, justo na hora em que seu contrato estava para vencer.

Inconformado com a reserva, depois de ter sido titular na Seleção, nosso artilheiro ficou com muita “bronca” do técnico. Esta raiva acabou se transformando em uma raiz de amargura, que lhe tirava o sono, o apetite e a vontade de treinar. Com isso foi perdendo a forma física e mal podia correr de tão pesado que ficou.

– *Os dois quilos que engordei pareciam duzentos. Os outros cento e noventa e oito, eram o peso da amargura que eu carregava em meu coração.*

Um dia sua esposa Myrna lhe falou:

– *Olha, você está com muita raiva e isto é pecado.*

Imediatamente, ele caiu em si; pediu perdão a Deus e perdoou o treinador. Sua Bíblia o ensinara: ***“Sejam amáveis e prontos para perdoar; jamais guardem rancor. Lembrem-se que o Senhor perdoou vocês, portanto vocês devem perdoar os outros...”***

No dia seguinte ele foi treinar e mal pode acreditar.

– *Eu estava leve como uma pluma. Podia correr adoidado e nem me cansava! Foi uma experiência física e concreta. Deus foi tão bom para mim que mandou o Paulo Izidoro me ajudar. Ele chegou e me disse: se você quiser eu posso treinar junto com você.*

Juntos, começaram a treinar para valer! Dois jogos depois, Baltazar voltou a jogar e participou da grande final do campeonato brasileiro contra o São Paulo no Morumbi, onde marcou o gol da vitória.

O gol mais bonito de sua carreira.

– *O jogo estava zero a zero no fim do segundo tempo, quando o Paulo Roberto cruzou uma bola da direita. Renato Sá cabeceou para trás. Eu dominei-a no peito, fora da área e chutei de primeira no canto do gol, sem a menor chance para o goleiro Valdir Perez. Fiquei muito feliz porque sempre tive o sonho de marcar o gol da vitória numa decisão.*

Com aquele gol o Grêmio foi campeão brasileiro de 1981 e Baltazar pôde assinar o melhor contrato de sua carreira até então.

O sonho virou pesadelo

No ano seguinte, as coisas ficaram ruins para ele no Grêmio, por causa do técnico. Para contornar a desagradável situação, ele foi

emprestado para o Palmeiras por três meses, onde ainda conseguiu ser o terceiro melhor artilheiro do campeonato paulista.

No ano seguinte, ele pôde realizar o grande sonho de sua vida: jogar no Flamengo, o time pelo qual torceu desde menino.

Começou fazendo gols em quase todas as partidas e já era o vice artilheiro do campeonato brasileiro. Gol sempre esteve relacionado com alegria. O que Baltazar nunca poderia imaginar é que um de seus gols iria desagradar a alguém, ninguém menos que o seu tão importante colega de time, Zico, o semideus da galera rubro-negra.

– Deixei a bola para o Zico na porta do gol, ele chutou, mas errou, como a bola ficou para trás, eu arrematei para o fundo da rede. Zico ficou muito bravo porque queria ter feito aquele gol.

Revoltado e irritado ele reclamou muito, taxando Baltazar de fominha. À noite, no hotel, já mais calmo, ele pediu desculpas. Baltazar pensou que o assunto estava encerrado. Mas a novela estava apenas começando...

A maior vaia do mundo

A imprensa soube do caso e tomou as dores do Galinho de Ouro. Daí para frente Zico passou a encolher os ombros e abrir os braços toda vez que Baltazar errava um lance ou dava um passe em que a bola não viesse exatamente onde Zico queria.

Toda vez que Zico abria os braços, Baltazar tomava uma vaia da torcida rubro-negra que passou a odiá-lo. Um dia, ele pôs a cara para fora do túnel no Maracanã ao entrar em campo e antes que aparecesse de corpo inteiro ganhou uma vaia de cem mil torcedores.

A pressão foi tão grande que ele voltou para o vestiário e chorou de desgosto e tristeza. Baltazar conversou com Zico, explicando que ele estava prejudicando-o. Zico entendeu e parou

de fazer isto, mas aí nosso herói já tinha caído em desgraça com a imprensa e a torcida mais fanática do mundo.

– *Eu tinha que dar tudo nos primeiros quarenta e cinco minutos. Se não fizesse um gol no primeiro tempo já sabia que não jogaria o segundo.*

Com toda essa pressão ele errou muitos lances e perdeu muitos gols.

– *A gente se deixa levar pelas circunstâncias e cria tantas tempestades e problemas dentro de si, que se esquece de que às vezes é melhor ser sacado do time do que continuar jogando sem ter paz de espírito.*

O apoio dos irmãos

Nesta fase negra, o apoio dos irmãos de fé como Rev. Caio Fábio e outros foi muito importante.

Um dia, Janires Magalhães o encontrou em lágrimas dentro de seu carro no estacionamento do clube e comovido com a situação compôs para ele essa música:

ARTILHEIRO DE DEUS

*Amigo meu, pequeno amigo
Como foi legal
Jogos de botões
Ou de bola de meia
Pelas calçadas da vida.
Quantas vidraças quebradas
Flores pisadas
No sonho de ser um novo Pelé.
Quantas bolas como notas
No colégio foram tiradas
Por não saber a matéria*

*Por estar jogando aquela pelada
O jogo começou
O povo quer vencer
Sua fome seu medo
Sua falta de paz
Com aquele grito do goool!!!
Serão as mãos
Que um dia te
Elogiaram nos jornais
As mesmas que um dia vão te apedrejar
Amigo, meu pequeno amigo,
A história é mesmo assim
Fizeram a mesma coisa
Ao nosso rei Jesus
As mesmas vozes
Que um dia O aclamaram
Foram as mesmas
Que n'Ele cuspiram.
As mesmas mãos
Que um dia O aplaudiram
Foram as mesmas
Que O crucificaram
Você já conseguiu
Aquele gol de placa
Ao deixar Jesus Cristo
Com Seu sangue na cruz
Comprar o passe do seu coração
Pra um time mais que vencedor.
Cartão vermelho pra tristeza
Dribles no adversário
Você é o artilheiro de Deus.*

Apesar de todos os problemas, Baltazar ainda se sagrou campeão brasileiro de 1983 pelo Flamengo e foi o artilheiro do time com dois gols a mais que Zico.

Sinal verde

Quando o clima no Flamengo se tornou insuportável, Baltazar apelou para Deus pedindo libertação. Poucas semanas depois foi vendido para o Palmeiras. Sua passagem no Palmeiras, em 1984, foi obscura, mas ele fez muitas amizades e falou de Cristo para muitos colegas.

No meio do ano ele voltou para o Rio. Jogando pelo Botafogo sagrou-se Vice-Campeão Carioca e artilheiro do campeonato.

No Rio fundou o grupo local de Atletas de Cristo junto com o Pastor Zick, Ataíde, Jailton e o zagueiro Ivã do Vasco da Gama, com quem a imprensa carioca tentou em vão promover uma “santa rivalidade.”

Europa

Em junho de 1985 Baltazar embarcava para a Espanha, contratado pelo Celta de Vigo, levando em sua bagagem muita esperança para essa nova fase de sua carreira.

Chegou a Vigo como salvador da lavoura, o homem gol, que levaria o Celta a grandes vitórias. Mas o Celta não foi além de 5 vitórias em 38 partidas. Teve a defesa mais vazada do campeonato. Baltazar só conseguiu fazer 6 gols em toda a temporada (o pior recorde de toda a sua carreira). Foi apontado como responsável pelo fracasso e sacado do time. Seu salário foi atrasado em quase um ano. Ele e Myrna tiveram muitos problemas de adaptação. Só não passaram fome porque uma parte do contrato foi paga antecipadamente e eles dispunham de algumas reservas.

Para completar, o Celta ainda foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato espanhol.

– *Fui humilhado e provado até o fim de minhas forças. A gente tinha que treinar num campo de terra cheio de pedras, porque o Celta não podia treinar no gramado onde jogávamos. Olhando aquele campo de chão batido, me lembrei dos campos verdinhos do Brasil e me perguntei: o que é que eu estou fazendo aqui? A saudade era grande e quase voltamos. Um dia estávamos orando e Myrna me disse em lágrimas “Deus não quer que a gente viva triste assim, Ele tem poder para mudar tudo isto!” Na mesma semana, o Celta pagou os salários atrasados e renovou meu contrato por mais um ano. Baltazar voltou a marcar, foi o artilheiro do campeonato da 2ª divisão (34 gols) e jogou todas as 44 partidas da temporada sem sofrer nenhuma contusão e sem ser substituído um só minuto.*

Com o resultado, o Celta voltou à primeira divisão e Baltazar virou o grande orgulho dos moradores de Vigo.

O lance mais triste

“Recebi uma bola longa e parti decidido para o gol. Deixei a defesa adversária toda para trás e o lance era só entre o goleiro, eu e a bola.

Galhardo saiu do gol, correndo em minha direção, para fechar o ângulo. Chutei antes de sua chegada, mas como chovia muito ele não conseguiu frear a tempo e bateu de cara no meu joelho. Galhardo saiu de campo inconsciente e só acordou no hospital. Fui visitá-lo no dia seguinte e até lhe dei um Novo Testamento de presente. Poucos dias depois ele foi liberado. Eu o visitei outra vez, em sua casa. Tudo indicava que ele estava bom e o caso encerrado. Duas semanas depois, Galhardo teve um AVC, passou por duas cirurgias, uma semana em coma e veio a falecer.

O assunto ganhou as manchetes nacionais e eu fiquei atordoado. A pressão foi muito grande e o apoio dos irmãos do Brasil que me telefonaram e oraram comigo foi o grande conforto que tive até a saída do laudo médico sobre a morte de Galhardo.

Uma má formação vascular congênita foi sua causa mortis e os médicos tranquilizaram-me afirmando que não tive culpa. Até hoje não entendi o propósito de Deus no acidente, mas aprendi que só ele pode nos dar paz no meio de circunstâncias tão difíceis quanto esta."

A volta por cima

Aproveitando a boa fase, o Celta vendeu o passe do Baltazar ao Atlético de Madri, onde ele pôde desenvolver todo o seu talento, tornando-se um dos maiores goleadores do futebol espanhol de todos os tempos até então.

Pela conquista, ele recebeu também o Troféu Chuteira de Ouro do Futebol Europeu e foi até convocado para a Seleção Brasileira na conquista da Copa América em 1989, onde mesmo sem ter a chance de jogar uma única partida inteira, ainda marcou um gol.

Baltazar foi considerado na época o cristão de maior notoriedade que já surgiu na Espanha nos cem anos anteriores e, como sempre, não perdeu a chance de falar do amor de Cristo.

Naquele Natal ele concedeu uma entrevista de quase uma hora no programa esportivo de maior audiência da televisão espanhola, explicando o verdadeiro sentido do Natal.

FICHA TÉCNICA

Nome: Baltazar Maria de Moraes Júnior.

Local e data de nascimento: Goiânia (GO), em 17/07/1959.

Estado civil: Casado.

Esposa: Myrna Martins Mota Morais.

Filhos: O primeiro está a caminho.

Livro favorito: Salmos.

Herói: Davi.

Objetivo de vida: Crescer na fé e no conhecimento de Deus. Ter um lar cheio de amor. Servir a Deus. Sempre melhorar profissional e economicamente.

Ambição secreta: Jogar nos Estados Unidos, profissionalmente, durante um ano.

A maior alegria da carreira: Marcar o gol da decisão do Campeonato Brasileiro e jogar na Seleção Brasileira.

A maior frustração: Não tenho uma específica; passei momentos difíceis, mas creio que Deus permitiu para me ensinar e me tratar como um filho.

Hobbies: Jogar tênis e ver filmes.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Engenheiro Civil.

O que vai fazer depois de pendurar as chuteiras? Ainda não sei. Creio que Deus vai encaminhar algo bom, que me dará alegria e em que poderei servi-IO.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como uma pessoa que viveu no Evangelho e que deixou frutos de vida e de trabalho.

Clubes onde jogou: Atlético (GO); Grêmio (RS); Palmeiras (SP); Flamengo (RJ); Botafogo (RJ); Celta de Vigo (Espanha); Atlético Madrid (Espanha); Porto (Portugal); Rennes (França); Goiás (GO).

Títulos: 2 vezes Campeão Gaúcho; 2 vezes Campeão Brasileiro; Campeão da Copa América pela Seleção Brasileira.

CAPÍTULO 16

CLUBE DO BOLINHA, NÃO!

ELIANA LEITE

O sucesso no esporte não removia a tristeza e o complexo de rejeição que a perseguia. Ela sabia que faltava alguma coisa, mas na tentativa frustrada de resolver seus problemas, viu-se vazia e sem objetivo. Aí pintou outra saída: pensou em se matar.

Eliana Aleixo Leite jogou na Seleção Brasileira de Vôlei e conheceu João Leite numa reunião de atletas cristãos. Desta união nasceu uma família que impactou a vida de muitos atletas e o destino de Atletas de Cristo.

Em 1980, o vôlei feminino brasileiro teve a primeira oportunidade de sua história de participar de uma Olimpíada.

– Eu estava em ótima fase técnica e física, era a capitã da equipe. Sonhava com uma boa atuação, destaque nos principais jornais do mundo. Glória total! Mas não foi assim. Os jogos começaram e eu não me apresentei bem. Sentia-me pesada para chegar às bolas e não soltava os cortes. No segundo jogo fui substituída para não retornar mais até o final da Olimpíada.

Eliana teve uma adolescência cheia de frustrações. De família religiosa, ir à igreja todos os domingos era norma rígida da qual ninguém escapava. Mas não foram as muitas missas que lhe apresentaram Jesus ou mesmo Deus.

Aos 11 anos, começou a treinar voleibol. Mesmo dando seu máximo era chamada de bibelô porque ficava parada dentro da quadra, sem se mexer. Isso, ao invés de afastá-la do esporte,

deixava-a cada dia com mais garra de treinar. Aos 14 foi convocada para participar da Seleção Mineira de Voleibol e aos 16 anos já estava sendo convocada para a Seleção Brasileira.

Flertando com a morte

Todo o sucesso no esporte não removia a tristeza e o complexo de rejeição de Eliana. Ela sabia que faltava alguma coisa e tentava resolver todos estes problemas por meio de mudanças na sua maneira de falar, de tratar as pessoas... Cada vez ficava pior.

Estava vazia e sem objetivo. Procurou cartomantes, centros espíritas, até ser arrancada de um deles por seu pai debaixo de uma tremenda bronca. Pintou outra saída:

– *Pensei em me matar...*

Aos 18 anos, com a carreira esportiva praticamente definida, titular da Seleção Brasileira Adulta e Campeã Sul-Americana Juvenil, Eliana colocava toda a sua esperança e alegria no vôlei. As vitórias e boas atuações seguidas dos tapinhas nas costas dando aquela força: “Você jogou um bolão!”, “Você joga demais!”, enchiam qualquer uma de orgulho e vaidade e ela não era exceção.

“Uma noite recebi a visita de um amigo. Ele me trouxe uma Bíblia e foi logo falando que Jesus tinha morrido para me salvar, para me dar vida eterna... O Espírito Santo testemunhou no meu coração a verdade e eu aceitei a Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador.

Fiquei super alegre, querendo aprender mais sobre Deus! Comecei a participar dos cultos de uma igreja e uma transformação incrível começou a acontecer em mim. Sentia-me aceita e amada por Jesus e feliz na sua presença.”

Mas depois de tudo isto, com a carreira a pleno vapor, Eliana resolveu que não precisava mais de Deus e se afastou.

Uma turma diferente

Em 1978, ela começou a participar do recém-formado grupo Atletas de Cristo. A diferença daquela turma para os outros grupos que já havia visitado era a busca de Deus e o objetivo de levar outros atletas ao encontro com Jesus.

Saiu dali resolvida a voltar para Cristo e com a visão de sua participação no voleibol modificada. Até então ela achava que tinha conseguido tudo por seus próprios esforços. Ali, enxergou a mão de Deus em sua carreira esportiva. Fez um novo pacto com o Senhor para nunca mais abandoná-LO. Começou a falar de Jesus para as colegas de time e doar Bíblias até para as adversárias.

Analisando toda a situação das Olimpíadas, aprendeu que Deus queria a sua carreira entregue em Suas mãos. Queria ser o Senhor da sua vida esportiva também e usar todas as coisas para Sua glória.

Dando a volta por cima

“Passei um ano muito difícil e só voltei a representar o Brasil em 1982, já me sentindo totalmente fortalecida no Senhor. Aprendi a orar antes de cada partida, pois dependia da força de Jesus para atuar. E sei que Ele ia comigo para dentro da quadra.

No Campeonato Mundial do Peru tive que disputar a vaga com outras três jogadoras. Aproveitei para entregar uma Bíblia para cada companheira e falar sobre Jesus a elas. No final do treinamento já era titular e capitã, atuando bem.

O Brasil não ganhou o Mundial, mas saí vencedora, pois além de recuperar meu lugar na equipe, eu aprendi a confiar em Deus e a reconhecê-lo em todas as áreas da minha vida. Depois de vinte anos de voleibol, doze na Seleção Brasileira, eu havia vencido meu maior campeonato.”

Aposentada do vôlei profissional, Eliana desenvolve excelente trabalho de apoio às esposas de jogadores de futebol. Eliana joga

na Seleção Mineira de Vôlei na categoria Máster e dirige uma academia de ginástica em Belo Horizonte.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Eliana Maria Aleixo Leite.

Local e data de nascimento: Belo Horizonte (MG), em 13/07/1954.

Estado civil: Casada.

Esposo: João Leite da Silva Neto.

Filhos: Débora, Daniela e Helton.

Livro favorito: “Benção e Maldição”, Jorge Linhares (Ed. Getsêmani).

Objetivo de vida: Estar atenta aos planos que Deus tem preparado para mim e segui-los com perseverança.

A maior alegria da carreira: Sentir Deus bastante presente durante a Olimpíada de Moscou.

A maior frustração: Ser cortada da primeira seleção em que fui convocada para disputar a Universidades em 1970.

Hobby: Estudar outros idiomas.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Sou muito feliz em ser o que sou.

O que gostaria de fazer depois de pendurar os tênis? Quando pendurei os tênis do voleibol, me envolvi no ensino do inglês, comecei a trabalhar com as esposas dos atletas e a jogar no Máster de Minas.

Como gostaria de ser lembrada daqui a cem anos? Como uma pessoa seguidora da palavra de Deus e que ajudou as pessoas a conhecê-lo mais.

Clubes onde jogou: Olímpico Clube (BH); Minas Tênis (BH).

Títulos: Campeã estadual por mais de 10 anos; Campeã Brasileira de 1974; 3 vezes Vice-campeã Brasileira; 3º lugar no Campeonato Pan-Americano de 1979; Campeã Brasileira Máster de 1992; 3º lugar no Brasileiro de Máster de 1993.

CAPÍTULO 17

MUDANÇA DE RAMO E DE RUMO

ALEX DIAS RIBEIRO

Sereno e tranquilo fora do carro, ele era o terror da Fórmula 3 ou O Selvagem da Amazônia, como gostava de chamá-lo a imprensa inglesa nos anos 1970. Não foi bem-sucedido na Fórmula 1, mas ficou conhecido pela mensagem “Cristo Salva”, que sempre levou em seus carros.

Era minha última chance. Se não conseguisse classificar aquele malfadado Copersucar F6 para o GP dos Estados Unidos de 1979, eu estaria fora da Fórmula 1 para sempre.

Saí acelerando forte da curva 3 do circuito de Watkins Glen. Estiquei a terceira marcha até o motor gritar espavorido e enfiei uma quarta. Ao sacar rápido o pé da embreagem, senti nas costas o tranco dos quinhentos cavalos do velho motor Ford Cosworth, acompanhado de algo muito estranho: o volante saiu na minha mão!

Eu estava a quase duzentos quilômetros por hora! Numa atitude instintiva empurrei o volante de volta e por um milagre consegui encaixá-lo!

Voltei devagar para o box, sabendo que estava percorrendo os últimos metros de uma estrada que me levou a muitos lugares, muitas emoções, muitas encrencas, mas acima de tudo me permitiu fazer durante anos aquilo que eu mais gostava: dirigir um carro de corrida de “pé embaixo” e anunciar ao mundo que Cristo Salva.

Entre lentamente nos boxes, acionei os freios e minhas rodas pararam de girar. Era o fim de Alex Dias Ribeiro na Fórmula 1 e do “Cristo Salva”

pelas pistas do mundo. Foi o fim de um sonho, de um ideal.

Quando coloquei o pé no chão dos boxes de Watkins Glen, ao descer do seu Copersucar naquela manhã, estava pisando em uma realidade muito diferente da que havia desejado para minha vida e para minha carreira. Eu, que queria ser campeão do mundo, estava abandonando o meu mundo não como um campeão, mas como um derrotado.

Desempregado, cancelei a encomenda da Mercedes 500 SLC a que tinha direito como piloto de Fórmula 1, pus minha viola num saco, voltei para o Brasil e comprei um Fiat 147 usado...

Cair na real, depois de sete anos morando na Inglaterra, e trocar a organização e competência inglesas pela burocracia brasileira, foi um baita contrachoque cultural. Ficar a pé e ainda ter que brigar por uma credencial para assistir ao GP do Brasil gerou um tremendo baixo astral que só pôde ser neutralizado com a imensa força do Deus em quem sempre confiei. Foi Ele quem segurou a minha peteca emocional no momento mais negro da minha existência. Meu primeiro emprego foi de comprador e relações públicas de uma revenda Fiat em Brasília.

No final de 1981, lancei meu primeiro livro contando as muitas histórias que aconteceram comigo nas pistas. Depois comprei uma fazenda no norte de Goiás e plantei cinquenta mil pés de jojoba. Trabalhei três anos feito um condenado e vivi aventuras do tipo Indiana Jones.

Nas horas vagas, divertia meus vinte e cinco boias-frias fazendo cavalos de pau com um trator MF 65X, ou descendo ao fundo de um poço de vinte e cinco metros de profundidade para instalar uma bomba hidráulica, ou contando histórias sobre corridas e falando das coisas de Deus em humildes igrejas do sertão.

Ali estará o seu coração

“Trabalhei no controle de qualidade dos fornecedores e como piloto de testes no projeto de construção de cinquenta carros da Fórmula Ford que a Glaspac construiu sob encomenda da Ford.

Voltei às pistas no Campeonato Brasileiro de Marcas em 1984. No fim do ano pintou uma chance de voltar a correr na Europa, mas na hora H um dos patrocinadores tirou o time e eu fiquei a pé de novo.

Desempregado, passei o ano de 1985 jogando na Bolsa de Valores de São Paulo. Ganhei uma boa grana, mas quase pirei. Enquanto a Bovespa me ensinava de uma forma prática porque a Bíblia diz: “Onde estiver o tesouro do homem, ali estará também o seu coração”^[11], passei a colaborar com o grupo de Atletas de Cristo de São Paulo, onde começavam a brilhar as estrelas de Silas e Müller.”

Haja fé!

“O bom desempenho do grupo de São Paulo, aliado à experiência que acumulei falando de Cristo nas pistas, renderam um convite para assumir o cargo de diretor executivo de Atletas de Cristo, em março de 1986.

Depois de orar e pensar muito, eu resolvi fazer a “loucura” de abandonar todas as minhas atividades rentáveis e assumir em tempo integral a administração executiva e espiritual de Atletas de Cristo. Foi necessária uma boa dose de fé para abandonar tudo pelos vinte e cinco dólares mensais, que Atletas de Cristo tinha condição de me oferecer, a título de salário simbólico.

Meu plano inicial era dedicar três meses do meu trabalho na montagem de uma infraestrutura e depois procurar um emprego que me permitisse conciliar as duas atividades. Mal sabia eu que esses três meses durariam mais de vinte anos. Nesse tempo, muitos esportistas tiveram um encontro com Cristo e se reuniram semanalmente em oitenta grupos espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

Em 1988, Atletas de Cristo foi considerada uma das mais eficientes organizações do gênero em todo mundo pela International Sports Coalition. Desses contatos internacionais, com líderes cristãos do mundo inteiro, surgiram os convites para participar das Olimpíadas de Seul em

1988 e da Copa do Mundo de 1990 na Itália e 1994 nos EUA como capelão.

Convites para fazer conferências sobre esporte e fé nos quatro cantos do mundo apareceram aos montes e acabaram me transformando numa espécie de missionário do esporte."

Flashback

"Muitos anos depois, ouvindo o testemunho de um goleiro em Portugal, vim a descobrir que aquele cara maluco (eu) que na década de 1970 vivia correndo a mais de 300 por hora pelas pistas de todo o mundo, chamou atenção do goleiro do Atlético Mineiro, que tinha se encontrado com Cristo há pouco tempo.

*O que mais intrigou o jovem goleiro foi o fato de aquele piloto trazer sempre em seus carros, capacete e macacão o slogan **Cristo Salva**. Na euforia de sua lua de mel espiritual o goleiro comprou a ideia e apareceu em campo ostentando em sua camisa um **Cristo Salva** que teria passado despercebido de muitos, se ele não fosse goleiro da Seleção Brasileira entre 79 e 81.*

O assunto ganhou logo as manchetes dos principais jornais e revistas de todo o país, não pelo fato de os jornalistas estarem tão interessados em divulgar o Cristianismo, mas pelo que a "novidade" representava em termos de curiosidade – isso nunca havia acontecido no futebol.

Depois da euforia inicial o assunto cairia na rotina. Mas como toda ação provoca uma reação igual em sentido contrário, o "irmão" goleiro voltou às manchetes. Por causa da polêmica gerada, quando as autoridades desportivas o forçaram a retirar a mensagem da camisa, alegando que a legislação esportiva na época não admitia publicidade nos uniformes.

Agora sim, é o fim dessas coisas no futebol: "um jogo para homem, onde não há lugar para esse tipo de coisa!"

O Homem que faltava

“Um jovem centroavante que despontava como grande artilheiro, lá pelos lados de Goiás, teve um encontro com Cristo e mudou de vida sem mudar de profissão. Ele continuou subindo na carreira, foi campeão brasileiro e chegou até a vestir a camisa da Seleção Brasileira.

*Um dia ele leu no jornal a resposta do goleiro de Deus sobre o **Cristo Salva** na camisa: “Tiraram o nome de Cristo de minha camisa, mas não O tiraram do meu coração.”*

Quando os dois se encontraram tinham muita coisa para conversar e juntos resolveram erguer a bandeira de Cristo contra tudo e todos, no controvertido meio futebolístico brasileiro.

Ficaram conhecidos por milhões de torcedores como João Leite, o goleiro de Deus e Baltazar, o artilheiro de Deus.”

Valeu a pena

Só então, percebi tudo quanto rolou desde a experiência do amor à primeira vista, ao assistir minha primeira corrida de automóveis na inauguração de Brasília. As corridas de bicicleta, skate, autorama, carrinho de rolimã e a estreia nas pistas com um carro construído no fundo de um quintal. Os títulos de campeão brasileiro e primeiro no ranking dos pilotos brasileiros, a ascensão até a Fórmula 1, sempre correndo no vácuo de Cristo. Nada disso foi em vão.

Mesmo que eu tenha comido “o pão que o diabo amassou” na Fórmula 1, o fim da minha carreira contribuiu de alguma maneira, para o início de Atletas de Cristo, como uma semente que morrendo na terra, germina em forma de planta que dá muitos frutos. Estou certo que o próprio Deus reuniu gente como Eddie Waxer, Abrahão Soares, George Foster e Ivenio dos Santos para incentivar João Leite e Baltazar. Junto com muitos outros pioneiros eles fundaram este movimento chamado Atletas de Cristo.

Hoje somos milhares de atletas cadastrados, atuando nas mais diversas modalidades, levando a mensagem de Cristo aos quatro cantos da Terra

através da linguagem universal do esporte.”

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Alex Dias Ribeiro.

Local e data de nascimento: Belo Horizonte (MG), em 07/11/1948

Estado civil: Casado

Esposa: Bárbara Montes Ribeiro.

Filhos: Carolina e Daniel.

Livro favorito: A Bíblia e “A Busca do Caráter”, de Charles Swindoll (Ed. Vida).

Herói: Apóstolo Paulo.

Objetivo de vida: Glorificar a Deus por meio de minhas ações, palavras, pensamentos e serviços.

Ambição secreta: Ser o cara que falou de Jesus para o maior número de pessoas na minha geração.

A maior alegria da carreira: O Prêmio Victor de Piloto Revelação em 1968 e a vitória em Nürburgring na Fórmula 2 em 1978.

A maior frustração: Não ter tido chance de pilotar um carro decente de Fórmula 1.

Hobbies: Música, ciclismo, mecânica e consertar coisas.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Piloto de caça supersônico.

O que gostaria de fazer depois de pendurar o capacete? Ser escritor e mentor de novos atletas de Cristo .

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Um cara que andou com Deus aqui na terra e voltou para Deus levando muitos atletas e torcedores a morarem no céu através de Cristo.

Equipes onde correu: Copersucar, March, Hesketh, March BMW F2 Team, Jesus Saves Racing Team, GRD, Hollywood, Daytona Ford, Caixa Econômica Federal, Rastro-Mangels, Camber e outras.

Títulos: Bicampeão Brasiliense de kart 1968/1969; Prêmio Victor de Piloto Revelação em 1968; Vice-Campeão Brasileiro de Fórmula Ford 1972; Campeão Brasileiro de Fórmula Ford 1973; 1º colocado no Ranking dos pilotos brasileiros em 1973; Vice-Campeão Inglês de Fórmula 3 em 1974; Vice-Campeão Europeu de Fórmula 3 em 1975.

CAPÍTULO 18

OS PASTORES DA BOLA

Revista Placar

Já são 300 os atletas de Cristo no país que sempre jogou futebol com o diabo no corpo.

De repente, a imprensa descobriu Atletas de Cristo. Como toda novidade é notícia, ganhamos espaço em jornais e revistas de todo país. A *Revista Placar* incentivou nosso movimento quando a bola de neve começou a rolar em São Paulo, em 1985, espalhando-se por todo o mundo. Em julho daquele ano, Nelson Urt, Tim Lopes e Roberto José da Silva publicaram reportagem na *Placar*, destacando o recente movimento como fenômeno em expansão. Assim, ao contrário dos outros capítulos contando a história de um atleta, esse relata o que era Organização Atletas de Cristo. Embora as opiniões aqui contidas não reflitam necessariamente o parecer do autor, a matéria tem grande valor jornalístico e descreve bem o que os outros pensavam a nosso respeito.

Pastores da bola

A luz divina piscou para o time do Santos pela primeira vez em plena Rodovia dos Imigrantes. O ponta-esquerda Zé Sérgio descia a Serra do Mar de volta para casa, depois do enterro do médico José Carlos Ricci Azevedo, velho amigo de seus tempos no São Paulo.

Dirigia em silêncio, mal contendo sua própria angústia. De repente, remoendo a cerimônia fúnebre a que assistira, fez-se uma

pergunta em voz alta: o que fazer para ter Cristo no coração?

Na semana passada, achando-se já de posse da resposta, o jogador participava de uma cena curiosa. Sob a luz bonita que tem feito nesses dias em São Paulo, a chácara Nicolau Moran, concentração do time do Santos F.C., vivia um clima de filme bíblico na última quarta-feira. O sol filtrado pela copa das árvores caía suavemente sobre um grupo sentado em um longo banco de jardim. Nele ouviam uma pregação religiosa o próprio Zé Sérgio, o técnico Castilho, o preparador físico Sérgio, além de duas figuras aparentemente destoantes, o central Márcio, conhecido pelo futebol truculento e o goleiro uruguaio Rodolfo Rodriguez, tão eficiente como temperamental. Todos ouviam encantados uma palestra do grupo Atletas de Cristo.

Zé Sérgio, de formação católica e convertido ao protestantismo por influência da mulher, pertence ao grupo há dois meses. Humberto se converteu há duas semanas e os companheiros de banco devem seguir em breve o mesmo caminho. O movimento é uma bola de neve. A fé no movimento se multiplicou como os pães e os peixes da Bíblia. E abriram-se as portas para os pregadores. O grupo, sediado em Minas Gerais, presidido pelo goleiro João Leite, do Atlético Mineiro, conta com cerca de 300 participantes em todo o país, a maioria deles formada por jogadores de futebol. No agitado e milionário futebol paulista, a organização se fortalece admiravelmente. A ação já está implantada em São Paulo, em que a providência divina fez pousarem e despontarem para o estrelato os jovens Silas e Müller. A legião foi engrossada por vários outros jogadores – Márcio Araújo, Éder Taino, Abelha, Pianelli, Fonseca e Freitas. No Palmeiras, o jovem ídolo Amarildo já chegou de Campo Grande (MS), doutrinado por Dito, um irmão de Müller, e funciona como inspirador de outros jogadores que começaram a

pegar carona em suas leituras da Bíblia. E assim segue a corrente em todo o país, com força surpreendente.

Na primeira conferência do grupo, realizada há quatro anos em Curitiba, o número de atletas participantes caberia com folga num Fusca: eram quatro – João Leite, o presidente, o centroavante Baltazar e os craques Jânio e Jaílton. No ano seguinte eram 15 na reunião em Belo Horizonte. Em 1983, 60 atletas foram a Vitória no Espírito Santo. No ano passado, 90 “rezaram” juntos em Atibaia, onde agora no encontro marcado para o período de 17 a 21 de dezembro, espera-se a presença de 200 atletas associados.

A raiva do goleiro

A bola de neve atinge, dessa forma, um volume considerável e seria ingênuo imaginá-lo como um fenômeno acidental ou espontâneo. O goleiro João Leite prestou-se perfeitamente para dar o tiro de meta do movimento nacional, que incorporou também os atletas católicos dispostos a participar da organização. Convertido em 1977, chegou a ser ridicularizado no início, quando implantou o ritual que repete antes dos jogos do Atlético Mineiro. Ele escolhe o adversário e lhe entrega um exemplar da Bíblia, com as palavras: Jesus te ama e tenho um presente para você.

Era uma conversa esquisita alguns anos atrás, como lembra o goleiro Gomes, do Cruzeiro, arquirrival atleticano. *“Quando ele disse isso para mim e me deu a Bíblia, cheguei a sentir raiva dele”*, conta Gomes, que agora é um dos 100 atletas de Cristo concentrados em Minas, estado onde o grupo é mais numeroso.

Hoje, deixou de ser estranho o perfil dos atletas de Cristo, que introduzem um comportamento absolutamente novo no futebol. Eles tratam amigos e conhecidos por “irmão” e conhecem intimamente a Bíblia, que manuseiam interminavelmente nas concentrações. Aceitam a má fase ou a reserva como um desígnio

de Deus. São extremamente disciplinados, solidários dentro e fora do gramado. Não bebem nem fumam, rejeitam a infidelidade conjugal e evitam o uso do palavrão. Acreditam na morte como a bandeirada de largada para a vida eterna e consideram-se iluminados para a missão de propagar a fé em Cristo a todos os brasileiros.

A pancada e perdão

Naturalmente o perfil ideal até agora derrapa de vez em quando nos antigos costumes ainda não superados pelos craques iluminados. Assim se explica, por exemplo, o fato de o nigeriano Rick, artilheiro do Vitória e líder dos Atletas de Cristo na Bahia, ser o recordista de cartões amarelos no campeonato local (sete) e estar ameaçado de uma longa punição por ter tentado agredir o árbitro Jaime Silva Santos num jogo contra o Leônico. Ou que o zagueiro do São Bento de Sorocaba, Edson, quase tenha dividido em dois, o centroavante Careca do São Paulo, na partida de sábado retrasado.

Ao receber o cartão vermelho, Edson foi abraçado pelo católico Araújo, que lhe disse: *“Você não pode fazer isso. Você agora é um atleta de Cristo.”* No dia seguinte, ele pediu desculpas pelos jornais a Careca. O centroavante respondeu, num resmungo: *“Ainda bem que ele é religioso. Imagine se não fosse.”* Os rapazes estão apenas começando a exercer sua fé, essas coisas acontecem. E, para dizer a verdade, os limites entre a espiritualidade e a virilidade típica do futebol ainda não estão bem estabelecidos. *“Não dou moleza, entro duro em campo. — diz o zagueiro paranaense Jatobá, do Pinheiros. A diferença é que não faço nada com maldade no coração. Mas não vou deixar o cara passar por mim para fazer um gol”,* esclarece.

No Recife, na reunião dos Atletas de Cristo da semana passada, um dos assuntos em pauta era também uma ocorrência disciplinar. Zé Eduardo, ex-zagueiro do Corinthians Paulista e do Botafogo

carioca, penitenciava-se de uma atitude tomada no jogo da véspera contra o Sport: Adílson, atacante inimigo, foi comemorar seu gol enrolando-se na rede e levou um pontapé do religioso beque adversário, que se achou provocado. *“Depois me arrependi do que fiz”, reconheceu o zagueiro. “Ele mexeu com o Zé Eduardo, gente, não com o Zé Eduardo cristão.”*

No geral, contudo, todos os atletas de Cristo se sentem bastante modificados. *“Antes eu era um satanás”, garante o goleiro cruzeirense Gomes, “com uma mulherada danada e jogando meu dinheiro fora.”* Hoje ele aprendeu a encarar a vida de forma diferente, mesmo em campo. *“Deus é quem me põe no time ou na reserva. Nada é do meu esforço pessoal”, acredita.*

Posturas iguais a esta evidentemente são um fator de tranquilidade nos clubes — e aqui está uma das chaves que explicam porque o movimento é muito bem recebido por técnicos e dirigentes. Para começar, há menos chances de um atleta se descuidar fisicamente e perder as energias na farra. Como diz Lúcia, mulher do goleiro Pimenta, do Náutico: *“Nós, esposas estamos tranquilas quanto ao assédio das fãs, pois nossos maridos estão preparados para resistir às tentações.”*

E ainda existe uma tranquilidade dos dirigentes em relação aos tradicionalmente difíceis acertos salariais. *“Antes, faltando seis meses para acabar meu contrato, eu ficava nervoso, angustiado com a renovação. Agora, só trato do assunto no momento adequado. Deus me deu o hoje, não me preocupo com o amanhã”, reza Zé Eduardo.*

Sincretismo

Não se pode imaginar ainda o resultado no futebol brasileiro desse fenômeno concentrado em Minas, bem desenvolvido em São Paulo, crescente no Sul e no Nordeste do país, ainda engatinhando no Rio de Janeiro, com Ivan e Donato, zagueiros do Vasco. Difícil

adivinhar se o tempo e a natural propagação do movimento trarão reflexos consideráveis na forma de jogar bola dos nossos craques. O Brasil, afinal, está mais familiarizado com o sincretismo religioso, que escala num mesmo time devoções, rezas, santinhos, despachos, “trabalhos”, superstições – tudo enfim que, no dizer do humorista e crítico de futebol Luiz Fernando Veríssimo, compõe o apelo ao sobrenatural para dar uma mão num jogo.

Desde já, a nova postura é uma reforma temporária ou não, naquele país do futebol em que seus reis Garrincha e Pelé, este último um católico fervoroso, jogavam como se tivessem o diabo no corpo.

Milagres na Fórmula 2

Se, de repente, Jesus Cristo se materializasse, e descendo à Terra resolvesse premiar os esportistas que mais empenho tiveram em elevar seu nome e espalhar ainda mais a Sua doutrina nos modernos meios de comunicação, teria de, como qualquer patrocinador de respeito entre os mortais, desembolsar uma grande quantia em favor do ex-piloto de Fórmula 1 Alex Dias Ribeiro.

Como se não bastasse colocar nas manchetes, no vídeo e diante dos microfones o nome de Cristo durante sete anos de aventuras automobilísticas internacionais, decidiu lançar, em 1981, o livro *“Mais Que Vencedor”*, cuja capa destaca o March-Hart, todo vermelho, com a inscrição **“Cristo Salva”**, que tanto furor causou na Fórmula 2. Dos 20.000 exemplares, Alex conseguiu vender 15.000. O restante anda a distribuir entre amigos.

No livro, com prefácio de Nelson Piquet e Emerson Fittipaldi, o *“Piloto de Cristo”* conta a sua carreira desde a construção de um carro de fundo de quintal, o *“Patinho Feio”*, até sua fracassada passagem pela Fórmula 1, sempre em companhia do mais fiel

amigo e protetor Jesus Cristo. *“Cristo, que foi Deus montado num chassi humano e, portanto, com todas as características de homem, afirmou: ‘Quem vê a Mim, vê Aquele que Me enviou’”*, escreve Alex no seu *best-seller*.

Carregando uma inabalável fé e interpretando o papel de missionário dos novos tempos, Alex várias vezes se viu confundindo com a imagem e os infinitos poderes do Senhor, mesmo quando disputava a Fórmula 3 inglesa. Ele narra: *“Quando bati a poucos metros da bandeirada final da preliminar do GP da Inglaterra, em Silverstone, a revista inglesa Autosport, publicou uma reportagem intitulada ‘Jesus Falhou em Salvar Ribeiro.’ Semanas depois, quando venci de maneira espetacular a prova de encerramento daquele ano, em Thruxton, a mesma revista publicou outra matéria sob o título ‘Jesus Cristo Superstar’.”*

Alex teve uma carreira razoável. Fez sua maior corrida internacional a bordo do seu March-Hart no grande prêmio de Fórmula 2 em Nurburgring, quando venceu uma das provas mais emocionantes de todos os tempos: ao cruzar a linha de chegada, tinha Keke Rosberg logo atrás, colado a seu carro e, a 3 décimos de segundos dele Eddie Cheever. Uma chegada vertiginosa. Mas seu grande sonho ultrapassava os limites da Fórmula 2 — queria ser campeão mundial de Fórmula 1, se possível a bordo de uma Lotus. Anos depois, ao abandonar todos os seus sonhos e fazer um balanço de suas aventuras, Alex concluiu: *“Lembrei-me de que, na ânsia de querer ter um bom carro, andei sonhando e até pedindo a Deus que me desse o posto de segundo piloto da Lotus. Minha prece não foi atendida. Meses depois, o sueco Ronnie Peterson, ocupando aquele cockpit onde eu gostaria de estar sentado, morreu em um acidente em Monza. Logo que eu soube da notícia, lembrei-me do provérbio bíblico: ‘Há caminho que parece certo ao homem, mas no final conduz à morte’.”*

Depois de uma incursão malsucedida como fazendeiro, Alex voltou às pistas em 1983 para correr de *Superkart* em Interlagos. No ano passado disputou o Campeonato Brasileiro de Marcas. Este ano, aflora nele o antigo desejo de voltar a competir no exterior, mas até agora não conseguiu patrocínio para a temporada de Fórmula 3000.

Os gastos com automobilismo, cada vez mais altos, impedem que Alex recrie a antiga escuderia *Jesus Saves Racing Team*, em que Cristo era o principal patrocinador.

O esporte em nome do Pai

Eles acreditam em Deus e no diabo. Em milagres e na morte como início de uma vida eterna. Não costumam andar sem a companhia da Bíblia e fazem dela o manual de suas vidas a fonte de suas inspirações e o refúgio de suas vidas, dores e pecados.

Acreditam em estar próximo o fim do mundo, ou do dia do julgamento, quando haverá o arrebatamento dos cristãos, a misericórdia de Deus.

Os grupos de atletas de Cristo brotam com rapidez impressionante pelo país. Em São Paulo a reunião semanal na casa do engenheiro Rodolfo Fraga, no Morumbi, já abriga em média 40 atletas, na maioria jogadores do São Paulo, profissionais e juniores. Na semana passada era possível escalar um time de "Atletas de Cristo".

Müller e Silas, as novas sensações do São Paulo de Cilinho no Campeonato Paulista, desfalcam o time dos Atletas de Cristo a partir dessa semana. Eles se incorporaram à Seleção Brasileira de Juniores que irá disputar o Campeonato Mundial da categoria na União Soviética, em agosto. Müller, estará ausente dos cultos dominicais com seus "irmãos", mas manterá o hábito de caminhar sempre acompanhado pela Sagrada Bíblia. Sua educação religiosa

vem do berço, por influência da sua mãe, Terezinha Correia, em Campo Grande, de onde saiu do Operário para São Paulo. *“A Maioria das pessoas hoje só vive as coisas materiais, do mundo. Mas a vida que Deus nos dá é eterna, e eu escolhi a vida eterna.”*

O nome Müller, ele herdou do irmão, que teve rápida passagem pelo São Paulo e hoje joga no *Universidad* do México. Com 19 anos, o garoto Müller, do São Paulo, mora nos alojamentos do próprio estádio do Morumbi, ganha dois milhões de cruzeiros mensais, sonha com a seleção brasileira e, em longo prazo, com o ‘Reino dos Céus’. Até a música ele evita ouvir, para não abalar a sua sintonia com Jesus Cristo; uma música qualquer impede o crescimento espiritual. *“Quando a gente lê a Bíblia, está se alimentando da Palavra de Deus”*, diz Müller, um dos nomes da lista de observações de Telê Santana para a copa do México.

Entre Müller e Silas, dois protestantes, há um católico apostólico romano fervoroso: Márcio Araújo, volante do SP e também um integrante do grupo de Atletas de Cristo: *“Hoje em dia o relacionamento sexual é desordenado. A mulher está perdendo o pudor, em meia hora conhece um homem, transa sem saber o nome dele e o esquece no dia seguinte. Sou contra o aborto, divórcio, e acho que a estrutura da sociedade é a família. Apenas sigo o que está na Bíblia”*, acredita Márcio.

Alex Dias Ribeiro, um dos mais respeitados membros do grupo, é responsável pelo trabalho de arregimentação dos atletas e, até já fez uma palestra a convite do técnico Cilinho. Para Alex, o trabalho transcende o sentido religioso: é uma forma de participação do atleta na sociedade.

“Um jogador de futebol, por exemplo, já é considerado velho aos 28 anos e está no fim de carreira aos 30 anos. E tem mais de 40 anos de vida pela frente. Muitos, sem saber o que fazer, acabam comprando um boteco para vender pinga. E acabam tomando mais do que vendendo. Ficam

desorientados e podem afundar. Nossa missão é alertar que Cristo é o caminho. É a vida eterna."

Em sua oitava reunião, o grupo de cristãos já conta com os primeiros missionários do esporte amador, como Vagner, 24 anos, ala do time de basquete do Corinthians, que passou pelo Francana e Monte Líbano e esteve nas Olimpíadas do Moscou. Sua vontade é instalar um centro de encontro na zona leste, um local de mais fácil acesso aos jogadores do Corinthians: *"Há muita gente no anonimato, à procura do Evangelho."*

Vagner cursa um seminário na Faculdade Teológica em Mogi das Cruzes para se tornar pastor: *"Depois irei onde Deus me mandar, pregando a palavra."*

Baltazar é o vice-presidente dos Atletas de Cristo, em processo de instalação para ser presidida pelo goleiro João Leite, do Atlético Mineiro. O ponta-direita Élder, do Flamengo, começa a se integrar ao grupo cristão e, quarta-feira passada, no vestiário do Maracanã, antes do jogo Flamengo contra Brasil de Pelotas, era surpreendido com uma Bíblia na mão enquanto ao seu redor só falava de Zico; o retorno do semideus.

"Ainda não me converti, mas estou aberto às influências e vou às reuniões. A busca de Cristo é um caminho para quem pretende ser feliz," diz Élder, que por força da amizade com o zagueiro Ivã, começa a frequentar as reuniões.

Ivã, paulista de Lins, 30 anos, seis deles no Vasco, converteu-se por influência da mulher Daisy. Ela viveu num lar cristão. *"Eu, em dado momento, senti um toque, um chamado de Deus, e acabei tomando a decisão de aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador. A conversão de muitos jogadores é sinal de que Cristo está voltando."*

Em Curitiba, as reuniões dos Atletas de Cristo se realizam na casa do meia Mauro Madureira, do Pinheiros, onde as meninas do Handebol do Centro Federal de Educação Teológica engrossam o

time de jogadores de futebol. Nenê, de 17 anos, zagueiro do Colorado, é o mais recente membro do grupo, decisão tomada há dois meses depois de ter sido levado para o clube pelo irmão Dida, lateral do Coritiba e da Seleção Brasileira de Juniores, que também vai ao Campeonato Mundial da União Soviética. Nenê está satisfeito com a experiência: *“Nada é melhor do que estar com Deus e seguir os ensinamentos da Bíblia.”*

Para meninos como Müller, Silas, Dida e Nenê, são constantes os conselhos dos mais experientes, sempre, evidentemente baseados na Palavra de Deus.

O Piloto Alex Dias Ribeiro aconselha a leitura do último parágrafo do seu livro *“Mais Que Vencedor”*, que diz: *“O sabor da vitória que Cristo conquistou no lance da cruz é eterno, assim como são eternos todos os que dela se apossam, tornando-se com Cristo cordeiros do Reino dos Céus.”*

PARTE 3

MILAGRES

“Quando Deus muda nossa sorte intervindo de modo seletivo ou misericordioso, vemos a aplicação das leis divinas em ação na vida de quem pede ajuda.”

William Douglas e Rubens Teixeira
“Sociedade com Deus”

CAPÍTULO 19

DE REPENTE, UM SURFISTA
DESAPARECEU COM PRANCHA E
TUDO!

AMARILDO

Salvo da morte por um surfista do além, Amarildo nunca mais foi o mesmo.

É hoje! Pensava eu me sentindo o máximo...

Estava na praia deserta ao lado de uma tremenda gata. Só nós dois e o mar...

Para impressioná-la entrei na água e comecei a nadar em largas braçadas. Achei que já tinha virado peixe e fui mais longe do que podia enquanto ela me observava preocupada. Quando eu sumi de vista ela desistiu de mim e foi descansar na areia. De azul a coisa ficou preta para o meu lado. Tentei voltar e não consegui. A correnteza começou a me levar para alto mar...

Nadava como um desesperado, mas não saía do lugar. As ondas começaram a arrebentar sobre minha cabeça toda vez que tentava respirar e comecei a me afogar de verdade. Quando vi que não tinha mais jeito e percebi que ia morrer mesmo, lembrei-me que existia Alguém que poderia fazer algo por mim e no meio do desespero apelei para Ele:

– Meu Deus! Me ajuda por que não vou conseguir sair desta sozinho. Se eu ainda puder ser útil para você, me tira desta, Pai. Eu prometo acertar minha vida contigo.

De repente, pintou um surfista. Com muita tranquilidade ele me perguntou como estavam as coisas. Apavorado, eu contei para ele todo o meu drama em um segundo.

Ele me colocou sobre a sua prancha e me empurrou com segurança até a areia. Corri até a garota e lhe perguntei:

- Você viu?*
- Vi o quê?*
- Quase morri afogado e aquele surfista me salvou!*
- Que surfista? – ela me perguntou.*

Virei para trás e ele tinha sumido subitamente, com prancha e tudo...

Piloto de rua

“Farrá pouca era bobagem na minha vida. Duas noites antes, eu vinha de uma balada junto com Alemão^[12] no meu Opala de pé embaixo pela madrugada carioca.

De repente, perdi o controle do carro e rodamos várias vezes. Quando paramos, abri os olhos e não pude crer: o carro estava em cima da calçada, estacionado entre o poste e o muro. O susto foi tão grande que nem me lembro para qual lado nós estávamos virados. Poucos centímetros para a direita ou para a esquerda e nós teríamos nos arreventado!”

Salvo no avião

“Embarcamos no Rio com destino a Ilhéus na Bahia onde o Botafogo iria jogar.

Ao sentar na poltrona do avião fiz um balanço sério dos acontecimentos daquela semana agitada, pensei no surfista e cheguei à conclusão que ele só poderia ser um anjo. Lembrei-me do acidente com o carro e concluí que só escapamos mesmo porque Deus quis. Olhei para a poltrona da frente e vi o Baltazar lendo uma Bíblia na maior tranquilidade. Que baita azar! Pensei comigo: três meses sem receber do

Botafogo e agora eles contratam esse cara para o meu lugar com Bíblia e tudo! Eu estava revoltado, frustrado e muito ressentido.

Quando me toquei, eu já tinha mudado de assento, estava sentado do lado do Baltazar contando toda a história da minha vida para ele.”

Rédea curta

“Eu conhecia bem a Bíblia... Sempre vivi num ambiente cristão. Meu pai era pastor e me arrastava para a igreja o tempo todo. Eu conhecia todos os sermões, todas as orações e os hinos da igreja. Conhecia uma religião, mas não conhecia a Deus pessoalmente.

Na verdade, eu só estava lá por causa da rédea curta do velho, o meu velho... Eu pensava que ele me atrapalhava, regulando minha vida. Mas não fazia ideia de que pudesse perdê-lo.

Um dia ele me pediu um favor e eu não atendi. Aliás, atender seu pedido teria sido muito mais simples do que segurar a barra de vê-lo sair de casa meio contrariado para fazer o que eu poderia ter feito e simplesmente não voltar. No caminho, o meu velho morreu.

A dor e o remorso foram enormes e deixaram uma marca profunda no meu coração.”

Caindo na vida

“Depois disso, eu nunca mais fui o mesmo. Sem o velho e sem sua pressão, caí na vida.

Comecei a jogar futebol e me dei muito bem. Jogando no Paraná, eu me tornei artilheiro do Campeonato. Chamei atenção do Botafogo e fui contratado como salvador da pátria.

Morar no Rio com uma boa grana no bolso era tudo que eu queria em minha fome de aventura. Mas com exceção dos embalos, as coisas não saíram como eu esperava.

Os gols não pintaram, o Botafogo continuou em crise, a grana foi sumindo, quase morri duas vezes numa só semana e ainda por cima ele

(Baltazar) foi contratado para o meu lugar.

Baltazar ouviu tudo e me falou com a maior calma do mundo que Deus estava querendo a minha vida.

Como no mar, onde descobri a prancha do surfista como minha única chance; Baltazar me fez ver que Cristo era o único caminho para minha salvação eterna. Entendi na hora que não poderia perder a oportunidade de encarar a Cristo ali mesmo naquele avião.

Agarrei-me a Cristo com a mesma gana que agarrei aquela prancha e descobri na hora o que é conhecer a Deus.

No jogo em Ilhéus, o Baltazar estreou no meu lugar. Dois dias depois, fui contratado por um time do Mato Grosso por um salário duas ou três vezes maior do que no Botafogo, além de ter acertada minha vida financeira, recebendo os atrasados. Aquilo foi muito bom porque percebi Deus já agindo em minha vida com muito amor.”

Se o velho me visse agora...

“Passei por sete ou oito times no Brasil e Deus me usou em todos eles. Nos últimos cinco anos eu joguei na Espanha e Itália. Fui o único jogador brasileiro atuando lá que nunca jogou na Seleção Brasileira. Isso também foi um presente para mim e para minha família. Eu sempre agradeço a Ele.

Meu nome foi escolhido para campanha de lançamento do livro Força para Viver, na Itália.

Hoje estou comprometido e envolvido nas coisas de Deus e não perco nenhuma oportunidade de falar de Cristo a quem quer que seja, em qualquer circunstância e em qualquer canto do mundo. Se meu pai me visse hoje, ficaria orgulhoso de mim.”

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Amarildo Souza do Amaral.

Local e data de nascimento: Curitiba (PR), em 02/10/1964.

Estado civil: Casado.

Esposa: Valéria Granço do Amaral.

Filhos: Gabriela e Giuliana.

Livro favorito: A Bíblia e livros cristãos.

Herói: Jesus.

Objetivo de vida: Ver todos os meus familiares seguindo a Jesus.

Ambição secreta: Disputar a Copa UEFA.

A maior alegria da carreira: Ter jogado na Itália.

A maior frustração: Quando estava no banco de reservas. Entrei no jogo e antes de terminar, fui substituído.

Hobby: Pescar.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Tenista.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras?

Trabalhar com algo relacionado ao esporte.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Não apenas como jogador de futebol, mas como um homem honesto e sincero.

Clubes onde jogou: Toledo (PR); Botafogo (RJ); Operário (MS); Inter de Limeira (SP); XV de Piracicaba (SP); Inter de Porto Alegre (RS); Celta Vigo (Espanha); Lazio e Cesena (Itália); Logroñes (Espanha); Famalicão (Portugal).

Títulos: Artilheiro do Campeonato Gaúcho; Artilheiro do Celta Vigo (Espanha).

CAPÍTULO 20

A VOLTA AO MUNDO COM A PERNA QUEBRADA

BISMARCK

**O estalo parecia barulho de bambu quebrado.
Acabara de quebrar o perônio e romper os ligamentos.
Bismarck conta a sua trajetória da dor até a glória de ser campeão
e virar super-herói da garotada japonesa.**

A Inglaterra venciu o jogo final da Copa TDK na China, mas o nosso time não se entregava. Na base da raça, conseguimos o empate e daí por diante a respiração do público ficou suspensa, pois o jogo cresceu muito nos minutos finais. Foi aí que recebi a bola na entrada da área. Consegui me livrar de dois zagueiros, driblei o terceiro e na saída do goleiro chutei com força na pequena brecha que apareceu, para marcar o gol que dava o título ao Brasil.

O estádio quase veio abaixo com a comemoração! Agora só precisávamos “administrar” a vitória, já que a partida estava por se encerrar. Mas a equipe da Inglaterra reagiu com um fôlego incrível e partiu para cima da gente, tentando o gol de empate. Era tudo ou nada e como vi o lateral esquerdo deles avançar com a bola, reuni todas as forças que tinha para dar combate; não podia deixá-lo cruzar aquela bola... Quando cheguei, ele deu um corte para dentro e eu perdi o equilíbrio, caindo com o peso do corpo em cima da minha perna. O estalo que ouvi parecia o barulho de um bambu quebrando. Acabara de fraturar o perônio^[13] e romper os ligamentos.

Por quê, Deus, logo comigo?

“Não pude acreditar no que aconteceu e, ao mesmo tempo, uma pergunta começou a se formular na minha mente: “Por que, Deus, uma coisa dessas foi acontecer logo comigo, que sou Teu servo?!” No hotel não podia nem mesmo vibrar com o título porque os recursos disponíveis eram poucos e a perna foi imobilizada de improviso, até retornarmos ao Brasil. A dor era tanta que não conseguia nem dormir, se me mexia um pouquinho, ela voltava a se espalhar pela região. E para completar, o próximo voo para o Brasil só saía dentro de dois dias. Nunca vi o tempo passar tão devagar em toda a minha vida.”

Momentos difíceis

“Após seis dias da maratona de voos e conexões, conseguimos chegar ao Rio. Fui direto para mesa de operação. Graças a Deus, os médicos me animaram com a possibilidade de voltar a andar e até jogar futebol, mas me disseram também que esses seriam momentos difíceis. Foram nove meses de recuperação e trabalho de fisioterapia. Nesse tempo todo contei com o apoio e incentivo da minha família, dos meus amigos e dos meus irmãos da igreja.

Também, pude pensar mais nas coisas de Deus e me aproximar mais d’Ele, porque sabia que em tudo isso Ele tinha um propósito. Passei a orar mais, a estudar a Bíblia e a pensar na vida e nos seus reais valores. Senti em todo tempo a presença de Jesus, que não me deixou em nenhum momento.

Apreendi que a vida só tem sentido quando está em sintonia e comunhão com Deus. Se a princípio não compreendia porque aquilo tinha acontecido comigo, através da experiência pude aprender que o amor e a amizade de Jesus pelos seus queridos não era um negócio no papel. Era real!”

A volta por cima, com a bola toda

“Foi uma alegria poder voltar a tocar numa bola. Depois de tanto tempo, a saudade era grande. Nos treinamentos me empenhava ao máximo e logo fui conquistando espaço no time do Vasco.

Como o clube estava adotando a filosofia de aproveitar a “prata da casa”, conquistei um lugar na equipe e, graças a Deus, nos jogos decisivos me saí bem: contra o Fluminense consegui marcar e nos jogos contra o Flamengo, também.

Acertei um chute de fora da área, inesquecível, ajudando o Vasco na batalha do bicampeonato carioca. Na Copa União nosso time continuava embalado e conseguimos marcar o maior número de pontos do torneio. A imprensa era unânime em apontar o time do Vasco como o maior candidato ao título, porém, num único jogo perdemos a chance de continuar na disputa. A tristeza quis marcar presença em meu coração, mas logo a alegria voltou com a convocação para a Seleção Brasileira de Juniores que iria disputar o Campeonato Mundial na Arábia.”

Bola de Ouro

“Na Arábia, não conquistamos o título, mas fui escolhido como o melhor jogador do torneio. Isso me deu motivação especial. Ganhei a bola de ouro e também tive a oportunidade de testemunhar para muita gente. Outro motivo de satisfação foi a convocação para a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1990, pois este é o maior sonho que todo atleta de futebol deseja ver realizado.

Porém, a conquista mais importante da minha vida foi a vida eterna que obtive através do que Jesus Cristo realizou na cruz do Calvário. Lá Ele me concedeu o perdão e me deixou limpo e perdoado diante de Deus.

Considero o perdão de Deus para minha vida o mais importante título e o mais belo troféu. É gratificante poder agora jogar no Time de Deus, um time que não perde nunca e que também tem um lugar para você.”

Os melhores momentos

“O melhor jogo que fiz foi contra o Fluminense pelo Campeonato Carioca de 1988, logo depois do Sul-americano de Juniores. Antes de viajar, eu era o titular. Quando voltei, o técnico me colocou no banco.

Na final do segundo turno o Fluminense ganhava de 1 a 0. Entrei faltando vinte e cinco minutos para terminar e tivemos uma grande virada. Esse foi o jogo mais marcante da minha carreira profissional.

O gol mais bonito também foi contra o Flu no Brasileiro de 1988, num belo chute de fora da área depois de tabelar com Roberto Dinamite.

O primeiro Congresso de Atletas de Cristo de que participei me marcou muito. Lá pude conhecer atletas de várias modalidades. Pessoas que tem uma responsabilidade e vontade de levar a Palavra de Deus a todos os cantos da Terra. Percebi ali que Deus tinha um plano internacional para mim. E logo em seguida fui contratado por um time japonês.”

Bismarck X Jaspion

O jogo era tenso como toda final de Campeonato. O goleiro do Verdy Kawasaki bateu um tiro de meta longo. Bismarck e Zico subiram juntos disputando a cabeçada.

A bola passa pelos dois e Bismarck cai estatelado na grama. Ao se levantar, ouve um monte de desaforos do Galinho de Ouro. Bismarck garante que foi na bola. Zico saiu cuspiendo marimbondo nos jornais acusando a nova sensação do futebol japonês de ter lhedado uma cotovelada. Neste clima de tensão, o jogo terminou empatado e o Verdy

Kawasaki sagrou-se campeão japonês tendo Bismarck e Kazuo como destaques.

Depois de cada gol, Bismarck ajoelha-se em campo e agradece a Deus. A cena é televisionada para todo país que já se pergunta:

“Quem é o Deus de Bismarck?” A garotada japonesa brinca de imitar

o gesto de Bismarck na comemoração dos gols marcados em suas peladas e

Bismarck vai desbancando o legendário Jaspion com a realidade do poder de Deus no coração dos japoneses.

Bismarck é o único solteiro entre os atletas descritos neste livro e vive com a mãe no Japão. Tímido em público e brincalhão entre os amigos, ele se reúne todas às quintas-feiras com outros cristãos na casa do Pastor Kano para estudar a Bíblia e louvar a Deus. Bismarck está convencido que sua ida para a Terra do Sol Nascente foi promovida por Deus. Ele disse que tem crescido muito espiritualmente e ajudado a fortalecer os cristãos e a igreja no Japão...

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Bismarck Barreto Faria.

Local e data de nascimento: Rio de Janeiro (RJ), em 17/09/1969.

Estado civil: Solteiro.

Livro favorito: A Bíblia.

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Falar e testemunhar do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Ambição secreta: Ter a chance de voltar à Copa do Mundo, ser campeão e falar de Jesus.

A maior alegria da carreira: Ter sido Campeão Brasileiro em 1989 pelo Vasco, Campeão Japonês pelo Yomiuri em 1993 e ter dedicado o título a Jesus.

A maior frustração: Ter ido à Copa do Mundo na Itália e ter perdido.

Hobby: Cinema.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Ser dentista.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? Está nas mãos do Senhor Jesus.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um dedicado filho e servo do meu Senhor Jesus Cristo.

Clubes onde jogou: Vasco da Gama (RJ); Yomiuri Verdy (Japão); Seleção Brasileira.

Títulos: Campeão Infantil, Juvenil e Juniores Carioca pelo Vasco; Campeão Carioca 1987, 1988, 1992 e 1993 pelo Profissional do Vasco; Campeão do Torneio TDK na China em 1986; Campeão do Torneio da Amizade em Portugal e Espanha em 1987 pela Seleção de Juniores do Brasil; Campeão Sul-Americano em 1988, também pela Seleção de Juniores do Brasil; Campeão da Copa América pela Seleção Brasileira.

Todos estes títulos são dedicados a Jesus Cristo. Só ele é merecedor de tudo.

CAPÍTULO 21

A MAIOR VIRADA DA MINHA
CARREIRA

DONATO

Horas de lutas se passaram até que os demônios deixaram o corpo de Cássia, depois de um chá de cinzas de mortos.

Ainda garoto, Donato, jogava bola num time de várzea com a molecada da rua num subúrbio do Rio e trabalhava como chaveiro, para ajudar no sustento da sua família que era muito pobre.

Ao atender um cliente, ficou sabendo que o cara era olheiro do América do Rio. Donato o convidou para assistir uma partida sua. O homem veio, viu, gostou e recomendou-o ao América. Dono de um grande talento e senso de humor, Donato agradou a todos com seu futebol e mais tarde tornou-se campeão pelo Vasco da Gama e pelo Atlético de Madrid.

Um grito no Escuro!

Um grito terrível acordou toda a família de Donato no meio de uma noite de sexta-feira. Cássia, esposa de Donato, se contorcia na cama com os olhos virados ao contrário, mãos e pés enrijecidos. Uma espuma vermelha saía de sua boca...

– *Ela está tendo um derrame!* – exclamou Dona Amélia.

– *Mamãe, ela está morrendo. Que vamos fazer?* – clamou Donato apavorado.

– *Vamos rezar o Pai Nosso!* – alguém sugeriu.

– *Não, o negócio é ler o Salmo 91* – disse outro. Mas no sufoco ninguém conseguiu achar o Salmo na Bíblia.

Ao ouvir o Pai Nosso, a Cássia deu um pulo e começou a chutar todo mundo. Uma vizinha veio correndo ver o que estava acontecendo e sugeriu levá-la para a casa de Dona Baiana, mãe de santo conhecida na vizinhança. Quatro homens mal davam conta de segurar a pequena e frágil Cássia, enquanto Dona Baiana tentava os rituais exorcistas que conhecia para tirar os demônios do corpo de Cássia.

Horas de luta se passaram até que os demônios a deixaram, depois de um chá de cinza de mortos. Cássia voltou a si bastante machucada, diante dos olhos arregalados da família, apavorada e sem ter a mínima ideia do que tinha lhe acontecido.

– *O caso é muito sério!* – sentenciou Dona Baiana, ao apresentar a receita a Donato, que no dia seguinte saiu para comprar galinhas pretas, contas, sabão, ervas de banho e outros bagulhos.

Cássia teria que “fazer a cabeça” o mais cedo possível antes que algo pior acontecesse. Vencendo no primeiro tempo, o Supertraíra^[14] tinha agora toda a família de Donato sob controle.

Naquele fim de semana nada pôde ser feito, pois Donato tinha jogo e concentração, enquanto Cássia ainda estava de cama recuperando-se das contusões.

Flashback

Enquanto isto Dona Amélia, mãe de Donato, começou a recordar-se dos ensinamentos que recebeu de seu pai. Lembrou-se dos bons tempos em que andava nos caminhos do Senhor, de uma pregação do Bispo McAlister na Rádio Relógio.

Lembrou-se de quando estava no hospital convalescendo do nascimento de sua filha Rosangela, de um folheto que alguém lhe deu no hospital quando Donato nasceu, de como ele ainda menino

pedia que ela o levasse àquela igreja onde ele havia sido curado de um defeito na língua. Lembrou-se das orações que ela ensinava ao pequeno Donato e dele recitando de cor o Salmo 23 e lamentou ter se afastado de Deus.

Virando o jogo

Quando o Donato chegou em casa com todos os equipamentos para o ritual da umbanda, Dona Amélia já tinha decidido:

– *Nós vamos é para a igreja, e não para o centro.*

Naquela noite, ela e o Donato foram à frente quando o pastor fez o apelo aos que queriam entregar suas vidas a Cristo.

No dia seguinte voltaram trazendo Cássia. Ela também se entregou a Cristo.

Tudo isso aconteceu em outubro de 1984, quando Donato começava a despontar no Vasco, depois de ter jogado no Botafogo e no América do Rio.

A ameaça de Dona Baiana de que os demônios voltariam no dia dos mortos fez com que eles passassem a frequentar a igreja todos os dias, onde ficaram muito impressionados com o carinho e o cuidado que o grupo jovem tinha por eles. Em dezembro daquele ano, Donato e Cássia foram batizados e em janeiro de 1985, se casaram e foram tão felizes que nove outros membros da família aceitaram a Cristo, incluindo Rosangela, a irmã de Donato, que antes havia sido convocada para ser cambone, aquele que serve o caboclo nos rituais de umbanda.

Rosangela morreu em 1989, depois de uma infecção pós-parto, mas teve o privilégio de ser a primeira da família a chegar ao céu.

Chuva de bênçãos

Naquele ano, Donato foi campeão da Taça Rio de Janeiro. Em 1986, foi campeão da Taça Guanabara e Campeão Carioca. Em

1988, foi bicampeão carioca e bicampeão do torneio Ramón de Carranza 1987/1988, na Espanha, sempre jogando pelo Vasco da Gama. Ao despachar sua bagagem no aeroporto de Barajas em Madri, Donato se preparava para embarcar de volta ao Rio depois de vencer o Ramón de Carranza, quando o presidente do Vasco lhe telefonou avisando que ele havia sido vendido ao Atlético de Madrid e deveria ficar na Espanha para estreiar no próximo fim de semana.

Super-herói

O estádio estava lotado para o jogo do ano: Atlético X Real Madrid. Era jogo duro e parecia destinado ao zero a zero, quando o zagueiro Donato fez o golaço da vitória e saiu de campo como o grande herói da partida.

Sua foto junto com Cássia e as filhas Tássia e Vanessa apareceu nas capas das revistas e Donato, agora naturalizado cidadão espanhol, é um nome cotado para a Seleção daquele país. Tornou-se um herói nacional e o maior embaixador de Cristo na Espanha na atualidade.

Um resultado nada mal para um jogo que o Supertraíra pensou que ia ganhar fácil, mas está perdendo, depois da grande virada que Deus fez na vida da família de Donato.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Donato Gama da Silva.

Local e data de nascimento: Rio de Janeiro (RJ), em 30/12/1962.

Estado civil: Casado.

Esposa: Cássia Oliveira da Silva.

Filhos: Vanessa e Tássia.

Livro favorito: A Bíblia.

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Ser exemplo para outros e falar sempre do Evangelho para ajudar as pessoas encontrarem a Cristo.

Ambição secreta: Só Deus sabe...

A maior alegria da carreira: Todos os prêmios de minha carreira, em especial o Bicampeonato Estadual do Rio em 1987/1988.

A maior frustração: Não ter conseguido jogar na Seleção Brasileira.

Hobby: Escutar músicas, principalmente evangélicas.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Modelo.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? Tentarei estar sempre em algo ligado ao esporte.

Como gostaria de ser lembrado daqui há cem anos? Como uma pessoa que ajudou muitos a ouvirem a Palavra de Deus.

Clubes onde jogou: América F.C. (RJ); Vasco da Gama (RJ); Atlético de Madrid e Deportivo La Coruña (Espanha).

Títulos: Campeão da Taça Rio; Bicampeão da Taça Guanabara; Campeão Estadual 1987/1988 pelo Vasco da Gama; Bicampeão da Copa Del Rey pelo Atlético de Madrid nas temporadas de 1990/1991 e 1991/1992.

CAPÍTULO 22

PENSEI QUE TUDO ESTIVESSE
ACABADO

ANÍLTON

Acordei no hospital cercado de caras assustadas olhando para mim. Um braço estava engessado, a outra mão num aparelho esquisito e a perna, tracionada...

A vitória para uns pode ser o título mundial. Para os médicos, se Anilton voltasse a caminhar com as próprias pernas, obteria uma grande vitória.

“Era o meu grande ano no São Paulo Futebol Clube.

Tudo dava certo e eu me sentia no topo do mundo! Acabei de estreiar no time de cima e meu destino seria tão brilhante como os de Silas, Müller e Careca que despontaram para a fama, quando eu cheguei à capital, vindo do interior com apenas 17 anos.

Naquela época, eu nem sabia o que era futebol de verdade, meu negócio eram as peladas que jogávamos com a turma da minha cidade. Minha ascensão no São Paulo foi rápida nas equipes de base. O time era muito bom e tinha os mesmos recursos do time principal. Fomos campeões paulistas de juniores e subimos todos para o time de aspirantes ao profissional. Meus primeiros jogos no time de cima foram tão bem-sucedidos que até já se falava no meu nome para a Seleção Brasileira.”

De repente...

“Jogamos uma partida em Ribeirão Preto e eu fui eleito o melhor homem em campo. Para comemorar, fui passear em São Carlos com o

carro do meu irmão. Mazinho, meu companheiro de embalos estava comigo e nós voávamos pelas ruas da cidade na madrugada.

De repente, batemos muito forte num poste. Só acordei no dia seguinte, num quarto de hospital. Ao abrir os olhos, me vi rodeado de gente com olhares muito preocupados.

Só então me toquei do estrago: meu braço estava engessado, a mão estava num aparelho estranho e minha perna tracionada porque tinha ficado pendurada no acidente. Mazinho tinha fraturado uma vértebra e estava entre a vida e a morte. Se escapasse, ficaria tetraplégico. Pensei que tudo estivesse acabado...

Uma semana depois veio o temido diagnóstico: os médicos me garantiram que eu nunca mais jogaria futebol. Com muita sorte, talvez conseguisse voltar a andar.

A recuperação foi difícil e, nos longos meses seguintes, procurei fazer de tudo para ser curado: macumba, feitiçaria, cartomante; qualquer coisa que me recomendassem.

Apesar de todas as rezas, passes, despachos e trabalhos minha perna continuava seriamente comprometida sob a ameaça de uma gangrena. Depois de muitas tentativas, os médicos me deram uma última chance. Se dentro de uma semana a perna não reagisse ao tratamento, teria que ser amputada. O exame anterior já havia acusado uma necrose."

Encontrando Jesus

"Naquela segunda-feira, Gilmar me convidou para a reunião dos Atletas de Cristo. Tentei cair fora explicando que sentia vergonha, não tinha certeza se era isso mesmo que eu queria.

Estava com medo da possibilidade de vir a me tornar um cristão, mudar de vida e ter que abandonar a noite, de que eu tanto gostava.

Gilmar insistiu tanto que acabei indo com ele. Lá tinha um monte de gente jovem e alegre e eu me senti bem. Na hora de apresentarem os

visitantes, cada um levantava, dizia o nome e o esporte que praticava. Na minha vez disse meu nome, reuni uma boa dose de coragem e acrescentei:

– Vim aqui hoje porque quero me encontrar com Jesus Cristo.

O louvor e a Palavra me impactaram. Antes da oração final o Alex olhou para mim e disse:

– Você aí que veio aqui para se encontrar com Jesus, gostaria que você soubesse que Ele garante: “Aquele que vem a mim, de maneira alguma eu o lançarei fora.”[15]

Acabada a reunião, Alex perguntou se eu queria aceitar a Cristo como meu Salvador.

Topei na hora.

Depois da oração de entrega da minha vida a Cristo ele olhou para minha perna e perguntou se eu gostaria de voltar a jogar futebol.

É a coisa que eu mais quero, respondi. Ele orou também por minha perna.

Alex me perguntou se eu tinha buscando ajuda em forças ocultas. Respondi que sim e ele me fez repetir uma oração de renúncia a todas aquelas coisas e confessar o Senhorio de Cristo em minha vida.

Quando pensei que já tinha acabado, ele me disse que eu tinha algo comigo que haviam me dado. Enfiei a mão no bolso e lhe entreguei o patuá. Ele orou de novo desfazendo todo o poder daquilo em minha vida e tocou fogo no patuá.

Fui embora salvo, feliz e com Cristo no coração.

Uma semana depois um exame médico confirmou que minha perna que seria amputada estava em perfeitas condições e eu fui liberado para a fisioterapia.

Um mês mais tarde, voltei a jogar pelo time de aspirantes do São Paulo e fiz um gol.”

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Anílton da Conceição.

Local e data de nascimento: Rincão (SP), em 15/03/1968.

Estado civil: Casado.

Esposa: Marta de Souza Leandro Conceição.

Livro favorito: “Milagre no Corredor da Morte”, de Kermit Bradford – Ed. São Paulo.

Herói: O meu herói está na Bíblia. O nome dele é Jó.

Objetivo de vida: O maior objetivo da minha vida é ser o melhor Anílton que eu possa ser em tudo que eu fizer.

Ambição secreta: Ser artilheiro e campeão de uma Copa do Mundo.

A maior alegria da carreira: A minha maior alegria foi quando fiz um gol no primeiro jogo que participei depois do acidente.

A maior frustração: A maior frustração foi um jogo na Espanha, em que o Telê Santana me tirou com 15 minutos de jogo.

Hobby: Leitura.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Cantor.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras?

Pretendo me dedicar totalmente a Deus.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como alguém que estava no fundo do poço, foi transformado por Deus e obteve êxito em tudo o que fez.

Clubes onde jogou: São Paulo, Noroeste, São Bento e América Mineiro.

Títulos: Campeão Paulista de Juniores em 1987; Campeão da Taça BH; Campeão Paulista de 1991.

CAPÍTULO 23

PERDI UMA PERNA E GANHEI UMA MISSÃO

LEBA

Coitada desta família. Vai gastar um dinheirão e ele não tem nem três horas de vida. Enquanto os médicos o davam como morto, sua família orava na igreja.

Ao contrário do que prega a Teologia da Prosperidade, o sucesso no futebol sempre fugiu das mãos de Leba, o irmão sério de Müller. Leba só jogou em times pequenos, mas sempre foi grande na fé, na esperança e no contentamento com o pouco que a vida lhe deu. Nunca se queixava, mesmo nas horas mais difíceis.

Ele andava tranquilo de motocicleta numa pacata tarde de domingo em Corumbá, quando, de repente, surgiu um Opala velho, desgovernado, pilotado por um bêbado!

Leba foi atropelado com moto e tudo. Atirado longe pela força do impacto, saiu rolando, bateu as costas no meio-fio e foi parar sentado na calçada.

Entre a vida e a morte

“Ainda no chão dei uma checada geral e percebi que estava vivo. Com exceção do sangue que me cobria o rosto, parecia que estava tudo inteiro. Tentei me mexer, mas a dor na perna foi terrível. Só então percebi o tamanho do estrago: meu pé estava quase separado da perna, preso apenas por um pedacinho de pele. Procurei tranquilizar os que me socorriam pedindo uma toalha para fazer o torniquete e uma tábua para amarrar as

duas partes juntas, antes de ser transportado para o hospital. O ortopedista que me atendeu, decretou na hora a amputação da minha perna, mas não podia fazê-lo sem a autorização da família por escrito.

A família exigiu a minha imediata remoção para Campo Grande (MS), onde dispúnhamos de melhores recursos hospitalares. Uma junta médica achou melhor não mexer em mim, pois eu havia perdido tanto sangue que não resistiria à cirurgia.

Müller, meu irmão, contratou um jato da Unicor e mandou me buscar para São Paulo. Uma enfermeira amiga da família ouviu um médico dizer:

– Coitada desta família, vai gastar um dinheirão e ele não tem nem três horas de vida.

Entrei em coma. Já havia perdido 2,2 litros de sangue. Nesta hora, minha mãe estava na igreja e o pastor orou repreendendo o espírito da morte. A hemorragia estancou no exato momento da oração.

Dei entrada no Hospital das Clínicas em São Paulo (SP), dezesseis horas após o acidente. Fui direto para UTI e passei sete horas na sala de operação de onde saí vivo, mas sem a perna esquerda, que foi amputada da canela para baixo.”

Praticando tudo que aprendeu

Membro de uma família de sete irmãos onde seis se tornaram jogadores de futebol: Müller Primeiro, Dito, Cocada, Müller e Rudiney, Leba cresceu dentro de uma igreja, onde Dona Terezinha fez questão de criar a todos os filhos nos caminhos de Deus.

De tanto ouvir falar e ler, Leba adquiriu um vasto conhecimento bíblico que foi posto em prática, como nunca tinha acontecido antes deste acidente.

E agora?

Trinta anos, sem dinheiro, incapacitado de exercer sua profissão, uma mulher e três filhos para sustentar. E agora Leba?

“Agora é dar prosseguimento à vida. Estou encarando tudo isso com muita naturalidade. A força que vem de Deus me dá a certeza que Ele está no controle absoluto desta situação. Minha natureza espiritual saiu mais fortalecida deste acidente, pois percebi que o meu destino está nas mãos d’Ele.

O Supertraíra^[16] tentou acabar comigo, mas quebrou a cara! Meu testemunho com uma perna só tem um impacto muito maior na vida dos jogadores de futebol do que no tempo em que eu tinha as duas.

Minha vida será usada mais do que nunca nas mãos de Deus e Ele há de suprir em Cristo Jesus cada uma das minhas necessidades, bem como as da minha família. Posso afirmar que perdi uma perna, mas ganhei a missão de levar a mensagem de Cristo a milhares de pessoas. Estar vivo e feliz com minha nova vocação foi o grande milagre da minha vida.”

Um ano após o acidente, Leba tornou-se pastor de uma igreja em Campo Grande (MS). Com o auxílio de uma prótese, patrocinada por atletas e irmãos em Cristo, ele readquiriu total mobilidade e até pensa em participar das Paralimpíadas.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: José Laercio Lucas Corrêa.

Local e data de nascimento: Campo Grande (MS), em 12/08/1962.

Estado civil: Casado.

Esposa: Maria Ruth Jimenez de Lucas.

Filhos: Lucas Jr., André Luiz e Davi Hugo.

Livro favorito: A Bíblia.

Herói: Jesus Cristo.

Objetivo de vida: Vida eterna.

Ambição secreta: A intimidade com Deus.

A maior alegria da carreira: Ter feito muitos amigos.

A maior frustração: Não me sinto frustrado nem tive frustrações, pois sou mais do que vencedor.

Hobby: Esportes.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Militar.

O que gostaria de fazer depois de pendurar as chuteiras? A obra missionária.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Um homem de Deus.

Clubes onde jogou: Operário F.C.; Corumbaense F.C.; Paulista F.C.; Novo Horizontino, U.A.G. de Guadalajara (México); Lokerem (Bélgica).

Títulos: Campeão Sul Matogrossense e Corumbaense em 1984.

CAPÍTULO 24

NO MATO SEM CACHORRO

EMERSON FITTIPALDI

Completamente recuperado do acidente que quase o matou numa corrida de Fórmula *Indy*, em Michigan, e ensaiando sua volta às pistas, Emerson passava o feriado de 7 de setembro de 1997 com a família em sua fazenda em Araraquara quando teve uma ideia.

Era um dia lindo! Convidei meu filho de 5 anos para voar e decolamos num ultraleve de asa alta com motor traseiro por volta do meio dia. Estávamos tão “relax” que saímos sem lenço, sem documento, relógio ou celular. Levávamos a bordo apenas um saco de laranjas como munição para brincarmos de bombardear o pessoal na piscina. Depois de nos divertirmos para valer com nossos “ataques aéreos”, resolvemos observar as capivaras no banhado perto do rio.

O dia estava perfeito para voar, quando fiz a última curva para o lado do Luca para ele ver as capivaras de perto. De repente, o inesperado: a asa do lado dele perdeu sustentação, os comandos ficaram bobos e o avião imbicou de cara para o chão.

Estávamos a uns cem metros de altura e a única saída era ganhar velocidade para tentar recuperar o controle. Acelerei tudo e viemos pra baixo numa velocidade incrível como uma âncora em queda livre. Vendo o chão chegar na vertical, pensei: “Meu Deus! Estou com Luca e nós vamos morrer! Isso não é justo!” Só deu tempo de gritar no rádio: “Luca, nós vamos bater! Nós vamos bater!”

Instintivamente puxei o manche todo contra peito e POW! Um estrondo horrível gravado em minha memória até hoje.

Por uns instantes ficou tudo escuro, mas recuperei rapidamente a consciência e a minha primeira preocupação foi o meu filho.

– Luca! Luca! Você está bem? – gritei desesperado.

Ele olhou para mim e virou as costas dizendo:

– Não quero olhar para você porque você está com muito sangue. – essa resposta me tranquilizou. Ele estava bem.

A segunda preocupação era a bomba de gasolina que continuava funcionando e estávamos de tanque cheio e cheiro da gasolina no ar. Mandei o Luca sair rápido da cabine, subir para a ponta da asa o mais longe possível do tanque, sem sair de perto do avião. Um menino de 5 anos perdido na mata a gente não encontraria nunca mais. Tentei sair, mas descobri que estava preso nas ferragens.

Que situação!

“O primeiro impacto contra as árvores foi seguido do segundo contra o solo. O avião parou inclinado com a ponta de uma asa apoiada numa árvore e a outra no chão.

A cabine foi achatada pelo peso do motor contra o impacto frontal, levantando e encolhendo minhas pernas contra a pressão do motor nas minhas costas. Minha perna esquerda não respondia. Achei que tinha quebrado o fêmur. A bomba de gasolina continuava seu macabro tique-taque, espalhando terror e gasolina para todo lado e eu desesperado mexendo nos interruptores, fios e chave geral sem conseguir desligá-la.

Um corte profundo na cabeça não parava de sangrar e os pingos na ponta do nariz me davam a noção exata do tamanho da hemorragia. Rasguei a camisa, fiz um torniquete e apertei firme contra o talho. Quando pensei que tinha estancado o sangramento, começou a pingar através do pano.

Fui ficando cada vez mais fraco, mas não podia me dar ao luxo de desmaiar por causa do Luca, minha maior preocupação. Impossibilitado de fazer qualquer coisa, me toquei que eu estava no mato sem cachorro.

Apelei para Deus e permaneci cerca de meia hora nessa incômoda posição. Passado o efeito inicial do choque, consegui relaxar e, com muito custo, me arrastei para fora da cabine usando só a força dos braços. Consegui rastejar até a asa onde ficamos deitados conversando enquanto as horas passavam devagar, muuuito devagar..."

Diálogos

- Está vendo, Luca, Papai do Céu salvou a nossa vida.*
- E como é que nós vamos sair daqui, pai?*
- Papai do Céu vai mandar alguém nos buscar.*
- E como eles vão saber onde nós estamos?*
- Papai do Céu vai mostrar para eles onde a gente está.*
- E como eles vão chegar até aqui?*
- De helicóptero. Tem uma Base Aérea em Pirassununga não muito longe daqui.*
- Mas eles estão demorando muito. Porque eles estão demorando tanto, pai?*

Como éramos esperados para o almoço, minha esperança é que a família daria o alerta para as autoridades logo que sentissem nossa falta. Mas, imaginando que tínhamos descido na fazenda do Tite Catapani, só deram pela nossa falta no fim do dia.

À medida que o tempo foi passando, começamos a sentir muita sede por causa do choque, das horas de exposição ao sol e da perda de sangue. Minha garganta secou e eu mal conseguia falar. Pedi ao Luca que trouxesse água do pântano. Ele fez direitinho como ensinei e voltou com as mãozinhas em forma de concha. Mas era lama pura; não dava para beber. Apelamos para a água do radiador, mas não deu porque continha aquele produto químico.

Começou a pintar um drama entre nós dois porque minha expectativa do resgate não aconteceu. Eu falava muito de Deus e o Luca não parava de falar que não queria conversa comigo porque eu estava muito feio. Nosso drama era mental, emocional, espiritual e físico. Numa situação crítica como essa, a primeira reação de qualquer pai é com o filho. Minha grande preocupação era o medo de desmaiar e não poder cuidar dele. De meia em meia hora eu gritava “Socorro! Socorro!” Na esperança de alguém ou algum vizinho ouvir. Mas nada acontecia.

No fim da tarde, um bando de urubus, percebendo o cheiro de um possível banquete começou a nos sobrevoar em círculos cada vez mais próximos. Um deles chegou a pousar na árvore onde a asa estava apoiada e ficou me olhando a uns cinco metros acima de minha cabeça.”

Diálogo restaurado

– Luca, sobe de gatinho até a ponta da asa, com muito cuidado para não cair, e arranca um galho. Se o papai dormir e algum urubu vier picar o papai, bate com o galho na cara dele.

– E se eles vierem me picar, pai?

– Bate neles com o galho, que eles fogem. Eles só picam quem não se mexe.

– Ai, pai, eu estou com muito medo – e começou a chorar.

– Pai, você falou que o Papai do Céu ia ajudar a gente e até agora ele não está ajudando nada. Ele não mandou ninguém.

– Mas Ele vai nos ajudar e vão encontrar a gente...

A provação

“Eu tinha certeza de que seríamos salvos.

Já tínhamos feito duas ou três súplicas do tipo: “Por favor, Deus! Vê se manda um sinal para alguém encontrar a gente!”

Anoiteceu e ficou frio pra caramba. Quando escureceu para valer, um silêncio mortal caiu sobre nós. Não se ouvia um grilo ou um sapo. Parecia

que estávamos em outro planeta. Nunca pensei que o silêncio total existisse e fosse tão assustador.

Por outro lado, meus gritos de socorro agora pareciam muito mais eficientes. Na escuridão só dava para ver as estrelas e marquei a trajetória de uma delas em relação à copa das árvores para tentar contar as horas. Conte pelo menos quatro horas de escuridão quando ouvi ao longe o barulho de caminhões e comecei a ter alucinações: “É o helicóptero! Eles estão vindo buscar a gente! Está ouvindo, Luca?”

Quando o frio ficou insuportável o Luca me abraçou. Eu estava muito fraco e tremia demais, ele começou a chorar dizendo “Papai! Papai! Papai!”

“Eles vão encontrar a gente! Eles vão encontrar a gente! Eles vão encontrar a gente!” Era tudo que eu podia dizer.

Mas confesso que eu estava muito preocupado, porque pelas minhas contas já era tarde, passava das dez da noite.”

A luz

“Aí eu vi por três vezes o reflexo de luzes passando sobre a copa das árvores e me alegrei com a esperança de que eram faróis de automóvel procurando a gente e voltei a gritar: “Socorro! Socorro!” Com o Luca agarradinho em mim.

Depois de algum tempo, vi uma luz mais fraca entre as árvores. Reuni minhas últimas forças e comecei a gritar muito até ouvir um grito de volta: “Emerson! Emerson!”

Começamos a chorar abraçados. Foi muita emoção. Deus me deu uma experiência inédita junto com meu filho.

Era uma guarnição de oito homens do Corpo de Bombeiros da PM. Eles atravessaram o rio trazendo uma maca porque eu não conseguia andar.

Aí eu disse para o Luca:

– *Não te falei que papai do Céu ia chamar alguém para encontrar a gente?*

– *Pai, agora eu sei que Papai do Céu existe. Ele escutou a gente e falou pra eles virem.”*

Duas semanas depois...

Emerson se recuperava de seus ferimentos em um hospital nos EUA, quando li no jornal uma de suas primeiras entrevistas depois do acidente e lhe enviei a seguinte carta:

“São Paulo, 23 de setembro de 1997.

Caro Emerson,

Li outro dia uma declaração sua no jornal que me deixou muito feliz e ao mesmo tempo, preocupado.

Feliz, porque você falou que achava que Deus estava mandando um recado para você parar de correr, através desse segundo acidente. Isso é muito bom porque demonstra o quanto você acredita n’Ele e está propenso a ouvi-lo.

Minha preocupação é que você não tenha entendido bem a mensagem.

O que Deus está tentando lhe comunicar de forma tão intensa é:

– *Acorda, Emerson Fittipaldi! Pare de correr de Mim. O teu vazio existencial não pode ser preenchido com a velocidade, a aventura, o prazer e essa tua obstinada busca da felicidade em pessoas, dinheiro, posses, misticismo, religião e novos brinquedos. Esse vazio do teu coração tem a forma exata da minha pessoa, mas os teus pecados conscientes e inconscientes fazem separação entre você e Eu. O único caminho para você atravessar o abismo que nos separa é a pessoa do meu filho, Jesus Cristo. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida e ninguém vem a Mim senão*

por Ele. Ele está à tua porta e bate dizendo: “Vinde a Mim, você que está cansado e sobrecarregado e Eu te aliviarei.”^[17] Todo aquele que vem a Mim, de maneira alguma, Eu o lançarei fora. Filho meu, dá-me o teu coração.

É isso aí, amigo velho de guerra. Espero que você entenda bem este recado importantíssimo. Qualquer dúvida, liga para mim.

Torcendo para que você fique bom logo e muito melhor do que antes.

Alex Ribeiro”

Reflexões

“Batemos acelerando a uns setenta graus em relação ao solo. O primeiro choque contra as árvores amorteceu o impacto. O segundo contra um solo encharcado tão macio que funcionou como um air bag gigante. Se tivéssemos batido no chão pisado da fazenda, certamente teríamos morrido. Até o lugar onde caímos foi uma providência divina.

No hospital descobrimos que minha perna paralisada era consequência de uma fratura na vértebra L4. Com tantos esforços e contorções para sair da cabine, subir na asa e mexer para lá e para cá, escapei, por pouco, de lesionar a medula e ficar paralisado.

O fato de eu não saber que helicópteros de salvamento são proibidos por lei de voar no escuro, manteve acesa a minha esperança de que a salvação viria do céu. De fato, a salvação veio do céu, mas por terra e a pé. Como os bombeiros nos encontraram no meio da noite em tão pouco tempo, só Deus sabe. E como sabe!”

Moral da história

“Um helicóptero de resgate com as coordenadas da fazenda nos encontraria com um pé nas costas se o alerta fosse dado durante o dia. Oito homens a pé nos encontraram na escuridão da noite numa área tão extensa. Foi um milagre!

Deus permitiu essa experiência para fortalecer a minha fé e criar uma ligação muito mais íntima com meu filho. Foi uma situação de vida ou morte que me levou a entender o seu plano para a minha salvação através de Jesus Cristo.

Nessas horas é que você vê a diferença na vida de quem tem fé e como ela funciona. A vida com Jesus é outra coisa.

A fé precisa ser exercitada na prática para demonstrar a sua eficiência. Quanto mais crítica e impossível é a situação, mais eficaz ela se mostra. A fé me deu a certeza que iríamos sobreviver apesar das circunstâncias. Só não pensei que teria que esperar tanto tempo para sermos resgatados.

Aquelas doze horas no mato sem cachorro me pareceram uma eternidade. Mas nos proporcionaram uma experiência incrível: Deus nos salvou e me fez amadurecer muito mais em doze horas, do que nos muitos anos em que andei longe d'Ele.

Essa experiência de pai e filho juntos, num drama de vida ou morte, me ensinou muito sobre o grande amor do Deus Pai por cada um dos seus filhos em meio às suas lutas, provações e tragédias pessoais.

Todo bom pai é capaz de dar a sua vida por um filho. Na hora em que vi que ia morrer junto com o meu filho, aprendi a dar a ele um valor muito maior do que eu imaginava. Amor de pai é uma coisa muito forte.

O que nunca imaginei é que alguém pudesse me valorizar a ponto de entregar o Filho d'Ele para morrer por mim. O amor de Deus por mim, deu de dez a zero no meu amor pelo Luca. Foi esse amor que me constrangeu a receber a Cristo como meu Salvador e entregar o volante do carro da minha vida totalmente nas mãos d'Ele. Esse foi o maior de todos os milagres..."

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Emerson Fittipaldi.

Local e data de nascimento: São Paulo (SP) em 12/12/1946.

Estado civil: Casado.

Esposa: Rossana Fanucchi.

Filhos: Juliana, Jason, Tatiana, Joana, Luca, Emo e Vitória.

Livro favorito: A Bíblia e “Uma Vida com Propósitos”, de Rick Warren – Ed. Vida.

Herói: Jesus no Céu e Juan Manoel Fangio na Terra.

Objetivo de Vida: Ser um embaixador do Reino de Deus nesse mundo.

A maior alegria da carreira: O primeiro título de Campeão do Mundo em 1972.

A maior frustração: Não me classificar em Mônaco e Indianápolis, as duas corridas mais importantes do mundo.

O que gostaria de ser se não fosse o que é: Piloto de Caça.

O que gostaria de fazer depois de aposentar: Para mim não existe a palavra aposentadoria. O ser humano não deve parar.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos: Como um Embaixador de Deus nesse Mundo.

Equipes onde correu: Willys, Jim Russel Racing, Lotus, McLaren, Copersucar Fittipaldi, Betenhouse, TWI, Patrick Racing e Penske.

Títulos: Campeão Brasileiro de Kart; Campeão Brasileiro de Formula V; Campeão Inglês de Formula 3; Bicampeão Mundial de Formula 1 em 1972 e 1974; Campeão de Formula Indy em 1989; Campeão das 500 Milhas de Indianápolis em 1989 e 1993; Primeiro não americano a ser Campeão da Formula Indy.

PARTE 4

DESTINOS

Nosso destino será fruto dos caminhos que escolhermos hoje.

CAPÍTULO 25

AYRTON SENNA FOI PARA O CÉU?

Na segunda feira, após a tragédia de Ímola, o telefone de Atletas de Cristo não parou de tocar o dia inteiro. Todo mundo queria saber se Ayrton Senna foi para o Céu, ou não...

Intrepido, impetuoso, corajoso, decidido, valente. Um dicionário inteiro é pouco para definir ou descrever Senna atrás de um volante. Rápido como um raio: assim é mais fácil de entendê-lo! Andava sempre no limite do carro, da pista e dele mesmo. Andava acima de tudo, como se não houvesse limite algum para ele!

Assumia riscos que faziam Alain Prost arrepiar de medo de andar ao seu lado a trezentos quilômetros por hora. Nigel Mansel, um dos poucos malucos a peitar Ayrton em duelos roda a roda, conseguiu empatar um e perder todos os outros.

Quando não pulverizava seus adversários no cronômetro e na pista, resolvia a parada na marra. Era um piloto técnico, extremamente habilidoso, preciso, rápido, autoconfiante, calculista, consistente, disciplinado e superdotado. O Pelé das quatro rodas. Era obcecado pela vitória, pela *pole position* e pela quebra de todos os recordes.

Nunca foi bom perdedor. Segundo lugar, para ele, era sinônimo de mau resultado. Quando enfiava o bico de seu carro por dentro de alguém numa curva, Ayrton passava pelo lado ou por cima, se fosse preciso. Abusar da sorte não era problema nenhum para ele.

Eu era fã de carteirinha porque sempre me identifiquei com seu estilo ultra-arrojado, sua busca pela perfeição em tudo que se

propunha a fazer ou alcançar e sua humildade de creditar o sucesso a Deus.

O homem

Ao contrário do super-herói ao volante, Ayrton aparentava ser um homem tímido, introvertido, calado e triste no olhar. Muito sensível, ele era extremamente vulnerável às críticas, aos desapontamentos e amarguras que a vida impõe aos simples mortais. Para ele, Prost, Piquet e Mansel eram mais que adversários; eram inimigos odiados. A enorme diferença entre a estatura do mito e a do homem levou Ayrton a construir muros para a proteção de sua intimidade. Mas o muro funcionava para os dois lados, e o homem vivia bastante só e isolado.

Também era dono de uma personalidade forte e um senso de justiça exacerbado. Inconformado com as mutretas de Jean Marie Balestre, o corrupto presidente da FIA, que o desclassificou de forma escandalosa no GP do Japão de 1989 para beneficiar seu conterrâneo Alan Prost, Ayrton protestou dizendo em alto e bom som que foi roubado. Balestre retaliou com seis meses de suspensão por desacato à autoridade.

Mas isso gerou um desgaste tão grande para a imagem de Balestre perante a opinião pública mundial, que ele se propôs a voltar atrás, caso Ayrton se retratasse publicamente. Ayrton fincou o pé dizendo que preferia parar de correr a se retratar. E levou o conflito até o último dia do prazo estabelecido.

Poucas horas antes do fim daquele dia, Nuno Cobra, seu preparador físico e conselheiro me ligou dizendo:

– *O Ayrton está irredutível dizendo que vai parar de correr... Liga para ele, por favor. Acho que você é o único cara que ele ouviria em uma hora como esta.*

Ayrton estava mesmo muito bravo e decidido quando lhe perguntei:

– *O que você vai fazer com todo esse talento que Deus te deu e tudo que ele te permitiu conquistar fazendo aquilo que você mais gosta de fazer?*

– *Sei lá... Eu posso correr na Fórmula Indy ou no Mundial de Marcas.*

Argumentei que, para quem já era Campeão Mundial de Fórmula 1, qualquer outra categoria seria um retrocesso.

Sugeri que ele escrevesse uma carta aberta alegando que não abria mão de sua convicção sobre a desclassificação, mas se retrava pelo modo como desacatou a autoridade.

– *E onde fica a minha dignidade?* – replicou ele.

– *Onde ficou a dignidade de Jesus Cristo quando o pregaram na cruz?* – perguntei.

– *Mas eu não sou Cristo, pô!*

No dia seguinte soube pela imprensa que Ayrton estava confirmado na lista dos inscritos para o campeonato de 1990. Mas nunca soube como o acordo foi celebrado.

Diante de tanta injustiça, ele decidiu fazer justiça com as próprias mãos. Um ano depois Ayrton deu o troco em Prost na mesma moeda, na mesma pista de Suzuka em um lance arriscadíssimo que lhe rendeu o título de bicampeão do mundo. E ninguém teve moral de desclassificá-lo. Além de melhor piloto do mundo, Senna tinha se tornado o homem mais poderoso do maquiavélico circo da Fórmula 1.

Daí em diante, ele usou essa força para enfrentar o sistema em sua cruzada por mais segurança nas pistas e nos carros desse esporte que matava um ou dois pilotos por ano, só na F1. E obteve uma extraordinária vitória em prol da vida de seus colegas: mais de vinte anos sem nenhuma fatalidade na F1.

Além de paladino da justiça, Senna era um homem generoso e caridoso por natureza. Ajudava muitas entidades assistenciais, científicas e religiosas. Tinha um carinho especial pelas crianças e seu grande sonho era montar uma entidade assistencial para ajudar de forma eficiente aos menos privilegiados. Esse desejo foi a semente do Instituto Ayrton Senna, administrado por sua irmã, Viviane, sob o lema “Meu sonho não tem fim.”

O encontro com o Dono do Mundo

Em 1988, ele já era reconhecido como o mais rápido de todos, mas as coisas não davam certo para ele nas corridas. Incomodada com a maré de azar, sua irmã levou a amiga Neuza Itioka, especialista em batalhas espirituais, para orar por ele. Ela diagnosticou a presença de uma força maligna atuando como freio de mão puxado na carreira de Ayrton e orou por libertação em nome de Jesus.

Impressionado com a série de vitórias que seguiram essa libertação, ele voltou querendo saber mais sobre este Deus tão poderoso. Neuza apresentou-lhe Jesus como único caminho para se chegar a Deus. Falou do plano da salvação e convidou Ayrton Senna da Silva a receber Cristo, como seu único e suficiente salvador. Ele topou na hora. Foi uma decisão muito consciente e sincera.

Neuza me ligou contando o que aconteceu e perguntou:

– *O que eu faço agora?*

Conhecendo o estrago que alguns oportunistas fizeram na vida espiritual de Bob Dylan, Mike Tyson, Carl Lewis e outras celebridades novas na fé, aconselhei:

– *A primeira coisa a fazer é não contar nada para ninguém.*

Durante quase um ano procuramos manter sigilo, tentando dar a Senna a chance de crescer em suas convicções espirituais antes de

ser confrontado pelo mundo e pelo “fogo amigo” do mercado evangélico.

Iniciamos então um programa de discipulado difícil de encaixar em sua ocupadíssima agenda. O primeiro passo foi lhe dar uma Bíblia em linguagem contemporânea. A Bíblia que ele estava tentando decifrar era tão antiga que o nome de Cristo ainda era “Christo”. Na dedicatória escrevi: *“Esse é o mapa do tesouro. Leia-o e serás sábio. Pratica-o e serás salvo. Viva-o e serás santo.”*

O segundo, foi lhe explicar que Bíblia é uma biblioteca portátil composta de 66 livros escritos em um período de 1.500 anos por diferentes homens inspirados por Deus e montada por assuntos e provas históricas que se autenticam, sendo reconhecida pelos estudiosos como a Palavra de Deus. Nós que temos gasolina nas veias a chamamos de “Manual do Proprietário de Nossas Almas”.

Ele adorou o presente e as dicas de como garimpar essa biblioteca. Começou a ler sozinho e a me cravar de perguntas que eu nem sempre conseguia responder. Tinha fome de Deus e queria saber de tudo na velocidade de um carro de corrida.

Um dia ele achou um verso onde Deus dizia: *“Agora ponho em sua boca as Minhas palavras.”* (Jeremias 1:9). Entendendo que a ordem era para ele, começou a sentir dentro de si um desejo incontrolável de falar das coisas lindas que sentia em sua lua de mel espiritual com Cristo no coração.

Um dia, logo após a conquista de mais uma *pole position*, ele abriu a boca numa coletiva de imprensa e falou sobre a intimidade de seu relacionamento com Deus. A bomba repercutiu no mundo inteiro. Os céticos disseram que Senna pirou e, daí em diante, ele nunca mais teve sossego. Imprensa, adversários, dirigentes, torcedores, cristãos, ateus e agnósticos passaram a cobrar dele o estilo de vida de um santo. Mas ele era apenas um recém-nascido

espiritual. Assustado, ele se retraiu, mas nunca deixou de dar o recado sobre as coisas de Deus.

Uma reportagem infeliz publicada em O Globo repercutiu mal na família. E como resultado, Ayrton foi afastado dos que poderiam ter tido uma influência positiva no seu crescimento espiritual. Alguns oportunistas entraram em cena prometendo vitórias, proteção contra mau olhado e os perigos das pistas. Mas não se atreviam a confrontá-lo honestamente quando ele pisava na bola, para não perderem o freguês.

Sem uma boa orientação bíblica e o apoio de irmãos de boa-fé, ele teve uma vida cristã errática entregue à sua própria percepção e continuou levando a vida centrada em si mesmo, ao invés de centrá-la em Deus. Decepcionado com a religião e os religiosos que o cercavam, saiu em busca da autossatisfação nas coisas do mundo. Mas o que ele buscava, o mundo não podia lhe oferecer.

E assim foi tornando-se insatisfeito ao ponto não conseguir mais expressar um sorriso no rosto mesmo tendo alcançado o maior sucesso que qualquer piloto jamais sonhou em alcançar.

Provérbios de Ayrton Senna

Ayrton, não tinha medo de expressar o que pensava. Seus pensamentos revelam bastante do seu conteúdo, personalidade e convicções:

“Vencer é tudo!”

“A Fórmula 1 é um tempo perdido se não for para vencer.”

“O importante é ganhar. Tudo e sempre. Essa história que o importante é competir não passa de demagogia.”

“Se você quer ser bem-sucedido, precisa ter dedicação total, buscar seu último limite e dar o melhor de si mesmo.”

“Correr, competir, eu levo isso no meu sangue. É parte de mim. É parte de minha vida.”

“Meus ídolos como pilotos sempre foram Niki Lauda e Gilles Villeneuve. O primeiro, pela frieza, o segundo, pela agressividade.”

“Quando Deus quer, não há quem não queira.”

“Vi Jesus no fim de uma reta em Suzuka a mais de 300 por hora. Sua imagem era tão grande que ia do chão até o céu. Ele se revelou para mim de um jeito que eu pudesse entender.”

“Deus é o dono de tudo. Devo a Ele a oportunidade que tive de chegar onde cheguei. Muitas pessoas têm essa capacidade, mas não têm a oportunidade. Ele a deu para mim, não sei por quê. Só sei que não posso desperdiçá-la.”

“Nunca levo em conta a possibilidade de um acidente, mas o medo é uma coisa constante no meu dia a dia.”

“O medo faz parte da vida da gente. Algumas pessoas não sabem como enfrentá-lo. Outras, eu acho que estou entre elas, aprendem a conviver com ele e o encaram não de forma negativa, mas como um sentimento de autopreservação.”

“Vocês nunca conseguirão saber o que um piloto sente quando vence uma prova. O capacete oculta sentimentos incompreensíveis.”

“Uma maneira de preservar sua própria imagem é não deixar que o mundo invada sua casa. Foi o modo que encontrei de preservar ao máximo meus valores.”

“Quando você não está feliz, é preciso ser forte para mudar, resistir à tentação do retorno. O fraco não vai a lugar algum.”

“No que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio-termo. Ou você faz uma coisa bem-feita ou não faz.”

“Brasileiro só aceita título se for de campeão. E eu sou brasileiro.”

“O fato de ser brasileiro só me enche de orgulho.”

“Se depender de mim, vocês, jornalistas, irão esgotar os adjetivos do dicionário.”

“É irreal pensar que vou vencer sempre, mas sempre espero que a derrota não venha neste fim de semana.”

“Nesses dez anos de Fórmula 1, minhas maiores alegrias vieram da torcida. Do Brasil.”

“Trabalhei muito para chegar ao sucesso, mas não conseguiria nada se Deus não me ajudasse.”

“Quero melhorar em tudo. Sempre.”

“Hoje gosto muito mais de crianças do que gostava um ou dois anos atrás. É mais fácil se comunicar com uma criança. Basta trocar um olhar, um gesto, um sorriso.”

“O acidente em Mônaco me levou para perto de Deus. Mudou muito a minha mentalidade.”

“Não sei dirigir de outra maneira que não seja arriscada. Quando tiver que ultrapassar, ultrapasso mesmo. Cada piloto tem um limite. O meu é um pouco acima do dos outros.”

“Meu maior adversário? Sou eu mesmo.”

“No que acredito mesmo, é em Deus.”

“O que sinto num carro a 300 quilômetros por hora? Emoção, prazer e desafio.”

“Canalizo todas as minhas energias para ser o melhor do mundo.”

“Podem ser encontrados aspectos positivos até nas situações negativas e é possível utilizar tudo isso como experiência para o futuro, seja como piloto, seja como homem.”

“Penso nesta profissão desde que era criança; dei tudo de mim e acho que a amo mais que qualquer outro. Por isso, até quando estiver correndo o farei somente para vencer. Só pararei no dia em que perceber ter andado um décimo mais lento do que poderia.”

“Quero fazer algo de especial. Todo ano alguém ganha o título. Eu quero ir além disso.”

“Eu estava realmente procurando dirigir um Williams-Renault, pois considero essa equipe o início de uma nova vida no automobilismo para

mim."

"Estou a mil por hora. Não vejo a hora de começar o campeonato do ano que vem." (1994)

"Não tenho limites. Estou com 33 anos e acho que ainda tenho muito pela frente."

"Eu quero viver um pouco mais, curtir um pouco mais a vida."

"Meu sonho não tem fim e eu tenho muita vida pela frente."

Brincando com a morte

Como um menino travesso que se diverte cutucando a onça com vara curta, Ayrton nunca escondeu que tinha medo da morte e da dor, mas sabia conviver muito bem com o perigo. A ideia do perigo o fascinava ao ponto de levar a vida no fio da navalha. Até que a morte o ceifou na curva mais veloz do mundo, em maio de 1994.

Quando eu soube da notícia, não pude acreditar. Ele era tão bom, tão rápido e tão super-herói que nos parecia imortal também. Humanamente falando, meu coração de piloto só foi consolado pela certeza de que Ayrton morreu da melhor maneira possível.

Ele partiu em grande estilo. Partiu fazendo o que mais gostava. Partiu em primeiro lugar, andando na frente de todo mundo. Schumacher, que vinha em segundo, e ninguém mais nesse mundo, conseguirá ultrapassá-lo jamais.

Nacional Kid

Sua morte chocou o mundo do esporte e parou o Brasil. Nenhum outro brasileiro teve um funeral como o seu. Foram dez dias de pranto, luto e dor na TV, nas páginas e nos corações.

Apesar da brutalidade do impacto com que sua partida dilacerou o coração do povo, aprendemos muitas lições com sua morte. Uma delas foi a união e a solidariedade em meio à dor. A

dor uniu o Brasil em sua hora mais triste. Como se cada um tivesse perdido um ente querido ou um membro da família.

Nem o próprio Ayrton podia imaginar que era tão querido. Num país sofrido como o nosso, ele encarnava o papel do herói nacional: um brasileiro corajoso, vencedor e que deu certo. Era o maior símbolo do orgulho nacional em atividade. Chocado com o drama de sua perda, o brasileiro parou para pensar na vida e na morte.

Ayrton tornou-se um mito, e depois de morto suas ideias sobre Deus e a eternidade falam ainda mais fortes do que quando estava vivo.

Morre o homem, fica o mito

O mito vira herói. O mito entra para a história e seu nome vai para o livro dos recordes.

Mas daqui a cem anos quem vai tirar o livro das estantes para ler?

O argentino Juan Manuel Fangio também virou mito nos anos 1950 ao tornar-se o primeiro Pentacampeão Mundial de Fórmula 1. Mas quantos com menos de cinquenta anos reconhecem seu nome hoje?

Morre o mito, fica o homem?

Sim. Deus criou o homem do pó da terra como matéria sem vida. Em seguida, soprou em suas narinas o seu Espírito e o homem passou a ser alma vivente. Criado à imagem e semelhança de Deus, o espírito de todo ser humano é tão eterno quanto o seu Criador. Deus plantou a eternidade no coração do homem.

A morte entrou no mundo como um acidente de percurso, quando o homem se rebelou contra o Criador optando por uma

carreira solo e foi punido com essa sentença do juiz do jogo da vida: *“Tu és pó e ao pó retornarás.”* (Gênesis 3:19 - NVI).

A primeira morte é física e dessa, ninguém escapará. A segunda, é espiritual. Existem dois caminhos que conduzem a dois destinos diferentes: Eternidade com Deus é vida. Eternidade separado de Deus é morte.

Jesus Cristo foi Deus encarnado em um chassi humano e veio aqui com a mais nobre das missões: ser o caminho que nos reconduz de volta a Deus.

Cristo entregou Sua vida na cruz para perdoar e salvar pecadores arrependidos. Mesmo não vivendo 100% dentro do figurino cristão, Ayrton escolheu o seu destino tomando em vida a decisão de receber a Cristo como seu Salvador.

“Da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo” (Hebreus 9:27). O juiz é Deus e Sua justiça é Cristo morrendo pelos nossos pecados. Juntando essas premissas ao incondicional amor de Deus por pecadores perdoados, eu creio que Ayrton Senna da Silva foi para o Céu.

“Nada poderá nos separar do amor de Deus” (Romanos 8:39) – é a mensagem em sua lápide no Cemitério do Morumbi, em São Paulo.

Para os que optaram por Cristo, a morte não tem a última palavra nem é o fim da linha, ela é apenas a bandeirada de largada para a vida eterna.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Ayrton Senna da Silva.

Local e data de nascimento: São Paulo (SP), em 21/03/1960.

Equipes onde correu: Vandiemmen Racing, Rushen Green, West Surrey, Toleman, Lotus, McLaren Honda e Williams Renault.

Títulos: Campeão brasileiro de Kart; Campeão Sul-Americano de Kart; Vice-Campeão Mundial de Kart; Campeão Inglês de F. Ford; Campeão Inglês de F.Ford 2000; Campeão Inglês de Formula 3; Tricampeão Mundial de Formula 1 (1988, 1990 e 1991); Vice-Campeão Mundial de Formula 1 (1989 e 1993). Disputou 161 Grandes Prêmios, venceu 41 deles e obteve 65 pole *positions*.

CAPÍTULO 26

MEU CORAÇÃO ANOITECEU PEGANDO FOGO!

HUMBERTO

De repente, senti um fogo enorme queimando dentro do meu peito.

Pensei que eu ia explodir!

Se explodisse naquela hora seria de alegria. E pelo tamanho da euforia que estava sentindo valeria a pena explodir!

Eu estava cotado para ser convocado pela Seleção Brasileira quando a Clemir, minha mulher, finalmente conseguiu me levar para a igreja. Para não ser reconhecido tratei de sentar no último banco, atrás de dois caras bem altos. Ali eu estaria seguro. Mas o raio do pastor começou a falar tudo sobre a minha vida. Quando ele olhava para o meu lado eu me encolhia atrás dos dois grandões, mas mesmo sem me ver e sem me conhecer, ele falou das minhas dúvidas sobre céu e inferno, sobre o meu medo da morte, sobre minha vontade de encontrar este Deus de quem todo mundo falava. Quanto mais eu afundava no banco, mais ele acertava. Parecia que estava pregando só para mim.

No final veio o convite:

– Se esta mensagem serviu para alguém, venha até aqui.

Comecei a suar frio. É claro que era para mim! Tive que me agarrar no banco para não ir. Senti um calafrio danado, mas consegui ficar sentado.

Depois me arrependi de não ter ido à frente e contei à Clemir. Ela sorriu e disse:

– Ainda não chegou a sua hora.

Achei que foi uma emoção passageira e tentei não pensar mais no assunto, mas, volta e meia, essa coisa voltava a me incomodar, e eu rezava, tentava ler a Bíblia, mas não entendia nadinha e ficava muito frustrado comigo mesmo.

O Zé Sérgio pirou...

“De repente, o Zé Sérgio, que jogava comigo no time do Santos, pirou. Disse que Jesus tinha entrado no coração dele. Vivía lendo a Bíblia, cantando, dizendo que estava muito feliz e dando chá de Bíblia em todos os colegas do Santos, inclusive em mim. Ele ficou tão chato que eu queria distância. Mas mesmo de longe fiquei de olho nele.

Não aguentei a curiosidade muito tempo e acabei perguntando como é que ele tinha feito. Ele me explicou, mas teimei que eu também já tinha Jesus. Afinal, eu sempre pendurei um crucifixo no pescoço, nunca traí minha mulher e estava procurando fazer o bem. Mas o Zé me garantiu que eu não tinha Jesus no coração. Fiquei na maior bronca com ele. O que ele tinha que eu não tinha? Será que só ele sabe das coisas?

Um dia ele me deu uma pista:

– *Entra no seu quarto, fecha a porta e convida Jesus para entrar no seu coração. Você vai sentir tudo o que eu sinto.*

Fiz do jeitinho que ele mandou, mas não senti nada. Só não desisti da ideia porque a mudança que eu via na vida dele não deixava margem para dúvida. Continuei considerando a possibilidade: Se aconteceu com ele, por que não pode acontecer comigo?

Ouvi dizer que os Atletas de Cristo viriam fazer uma palestra para a gente na concentração do Santos e não gostei da ideia. Eu queria receber a Cristo sozinho, sem nenhum chato para me mostrar o caminho.

Eles vieram, falaram bonito, foram embora e prometeram voltar. Algumas semanas depois voltaram e responderam muitas das minhas

perguntas. Falaram que Jesus era o Caminho. Mas como não fizeram o apelo, eu peguei o Alex Ribeiro pelo braço e cobreí:

– Por que você não fez o apelo? Eu quero aceitar a Cristo.

– É para já! – ele respondeu.

Fomos para o meu quarto. Ele me perguntou se eu tinha entendido que todos os seres humanos são pecadores e já nascem expulsos do time de Deus. Se eu sabia que estava separado do Criador para sempre, mas que para minha sorte o próprio Deus havia enviado Jesus para morrer no meu lugar, naquela cruz, pagando o preço do meu pecado, abrindo assim o único caminho que me reconciliaria com Ele. Eu disse que tinha entendido tudo. Alex pediu que eu repetisse a **Oração da Entrega** que ele ia fazer, se eu concordasse com as palavras que ele ia dizer. Concordei e oramos algo assim:

“Senhor Deus, eu reconheço que sou pecador.

E me arrependo de todos os meus pecados conscientes e inconscientes.

O maior deles foi ter andado tanto tempo longe de Ti.

Reconheço que o salário do pecado é a morte.

Reconheço que eu é quem deveria ser pregado naquela cruz.

Reconheço que Jesus se entregou para morrer em meu lugar.

Reconheço que só através dele posso ser perdoado e reconciliado contigo.

Perdão Senhor e misericórdia é o que eu te peço.

Abro o meu coração para receber agora Jesus Cristo, como meu único Salvador.

E entrego a Ele o controle total de minha da minha vida.

Em nome de Jesus eu te peço e agradeço. Amém.”

Fogo no Coração

“Depois disso, o Alex orou sozinho dizendo:

– Pai, o Senhor ouviu a oração do Humberto. Escreve o nome dele no Livro da Vida e confirma a Tua ação na salvação dele, fazendo queimar o

fogo do Teu Espírito Santo no coração do Humberto aqui e agora.

A imagem de uma mão escrevendo o meu nome ao lado de um número na página de um grande livro ainda estava claríssima em minha mente quando, de repente, senti um fogo enorme queimando dentro do meu peito. A princípio pensei que ia explodir, mas logo em seguida percebi que era uma gostosa sensação de exuberante alegria e de paz que eu nunca havia experimentado antes. Eu consegui! Eu era uma nova criatura e sem saber o que fazer eu comecei a louvar e agradecer a Deus em voz alta. Se explodisse agora seria de alegria, e por esta alegria que estava sentindo valeria a pena explodir.

Estava me sentindo tão bem que passei a noite em claro. No dia seguinte o Rodolfo Rodrigues, meu companheiro de quarto me perguntou:

- O que aconteceu com você que passou a noite inteira dando risada?*
- Jesus Cristo entrou no meu coração e me transformou completamente – respondi.*

De lá para cá nunca mais fui o mesmo. Desse dia em diante, eu passei a ler e entender tudo o que está escrito na Bíblia e a falar de Cristo para todo mundo que cruzou o meu caminho. Minha vida é tão boa que se melhorar estraga. Passei a tratar melhor meus adversários, mas jogo duro. Jogo na bola e jogo para ganhar. Apesar das brincadeiras, sou tão respeitado pelos colegas que eles até pedem desculpa quando falam palavrão na minha frente.

Vendo a transformação que aconteceu na minha vida, Clemir resolveu se reconciliar com Deus; depois foi a vez do Gil, meu colega no Paulista de Jundiaí. Um dia o Vizolli entrou desesperado no meu quarto e disse:

– Humberto, eu quero ter um encontro com esse seu Deus agora mesmo.

Não parei mais de falar deste Deus e sobre como se chegar até Ele, por meio de Jesus Cristo.”

Empolgado com Cristo e cheio de vontade de fazer o bem, Humberto construiu e mantém com recursos próprios uma casa de

recuperação de viciados e sonha em fazer uma creche para menores abandonados.

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Carlos Humberto Suzigan.

Local e data de nascimento: Mogi Guaçu (SP), em 03/08/1956.

Estado civil: Casado.

Esposa: Clemir de S. Suzigan.

Filhos: Ana Carolina, Bruna, Ana Claudia e Bianca.

Livro favorito: A Bíblia.

Objetivo de vida: Estar sempre nos caminhos de Deus.

A maior alegria da carreira: O título de Campeão pelo Santos em 1984.

Hobby: Jogar futebol.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um verdadeiro cristão.

Clubes onde jogou: Ponte Preta; Portuguesa; São Paulo; Santos; Vasco; Marília; Mogi Mirim; Toyota (Japão); Paulista de Jundiaí.

Títulos: Campeão Paulista e Torneio da Copa Mirim (Santos); Campeão Japonês (Toyota); Campeão da 2ª divisão do campeonato Paulista (Guaçuano).

CAPÍTULO 27

ENTRE O TIRO E A QUEDA

SOTTER

Sotter decidia muito rápido em que direção deveria correr para interceptar a trajetória de uma bola. Mas foi lento para tomar a decisão que mudaria a trajetória de sua vida.

Conheci pouco sobre ele em algumas reuniões que fizemos com os jogadores do Paulista de Jundiaí, a convite do Humberto. Mas a história de Sotter nos fez acordar para a importância do fator “tempo de vida”. Não sabemos o seu destino, mas sua história é uma lição inesquecível para todos nós.

Sotter estava telefonando para sua esposa em São Paulo, enquanto Gil e os outros colegas do Ubiratan Futebol Clube estavam na sala de visitas do hotel em Dourados, Mato Grosso.

– De repente, ouvimos os tiros!

Saímos correndo e encontramos Sotter caído atrás do balcão da recepção. Nós o colocamos no carro e arrancamos a mais de mil para o hospital. Chegando lá ele foi levado direto para a mesa de operação, enquanto ficamos torcendo e rezando na sala de espera.

Assim, Gil (Gilberto Bertolli), meia direita do Paulista de Jundiaí, emprestado do Ubiratan do Mato Grosso, descreveu o caso, quando nos encontramos pela primeira vez após o incidente.

Gil se converteu em uma reunião de Atletas de Cristo, dizendo sim ao mesmo apelo que Sotter ouviu e não disse nada. Ele frequentou as reuniões semanais que o Pastor Neto dirigiu para os jogadores do Paulista de Jundiaí e ainda não havia tomado a

decisão de entregar sua vida a Cristo, a decisão da escolha entre os dois caminhos, a decisão de mudar de time, a decisão de vida ou morte.

O fator tempo

O tempo é um fator muito importante em todos os esportes:

- Na Fórmula 1, o tempo é medido em milésimos de segundos;
- No futebol, basquete e outros existe o tempo regulamentar;
- No atletismo corre-se contra o cronômetro.

Mesmo nos esportes onde não se corre contra o cronômetro, você tem que correr para chegar na bola na hora certa.

Muito pouco tempo

Quando um cara perdia a diligência no Velho Oeste, não tinha problema. No mês seguinte outra diligência passaria por sua cidade. Hoje ficamos irritados ao perder o elevador. O próximo só daqui a três minutos!

Dez minutos na fila do banco ou do supermercado é uma eternidade para quem está com pressa. Mas uma coisa é certa: daqui a cem anos, ninguém estará andando “bonitão” como agora em cima de duas pernas.

Quando o tempo não é mais problema

Para Deus, um dia é como mil anos e mil anos como um dia.

Quando entregamos nossa vida a Deus, passamos a ser tão eternos quanto Ele. Nossa eternidade se divide em duas fases: agora e depois da nossa morte.

Como a segunda fase é infinitamente mais longa e melhor que a primeira, não importa se vamos viver mais dez, vinte ou setenta

anos aqui.

Mas Sotter não tinha tomado a decisão que Gil tomara. Se ele morresse nesta ocasião, iria para a perdição e o tormento eterno no inferno. Por isso eu estava tão ansioso quando encontrei com o Gil e lhe fiz a pergunta:

– *Ele disse alguma coisa no caminho para o hospital?*

– *Nós já o encontramos inconsciente, com os olhos virados quando o socorremos atrás do balcão do hotel. Seu coração ainda batia enquanto era levado para o hospital. Nós ainda tínhamos esperança e torcemos por ele*

– *respondeu.*

Minutos depois o médico abriu a porta, olhou sério para a gente e meneou a cabeça, como que querendo dizer: “O Sotter já era...”

Sotter, ô Sotter, será que você teve tempo entre o tiro e a queda? Será que você tomou a decisão? Será que vamos ver seu nome na lista dos convocados para viver eternamente no time de Deus?

CAPÍTULO 28

O INGRESSO ERRADO

CASTILHO

Você é um iluminado, Alex. Gostaria de ter a fé que você tem, mas ainda não estou preparado. Um dia eu chego lá.

Afinal de contas, sou um bom sujeito e nunca fiz mal a ninguém...

Num lindo dia de feriado no Rio de Janeiro, acordei tarde e arrastei-me preguiçosamente até a janela. O sol brilhava forte sobre o mar verde que arrebatava em ondas sobre as areias brancas de Copacabana.

Curtindo o espetáculo

Fiquei ali um tempão louvando a Deus. Tomei o bom café da manhã da casa da sogra e desabei no sofá ainda de pijama. Abri o jornal do dia e perdi o fôlego. A calma da manhã transformou-se num turbilhão de emoções que balançou meu coração.

Eu não podia acreditar na manchete que acabara de ler. O Castilho não podia ter feito uma coisa dessas! Logo ele, um cara maduro, inteligente, bem-sucedido profissional e financeiramente: um homem famoso, vitorioso, líder, campeão e até uma lenda no folclórico futebol brasileiro. Não, ele não faria uma coisa dessas. Minha mente voou no tempo levando-me direto aos anos da minha infância.

Flashback

“Agaaaaaaaarra, Castilho!”

Era meu grito de guerra toda vez que eu conseguia fazer uma defesa nas peladas com a turma da rua da minha infância. Meu grito era uma imitação do locutor da Rádio Nacional, único meio de comunicação instantânea que chegava a Anápolis do interior de Goiás.

Castilho era o nosso grande ídolo como goleiro do Fluminense e da Seleção Brasileira nos anos 50. Definitivamente, o grande herói da minha infância não faria o que eu acabara de ler no jornal O Globo.

Trinta anos depois

Eu o conheci ao vivo como técnico do Santos Futebol Clube, onde fomos fazer uma palestra de Atletas de Cristo para o time que atravessava uma fase difícil no final de 1985. Castilho abriu a reunião dizendo que acreditava em Deus e que estava contente por estarmos ali com eles. Recomendou aos jogadores que nos ouvissem com muita atenção. Todos gostaram e ele mesmo me pediu que voltássemos na semana seguinte.

A segunda reunião foi melhor ainda, mas eu percebi que Castilho estava usando nossa presença ali para comunicar aos seus jogadores uma mensagem diferente da nossa. Seu objetivo era a vitória no campo de futebol. A nossa, uma vitória no campo espiritual.

Obtivemos uma grande vitória naquela noite com a conversão do Humberto, mas o Santos não foi tão bem no jogo naquele fim de semana. Expliquei ao Castilho que a vitória que Cristo oferece é eterna, ao contrário da vitória que ele queria e que o conceito de vitória de Deus, apesar de eterno, nem sempre é compatível com o humano. Ele deu um sorriso amigo e disse que eu era “iluminado”.

Percebi que ele não tinha entendido nada do que eu havia falado. Não nos vimos mais durante seis meses.

Acompanhei sua carreira pelos jornais e revistas enquanto ele dirigia o Palmeiras no primeiro semestre de 1986, mas só tive o ímpeto de ir vê-lo novamente ao ler uma manchete que falava de seu embarque para a Arábia para dirigir o time do príncipe Faïçal.

Fui visitá-lo em seu último dia em São Paulo. Disse-lhe que sua estada naquele país tão distante e diferente não seria fácil, mas gostaria que soubesse que estaríamos orando por ele. Dei-lhe uma Bíblia de presente, afirmando que aquele livro poderia ser muito útil nas horas difíceis.

O Superbonzinho

Emocionado, ele agradeceu e para mostrar que também era “um dos nossos” falou que também era um cara bondoso, honesto, que nunca fez nem desejou mal a ninguém e sempre procurou ajudar a todos quantos pôde.

Na presença dele sublinhei na Bíblia recém-oferecida os versos: *“Pela graça de Deus vocês são salvos por meio da fé. Isto não vem de vocês, é um presente de Deus, não vem de boas ações para que ninguém se glorie...”* (Efésios 2:8,9).

Expliquei que só por meio de Cristo ele teria acesso a Deus. Castilho agradeceu, tentou ser gentil, mas eu o senti impermeável à verdade que acabara de ouvir. Uma sensação de pesar pintou no meu coração e eu, que saí contente pelo dever cumprido, fiquei triste depois de nossa despedida.

Do outro lado do mundo

Três meses mais tarde, ao sair da festa de conclusão do meu curso de treinamento em liderança em um elegante hotel de Singapura, quem eu encontro?!

– *Alex? Você por aqui?!*

– *Castilho! Que alegria!*

Ele estava muito feliz por me ver e eu também. Conversamos por mais de três horas. Na verdade, era um monólogo: ele falava sem parar e eu só ouvia. Contou sobre a vida na Arábia, os costumes, os rituais islâmicos, as festas na casa do príncipe, o futebol de lá, as saudades do Brasil, a solidão, a expectativa da chegada de sua jovem namorada. Falou-me dos filhos, dos netos, das finanças, de seus investimentos, do Santos, do Palmeiras, de alguns jogadores e de alguns colegas. De todos os assuntos, o preferido foi a maneira sábia como ele investiu a grana que ganhou no futebol e o belo pé-de-meia que acumulou ao longo dos anos. A maioria de seus contemporâneos de futebol morreu na miséria. Por ter investido bem, Castilho, sentia-se bastante orgulhoso do “dever cumprido” para com os filhos.

Investimentos a longo prazo

Enquanto ele falava sem parar, eu orava pedindo que Deus me desse a chance, a sabedoria e a coragem de entrar no assunto que tanto me inquietava por dentro. Mas ele não me dava a menor chance de falar... De repente, entre uma operação cambial e outra, eu o ataquei com a pergunta:

– *E seus investimentos a longo prazo, como andam?*

– *Vou ficar na Arábia mais dois anos, depois volto para o Brasil e me aposento.*

– *E depois?*

– *Vou aproveitar a vida. Afinal de contas, acumulei o suficiente para que eu, meus filhos e netos não tenhamos nenhum problema.*

Aí ele voltou a dar uma grande ênfase na segurança das finanças.

Voltei à carga:

– *E depois?*

Ele explicou-me os planos para os próximos cinco, dez e vinte anos. Eu continuei lhe perguntando:

– *E depois?*

– *Mais do que isso já era né? Afinal já estou perto dos 60 anos.*

O Ingresso Errado

Quando Castilho percebeu aonde eu queria chegar, voltou a argumentar que era bom, nunca fez nem desejou mal a ninguém e que isso de alguma maneira haveria de ser levado em conta no além.

Respondi:

– *Suponhamos que você chegue à entrada do Teatro Municipal para assistir a uma peça e apresente ao porteiro um ingresso para o Fla-Flu.*

Você acha que ele lhe deixaria entrar?

– *Claro que não.*

– *Agora, imagine você chegando ao portão de entrada do céu e São Pedro lhe pede o ingresso. Você vira para ele e repete o que acaba de me dizer sobre ser bonzinho. Sabe o que São Pedro vai lhe dizer?*

– *Não.*

– *Senhor Castilho, o único jeito de se entrar aqui era através de Jesus Cristo, aquele famoso Galileu que disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim.” Você se lembra? Sinto muito, mas o senhor escolheu outro caminho; esse seu ingresso não é válido aqui...*

Ele baixou a cabeça, pensou um tempão e não disse nada.

Eu não queria ser chato e ficar “pegando no pé dele”, mas um estranho impulso fez com que essas últimas palavras escapassem da minha boca.

Mais difícil que acertar na loteria

– *Singapura fica exatamente do outro lado do mundo para nós brasileiros. Neste planeta com mais de 5 bilhões de habitantes, as chances de nos encontrarmos, por acaso, aqui nessa pequena ilha do Oceano Índico, são milhões de vezes menores do que você acertar sozinho a quina da loto. Você já pensou nisto?*

Castilho ficou mudo e eu prossegui:

– *Não foi por acaso que nos encontramos aqui. Deus tem um plano maravilhoso para sua vida, meu caro Castilho. Eu vim aqui para lhe dar o recado. O recado está dado e prometo nunca mais importuná-lo com esse assunto.*

Ele pensou um tempo, olhando para o tapete do chão do hotel e finalmente respondeu constrangido:

– *Olha, Alex, eu gostaria de ter esta fé que você tem... Acho que ainda não estou preparado... Mas um dia eu chego lá.*

Saí do hotel aliviado por Deus ter me dado a coragem de abrir o bico e falar tanta coisa sem pipocar na presença do meu herói de infância. Inexplicavelmente, sua última frase ecoou na minha cabeça trazendo um mau pressentimento: “Eu não estou preparado. Eu não estou preparado...”

Seis meses depois desse encontro a notícia estampada na primeira página de O Globo transformou a tranquilidade daquela manhã em uma tempestade de sentimentos na minha cabeça e no meu coração.

As letras da manchete gritavam na minha cara: “**Castilho Salta para a Morte.**”

Ele atirou-se do 6º andar do edifício onde morava sua primeira mulher, no Rio de Janeiro.

A dor que senti foi muito grande e me fez refletir sobre a triste situação de tanta gente que passa por esse mundo escolhendo andar deliberadamente fora dos caminhos do Senhor.

Tenho certeza que a dor de Deus é maior ainda, porque o amor d'Ele por mim e por você é muito maior que o nosso. Como Pai Amoroso, o desejo d'Ele é que ninguém se perca.

Castilho nunca se aposentou nem veio a desfrutar da vida tranquila, da segurança, dos muitos bens e da paz de um futuro pelo qual tanto trabalhou, lutou, economizou, planejou e investiu todo o seu cacife de esperança.

O tormento de alma, mente e coração que o levaram a tirar a própria vida, devem ter sido uma enorme preliminar do inferno. A história de Castilho teve um final muito triste porque ele insistiu até o fim na escolha do ingresso errado...

CAPÍTULO 29

O CARA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO: VOCÊ!

Você é o cara mais importante do mundo, só porque foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Se você conseguiu chegar até aqui na leitura deste livro, já deu para perceber que apesar de muito diferentes entre si, existe algo na vida desses atletas que têm tudo a ver com a sua vida. “Eu?”, você pode estar se perguntando. E pensando consigo mesmo: *“Eu não sou nenhum atleta profissional e muito menos um cara famoso.”*

Acontece que todos nós estamos no mesmo barco girando a mais de mil em torno do Sol a bordo do planeta Terra como “passageiros do destino”. A grande maioria desses passageiros segue os trilhos da história sem nunca questionar as perguntas fundamentais sobre a razão de sua existência: “De onde eu venho? Para onde estou indo? E por que estou aqui?”

Os poucos que se preocupam com essa viagem tentam ser o autor de sua própria história lutando com toda sua força e os meios à disposição. Eu fui um deles, até bater de frente com minhas limitações e concluir frustrado, que o escritor James M. Barrie tinha razão ao afirmar: *“A vida de cada homem é um diário no qual ele deseja escrever uma história, mas escreve outra. Sua hora mais humilde é quando ele compara o volume do que é com aquilo que esperava ser.”*

“Don cô vim? Pron cô vô?”

As histórias deste livro não são iguais. Os esportes são diferentes e as situações variam bastante. Mas existe algo muito importante em comum a todas elas: seus personagens descobriram em algum momento de suas vidas que alguém muito maior que eles os criou e os espera de braços abertos no ponto final da viagem. Isso responde a duas das perguntas que a maioria dos humanos não sabe responder: “De onde venho? E para onde estou indo?” E aponta dois caminhos e dois destinos diferentes: um leva ao encontro de Deus, o outro não. Isso divide a humanidade em dois times: o time de Deus e o time do Supertraíra, na disputa de um jogo de vida ou morte em que a bola está com você:

*No jogo final entre a morte e a vida
Apenas um time vai ser campeão
Ninguém vai pro banco e não falta torcida
E o prêmio de todos não é deste chão*

*Tem sempre lugar pra mais um neste time
Pra ser titular em qualquer posição.
O treinador quer que cada um entre em campo
Com toda sua garra, num só coração*

*Se formos um, todos podem saber
Que Deus mandou o seu filho Jesus
E nosso passe comprou, lá na cruz
Isso é que é um amor pra valer!*

*E reviveu para nos transformar
Numa família com muitos irmãos
Onde Ele possa usar nossas mãos*

Levando ajuda a quem precisar.

(Música e letra de Aristeu Pires Jr. - LP "Entrosando o Time" - ADC 1989)

"Modi que cô tô aqui?"

Mesmo que você não tivesse nenhum problema durante toda a sua passagem por este mundo, você morreria inevitavelmente do tédio da viagem, mesmo jogando no time certo. Prevendo essa triste sina, Deus te criou com um propósito específico para tua existência.

Permitam-me dizer por que vocês estão aqui

"Vocês estão aqui para ser o sal que traz o sabor divino à terra. Se perderem a capacidade de salgar, como as pessoas poderão sentir o tempero da vida dedicada a Deus? Vocês não terão mais utilidade e acabarão no lixo.

Há outra maneira de dizer a mesma coisa: Vocês estão aqui para ser luz, para trazer as cores de Deus ao mundo. Deus não é um segredo a ser guardado. Vamos torná-LO público. Tão público quanto uma cidade num local elevado.

Se eu faço de vocês portadores da luz, não pensem que é para escondê-los debaixo de um balde virado. Quero posicioná-los onde todos possam vê-los. Agora que estão no alto do morro, onde todos conseguem enxergá-los, tratem de brilhar! Mantenham sua casa aberta. Que a generosidade seja a marca da vida de vocês. Mostrando-se acessíveis aos outros, vocês motivarão as pessoas a se aproximar de Deus, o generoso Pai do céu."

Jesus Cristo^[18]

Ao crer e praticar essas palavras encontramos nossa vocação definitiva e nossa razão de viver. Isso transforma cada obstáculo e acidente do percurso em um novo desafio a ser superado e vencido

na força e no poder de Deus. Cada vitória enche nosso coração de gratidão, celebração e alegria e nos leva para mais perto do nosso Criador e do nosso maravilhoso destino eterno.

Essa confiança no taco divino nos garante que, aquilo que nos diz respeito, o Senhor levará a bom termo garantindo a nossa segurança e tranquilidade na viagem. É uma paz que vai muito além de todo entendimento humano. A paz que o mundo não pode nos dar.

Jogar nesse time é bom demais. Sem você o time está incompleto, mas a opção de mudar é toda sua.

Como eu faço para jogar nesse time?

Aceitando o convite do Treinador Celeste:

“Vinde a mim todos vocês que estão cansados e oprimidos e eu vos aliviarei.

Aquele que vem a mim, de maneira alguma o lançarei fora.

Estou batendo na porta do teu coração. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei e jantarei com ele e ele comigo. (Oferecendo a você a intimidade divina).

Se alguém me ama, obedece a minha palavra, e meu Pai o amará e viremos para Ele e faremos n’Ele morada.”

UAU !!!

Já pensou essa dupla morando em você?

Mas o que você está esperando para aceitar um convite irrecusável como esse?

“Como eu faço para aceitar esse convite?”

Fazendo a *Oração da Entrega* que o Humberto fez na página 153. E pronto! Ao terminar essa oração, você é promovido de criatura de Deus a filho de Deus e tem o seu passaporte carimbado para a vida eterna com Ele.

Bem-vindo ao time mais que vencedor!

PARTE 2
A GALERIA DOS HERÓIS

O tempo é o grande carrasco de todo herói. Mas existem exceções.

CAPÍTULO 30

DEPOIS DE 25 ANOS, COMO VIVEM OS HERÓIS DO PASSADO?

Uma estatística da organização *Games Over*, dá conta que quatro em cada cinco jogadores da NFL, a milionária primeira divisão do Futebol Americano, estão divorciados, falidos e desempregados, dois anos depois de se aposentarem.

Dizem que o tempo apaga tudo. Dependendo da sua idade é bem provável que boa parte das histórias deste livro tenham acontecido antes mesmo de você ter nascido e você nunca tenha ouvido falar desses atletas que já foram ícones no topo de suas carreiras. Desde a publicação da primeira edição deste livro, tudo mudou no mundo e na vida deles.

Mas existem coisas imutáveis que o tempo não pode apagar. Quanto mais o tempo passa, mais elas se consolidam e crescem: *“O mundo passa e com ele sua cobiça; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.”* (1João 2:17) Essa verdade transformou a maioria desses heróis do esporte em heróis da fé. Perseverando na vontade Deus, eles passaram no teste do tempo e contam aqui onde vivem, o que estão fazendo em 2016 e se valeu a pena andar com Deus até aqui.

João Leite, o Goleiro de Deus

Vive em Belo Horizonte (MG). É deputado estadual no exercício de seu sexto mandato. Foi Secretário de Esportes e Desenvolvimento Social e presidente da Comissão de Defesa dos

Direitos Humanos. Continua casado com a ex-jogadora de vôlei Eliana Aleixo Leite, há 37 anos. Seus filhos Débora, Daniela, Helton e seus cônjuges estão todos nos caminhos de Senhor. João Leite é um evangelista no sobrenome e de fato e continua envolvido com Atletas de Cristo deste a sua fundação.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Nossa, só me arrependo de não ter encontrado com Cristo antes. O meu relacionamento com Deus e a presença d’Ele nos momentos mais incertos tanto no gol como no jogo da vida é uma coisa do outro mundo! Ser um pregador do Evangelho me completa muito. Ver o que Ele fez através do ministério de Atletas de Cristo é inacreditável!

Eliana Aleixo Leite, ex-atleta olímpica

É corretora de imóveis em Belo Horizonte (MG) e casada com o João Leite, há 37 anos. Seguindo o exemplo dos pais, sua filha Daniela integrou a Seleção Brasileira de ginástica rítmica nas Olimpíadas da China e Helton é goleiro do Botafogo. Eliana lidera junto com o João uma célula da igreja em sua casa há mais de 10 anos.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Viver com Deus até aqui foi a melhor escolha que eu já fiz. Ele mudou toda a minha vida, meus valores, dando sentido e direção à minha existência.

Claudio André Taffarel, tetracampeão mundial de Futebol

Mora na Turquia. É treinador de goleiros do Galatasaray e da Seleção Brasileira. Continua casado com Andrea, há 26 anos e tem um casal de filhos.

– Às vezes esqueço que sou tetracampeão. A única coisa que eu não quero esquecer é que Deus foi o protagonista. Ele nos deu aquele título como uma chance de o Brasil e o mundo conhecê-lo melhor por meio do

nosso testemunho. Aqui em Istambul, o dia para mim tem que começar com a leitura da Bíblia, o louvor e a adoração. Depois que se experimenta o amor incondicional de Deus não se consegue viver sem Ele. Jesus é o centro da minha vida, e Ele me ajuda a ser um bom marido, bom pai e bom trabalhador. Quando a gente fala que Deus oferece esperança, não é só a esperança de um Brasil melhor ou de uma vida melhor. Toda esperança está em Deus.

Baltazar, o Artilheiro de Deus

Mora em São Carlos (SP). É agente FIFA como empresário de jogadores de futebol. Continua casado com Myrna Moraes, há 36 anos. Seus filhos Mateus e Michelle também são cristãos. A família lidera grupos de estudo bíblico para casais em sua casa. Baltazar segue dando palestras em escolas e pregando em igrejas.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Não tenho a menor dúvida de que valeu a pena seguir e servir a Jesus durante todos esses anos porque Deus segue cuidando de mim, me dando direção, paz, alegria e segurança.

Ciça Maia, tricampeã mundial de Karatê

Mora no Rio de Janeiro (RJ) e apesar de seus 50 anos, segue competindo e vencendo, dando aulas e cursando o último ano da Faculdade de Educação Física. Continua casada com o Fabio Oliveira Maia há 22 anos. Seus três filhos estão nos caminhos do Senhor. Ciça é líder dos jovens e do ministério Infantil em sua igreja e continua engajada na causa de Atletas de Cristo.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Valeu muito à pena porque o meu contentamento está no Senhor, Ele é tudo para mim. Ele me honrou e tem sido fiel, cuidando do nosso sustento e me dando forças para seguir lutando Karatê até hoje. Todas as dificuldades e conquistas me aconteceram para a Glória de Deus.

Emerson Fittipaldi, bicampeão mundial de Fórmula 1

Mora em Miami, nos Estados Unidos, com sua esposa Rossana e os filhos mais novos. É empresário, cidadão do mundo, administra a carreira do filho Emo Jr. no Kart e garante:

– *A melhor coisa que aconteceu na minha vida foi o Alex ter me apresentado a Jesus Cristo como meu Salvador. Deus me deu uma nova vida, uma nova família, mais dois filhos lindos e uma força enorme para encarar todos os problemas e dificuldades que tenho que enfrentar no dia a dia. A vida com Deus é o máximo!*

Jojó de Olivença, bicampeão brasileiro de surfe

Vive no Guarujá (SP) dirigindo a ONG Projeto Ondas, fundada por ele mesmo, e competindo no Circuito Brasileiro de *Masters do Surf* pela Confederação Brasileira de Surfe (CBS).

– *Continuo casado com a mesma Adriana, há 24 anos. Meus filhos Kaipo e Kauan amam ao Senhor! Participo de encontros na Estação do Caminho da Graça. Minha dedicação a serviço de Deus é com as crianças e adolescentes atendidos pela minha ONG e seus familiares.*

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *Ah se valeu! Onde estaria eu nessa hora sem Deus? Ele me fez compreender o Evangelho da graça, me libertou de todo mal e do espírito de religiosidade. Por isso vivo sem medos e sem apego a coisa alguma. Entendo que o mais importante é guardar a fé e seguir amando ao meu irmão, pois é impossível haver amor a Deus se não for na direção do meu próximo.*

Silas

Mora em Valinhos (SP), trabalha como técnico de futebol e comentarista esportivo. Continua casado com Eliane, há 28 anos. Os filhos Natan e Calebe são jogadores de futebol. A filha Carol é estudante de medicina. Todos três e a nora estão nos caminhos do

Senhor. Silas continua envolvido com o ministério de Atletas de Cristo desde 1984 e é membro da junta de oficiais de sua igreja.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Valeu muito a pena porque somente através dele encontrei a plenitude da vida para o meu casamento, vida pessoal, espiritual, criação de filhos, ministério, saúde, vida financeira e relacionamentos pessoais.

Cesar Sampaio

Formado em Gestão Esportiva, Sampaio mora em São Paulo (SP) e é presidente do Comercial Futebol Clube da cidade de Tietê (SP). Continua casado com Cristina Sampaio, há 24 anos e tem três filhas.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Desde o meu primeiro encontro com a palavra de Deus e até o dia de hoje, tenho a plena convicção que entrar pra o time de Cristo foi a melhor decisão feita em toda minha vida. Jesus Cristo mudou meu viver e encheu o meu coração de alegria e esperança. Não vivo de circunstâncias, vivo na graça e no amor do nosso redentor. Obrigado Jesus e obrigado Atletas de Cristo!

Mauro Madureira

Vive em Curitiba (PR). É contratado como gerente da franquia da Escola de Futebol do Coxa na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) e trabalha na Escolinha de Futebol Domínio da Bola – Pequenos Craques, em São José dos Pinhais (PR). Está casado com Jane Madureira Arruda, há 39 anos, com quem tem quatro filhos: Walkiria, João Paulo, Janaina e Júlio César, quatro netos, genros e nora, todos nos caminhos do Senhor. Mauro Madureira exerce a função de pastor auxiliar de sua igreja.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *Valeu muito porque desde a minha entrega a Jesus Cristo como Senhor exclusivo e eterno Salvador, houve uma transformação total de caráter, postura, atitude e comportamento através da atuação do Espírito Santo em minha vida. Deus tem cuidado de mim e de toda minha família com muito zelo e amor.*

Roberto Rojas

Vive em São Paulo (SP) com Viviane Bruno, sua segunda esposa. Escapar da morte é sua principal atividade nos últimos sete anos. Uma Hepatite C destruiu seu fígado e o colocou na fila do transplante do SUS com 3.000 candidatos à sua frente. Para manter-se vivo durante a longa espera, teve que ser submetido a muitas punções, drenagens e extrair parte de um pulmão numa cirurgia muito invasiva. Quando chegou sua vez no transplante não pôde receber o novo fígado porque estava muito debilitado. Chegou a pesar 54kg.

– *Meses e anos sofrendo dores horríveis a ponto de ter desistido da vida e pedido aos médicos que me deixassem morrer, podem endurecer o coração de qualquer um. A UTI é um lugar muito frio e solitário, onde os dias passam muito devagar. Ali pude perceber que eu não estava só. A semente da Palavra de Deus plantada no tempo que andei com os atletas de Cristo germinou em meu coração. Deus foi meu companheiro na dor e me tirou do sufoco. Agarrado em suas mãos descobri as coisas maravilhosas que ele pode fazer através de uma pessoa totalmente entregue a Ele.*

Quase 6 anos mais tarde o transplante aconteceu e foi um sucesso. Estou me recuperando bem e logo que os médicos me liberarem, quero voltar a trabalhar com o futebol como empresário, olheiro ou comentarista. Também quero fazer algo para amenizar a dor dos que sofrem. O sofrimento me levou para mais perto de Deus e me transformou em uma pessoa sensível às dores dos outros.

Amarildo

Vive em São Paulo (SP). É empresário e treinador de categorias de base de futebol. É também empresário do ramo imobiliário. Está casado com Valéria do Amaral, há 28 anos. Seus quatro filhos nasceram na Itália, Espanha, Portugal e Brasil. Todos permanecem nos caminhos do Senhor. Alegre, brincalhão e extrovertido, Amarildo gosta de cantar, falar em público e topa qualquer parada quando o negócio é falar de Cristo. Valéria é formada em Administração e cuida do patrimônio econômico e amoroso da família. Dedicados à causa de Cristo, lideram uma célula de sua Igreja e dão palestras sobre casamento e aconselhamento matrimonial.

Apaixonado pela ação de Deus em sua vida, está escrevendo um livro sobre suas mil e uma aventuras no futebol. O livro será uma espécie de manual de planejamento de carreira e exemplo de vida além dos gramados.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Valeu muito andar com Deus porque ele é a essência da minha vida e tenho que compartilhar a riqueza do meu relacionamento com ele para as novas gerações de atletas que andam tão sem referência acerca da realidade que o amor e o poder de Deus podem fazer e acontecer em suas vidas.

Zé Sérgio

Mora em Vinhedo (SP). É treinador das categorias de base do futebol. Trabalhou com São Paulo e Ponte Preta. Está casado com Luciane, há 34 anos, tem 3 filhos e dois genros, todos nos caminhos do Senhor. Thaisa é atleta olímpica, Zezinho jogador de futebol e Larissa trabalha na área de hotelaria. Zé Sérgio e Luciane lideram uma célula de sua igreja que se reúne em sua casa.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *Valeu muito andar com Deus todos esses anos, ter um casamento sólido e abençoado, filhos ensinados no caminho. Experimentando a paz mesmo no meio das dificuldades, com a certeza de nunca estarmos sozinhos e cheios da esperança de uma vida eterna além dessa aqui. Envelhecer e passar pelas lutas da vida na companhia de Jesus fez toda diferença.*

Humberto

Mora em Mogi Guaçu (SP) e tem uma escolinha de futebol chamada Chuteira de Ouro. Continua casado com Clemir de Souza Suzigan, há 37 anos, com quem tem quatro filhas, três genros e duas netinhas, todos nos caminhos do Senhor. Humberto e Clemir são membros da Comunidade AME.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *É claro que valeu a pena andar com Deus todos esses anos porque Ele é tudo na nossa vida.*

Jorginho

Vive no Rio de Janeiro (RJ). É o técnico do Vasco da Gama. Continua casado com Cristina Aguiar Campos, há 28 anos. Criaram seus quatro filhos nos caminhos do Senhor. Jorginho foi presidente de Atletas de Cristo e até hoje é um dos maiores colaboradores dessa missão.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *Pô, muito! Não tenho dúvida. Faz toda a diferença do mundo ver meus filhos louvando a Deus na área da música. Não tem preço. Ter paz no coração, ter Deus como patrão, faz toda a diferença em todas as áreas da nossa vida. Ver a família unida servindo ao Senhor na igreja e ter o respeito das pessoas é fantástico!*

Bitá, pastor surfista

Mora em Florianópolis (SC). É pastor e presidente de sua própria igreja, onde cuida pessoalmente de seu rebanho. É casado com Claudia Cargnim Pereira, há 30 anos. Um de seus dois filhos o acompanha na igreja. Juntos, eles lideram o ministério Livre em Jesus.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Valeu muito a pena ter andado com Jesus até aqui porque Ele me salvou e me chamou para ser Surfista de Cristo. Ganhei muita gente nesse meio. Até hoje pratico esse esporte e prego a Palavra. Temos um casamento abençoado, uma igreja cheia da graça de Deus e somos plenamente realizados no Senhor.

Bismarck

Vive no Rio de Janeiro (RJ), trabalha como empresário de jogadores de futebol e descobridor de novos talentos. É casado com Ticia, há 15 anos e tem dois filhos: Chiara e Lorenzo. De vez em quando vai à uma igreja na Lagoa e confessa que a dinâmica da vida de empresário o impede de ter uma vida espiritual mais ativa.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Só vivi até agora porque Ele tem misericórdia de mim. Na minha adolescência e juventude eu e meu irmão frequentamos uma igreja que nos ensinou princípios bíblicos que tiveram grande influência na formação de nosso caráter. Uma semente de fé foi plantada e pela graça de Deus perdura no meu coração e no seio de nossa família.

Leba

Mora em São Paulo (SP). É consultor comercial e pastor-presidente de sua igreja. Continua casado com Maria Rute Jimenez, há 30 anos. Seus filhos Lucas Junior, André Luiz e Davi Hugo estão nos caminhos do Senhor e o ajudam na igreja.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *Com certeza porque ele é tudo para mim e autor da minha vida e da minha família.*

Luiz Felipe

Mora em Vila Velha (ES), onde é diretor do Centro de Treinamento Arremessando para o Futuro (CETAF). Continua casado com Ângela, há 32 anos. Eles estão envolvidos no ministério de louvor de sua igreja.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *Criamos nossos filhos na esperança de que eles serão sempre do Senhor, ainda que haja tropeços nas caminhadas, mas seguimos firmes na promessa. Valeu a pena ter vivido com Deus porque andar com o Senhor é provar de um amor incondicional, é ter a certeza de que mesmo diante dos dias maus, a Sua potente mão está a nos guiar, é poder experimentar a paz, mesmo diante do caos. Andar com Deus é saber que somos comandados por um reto Juiz e que ao final do jogo da vida, iremos permanecer com Ele para sempre.*

Anilton

Mora em Hong Kong, na China. Trabalha como analista de futebol da Seleção de Hong Kong. É líder e fundador da primeira igreja brasileira em Hong Kong. Tem um ministério nas prisões e dirige uma escolinha de futebol para alcançar as crianças. Está casado com Marta de Souza Conceição, há 24 anos e tem um casal de filhos.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– *Viver com Deus todos esses anos foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Porque Ele é fiel, eu estava morto e Ele me deu vida, estava perdido e Ele me achou. Não sou merecedor de nada, mas pela sua graça Ele me deu uma família, tem me mantido firme nos seus caminhos e hoje não vivo eu, mas Cristo vive em mim.*

Donato

Vive em La Coruña, na Espanha, onde é tratado com muito carinho por ter se naturalizado e defendido a seleção espanhola. Trabalha como colaborador de uma empresa de iluminação de LED. Continua casado com Cassia, há 36 anos, com que tem duas filhas e três netos. É um dos pilares de uma pequena igreja e pregador do Evangelho.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Claro que sim! Só de pensar nos livramentos e no fato de ainda estarmos juntos até hoje, já valeu. Encontramos Jesus numa situação de medo e horror. Lutas, derrotas e decepções sempre fizeram parte de nossa existência. Não sei o que poderia ter acontecido se não tivéssemos a Cristo como Salvador. Somos muito gratos a Deus que nunca nos abandonou. Sem Ele, a gente não seria nada.

Batista

Mora em Belo Horizonte (MG). É advogado, está casado com Edna Teixeira Viana Santos, há 27 anos. Seus filhos Clarisse, João Marcos e Filipe andam nos caminhos do Senhor. Batista é um dos pastores de sua igreja e cuida de um trabalho social da igreja em uma comunidade e de uma igreja na mesma comunidade.

Valeu a pena andar com Deus até aqui?

– Claro! Não sei o que seria de mim sem a presença e o governo de Deus na minha vida, na vida da minha família e na minha carreira como atleta durante todos esses anos. Os planos d'Ele são muito melhores que os meus. Ele me criou para que eu vivesse de acordo com os seus propósitos. Ele me curou e me salvou e sinto agora que faço parte do projeto de Deus para a salvação de outras pessoas.

Aqui Estamos

Vinte e muitos anos é uma vida para quem tem menos de trinta. Mas esse lapso de tempo é um pingo d'água no oceano da Eternidade. Terminamos aqui as histórias deste livro com a canção dos sobreviventes do bom combate para o autor de suas existências, sintetizada nessa música do cantor e compositor espanhol Marcos Vidal.^[19]

*Aqui estamos
Com a espada em nossas mãos
Com alguns anos mais e algumas feridas
Mas ainda de pé, lutando dia a dia
Ansiando ver a Ti...*

*Aqui estamos
Apesar de alguns já não estarem mais ao nosso lado
O outono já arrasou com o verão
E o inverno será duro, mas aqui estamos
A primavera chegará...*

*Nossa barca fez água tantas vezes na noite
E se não afundou jamais
Foi por Tua mão
Não por nossa habilidade, mas por Tua compaixão*

*Aqui estamos
Sabedores de que foi só por Tua graça
E conscientes de que sempre haverá amanhã
Em Teu nome e pela fé aqui estamos*

*Aqui estamos
As recordações se amontoam em nossa mente*

*E em algum momento Tua figura emerge
Não sei como, mas sempre estás presente
No tempo e no lugar certos*

*Aqui estamos
Nosso passo ainda é firme ao Teu lado
Nossos olhos ainda te fitam, caminhando
Quase, quase, já te tocam nossas mãos
Chegaremos a Ti...*

*Nossa barca fez água tantas vezes na noite
E se não afundou jamais
Foi por Tua mão
Não por nossa habilidade, mas por Tua compaixão*

*Aqui estamos
Sabedores de que foi só por Tua graça
E conscientes de que sempre haverá amanhã
Em Teu nome e pela fé aqui estamos*

CAPÍTULO 31

CONHEÇA UM HERÓI DO PRESENTE

DANIEL DIAS

Ganhador de 61 medalhas de ouro, 14 títulos mundiais e laureado internacionalmente, o nadador se prepara para as Paraolimpíadas Rio 2016 e revela o segredo da chuva de ouro que vem caindo em sua horta.

Vejo meus pais muito preocupados há 27 anos atrás. O rompimento da bolsa três semanas antes do fim da gravidez, nos obrigou a viajar às pressas de Camanducaia (MG) para Campinas (SP), onde tínhamos acesso à assistência médica de melhor qualidade.

A cesariana ocorreu sem problemas. Mas antes de apresentar-lhes o bebê, um médico entrou no quarto e fez um comunicado chocante:

– O filho de vocês nasceu sem as mãos e os pés.

O que faltava em mim, faltou para meus pais naquele momento. E eles quase vieram ao chão esmagados por sentimentos de dúvida e medo que cruzaram suas mentes e corações como uma flecha.

Vieram chorando me ver, mas quando puseram os olhos em mim e me tocaram pela primeira vez, eu sorri para eles. Aquele sorriso mudou o mundo deles e virou a minha marca registrada. Sentimentos de amor, gratidão e alegria inundaram seus corações e eles não viram um deficiente físico, mas um grande presente de Deus e alvo do maior amor que já sentiram.

Vivi minha primeira semana na incubadora. Aos três anos, passei por uma cirurgia na perna para poder usar prótese. Meu sofrimento foi de rasgar o coração de meus pais. Mas valeu a pena: em menos de um ano eu já estava usando a prótese e andando.

Passamos minha infância em Camanducaia, onde um deficiente causava curiosidade e era assunto para muita conversa na pequena cidade. O que nos ajudou muito foi o apoio da igreja como família e corpo de Cristo. Deus usou a comunhão e solidariedade dos irmãos como braços divinos estendidos para nos acolher. Agora entendo que, quando entregamos nossos problemas em Suas mãos, tudo coopera para o bem daqueles que O amam.

A entrada para a escola foi difícil. Tive que me virar sozinho e assumir ser diferente. Hoje entendo que é bacana ser assim. Mas naquela época não foi nada legal. Eu tentava esconder os braços que me faltavam e chegava chorando em casa. Meus pais me ensinaram que o preconceito é uma realidade, mas eu não tinha que me deixar vencer por ele. Me convenceram que eu poderia crescer e fazer tudo que os outros garotos faziam, até mesmo jogar futebol.

Foi aí que fiz uma escolha: resolvi ser feliz e passei a fazer tudo que os outros faziam. Aprendi a escrever segurando o lápis entre meu único dedo esquerdo e o cotovelo direito. Aprendi a pintar tão bem que uma de minhas obras foi escolhida a melhor da escola. Foi meu primeiro troféu, uma grande conquista. Tudo que eu disse que ia fazer pude mostrar que é possível, porque tinha um Deus zelando pela minha vida para provar que os impossíveis dos homens são possíveis para Ele.

O aprendiz

“Tudo isso pode parecer muito simples, mas entender o momento que eu estava vivendo foi uma grande conquista. O próximo desafio foi jogar futebol. Treinei bastante no quintal de casa. Nos primeiros jogos era o último a ser escolhido. Depois que me viram jogar perceberam que eu não

era tão ruim. E assim, comecei a construir minha autoconfiança. Esses pequenos detalhes e conquistas fizeram com que eu e meus colegas aprendêssemos juntos que a deficiência não define quem somos. Todo mundo tem algum tipo de deficiência. A minha era visível, a dos outros não.

E assim segui vivendo e aprendendo com as peças de Natal e Páscoa que minha mãe organizava e eu atuava junto com os amigos e irmãos da igreja. O maior desafio foi a bicicleta. Eu quis andar de bicicleta e decidi que poderia. Enchi tanto a paciência do meu pai que um dia ele me deu uma bicicleta com rodinhas auxiliares. Por mais ambiciosos que fossem meus desafios, meus pais nunca me limitaram. Tentei pedalar sem a prótese, mas caía na hora de parar. Tomei muitos tombos, mas não desisti. Demorou três anos até que consegui, aos 12 anos de idade. Fui logo mostrar ao meu pediatra e ele se emocionou. Ele tinha me dito que era possível.”

Tudo tem o seu tempo e propósito

“Aprendi a andar com 3 anos de idade, meu filho aprendeu com 1 ano.

Cada um tem seu tempo, mas às vezes a gente não consegue esperar o tempo de Deus. Para mim não importava o tempo. Tudo era uma evolução.

Mas existem momentos em que a gente não consegue fazer tudo o que quer. Quando inventei de tocar teclado, matriculei-me numa aula, mas logo descobri que não ia conseguir. Foi a primeira vez que dei de cara com uma limitação maior que minha força de vontade e tive que encarar meu orgulho cara a cara.

Como eu não admitia o fato de não conseguir realizar esse desejo tive que admitir minha limitação e questioneei a Deus porque nasci assim. Entrei em conflito com Ele. E tive como resposta o silêncio...

Fiquei na bronca com Ele até engolir meu orgulho e perceber que eu estava tentando o impossível fora da vontade de Deus. E para Ele fazer o

impossível, eu tinha que estar debaixo da graça, do poder e da vontade d'Ele.

Aí as coisas mudaram. Um amigo me apresentou à bateria e fui a uma igreja que tinha um professor desse instrumento. Minha mãe amarrou a baqueta no meu antebraço e estudei bateria até montarmos uma banda de adolescentes para tocar na igreja.”

A grande braçada

“Que bacana! – disse para mim mesmo, assistindo às Paralimpíadas de Atenas em 2004 pela TV.

Acordei para a existência de esportes para deficientes físicos. Nesse mesmo tempo, meu pai assistiu uma palestra motivacional que elogiava a indescritível determinação dos atletas. Ao final, ele contou ao preletor que tinha um filho que desejava ser atleta. Ele nos apresentou à Associação Desportiva para Deficientes (ADD).

Fomos recebidos pela Eliane Lemos, que me explicou tudo sobre o funcionamento do esporte adaptado. Ela perguntou o que eu queria fazer.

– Futebol ou Basquete sobre rodas – respondi.

Aí ela olhou para mim e disse:

– Embora a ADD não trabalhe com a modalidade natação, acredito que você tem perfil para ser um bom nadador. E indicou a professora Marcia, que trabalhava com reabilitação de crianças em piscina.

– Ok, vamos tentar. Em oito aulas, eu que nem sabia nadar, aprendi os quatro estilos e descobri o dom que Deus me deu. Até então eu achava que isso era uma coisa natural. A professora entendeu o meu dom e me incentivou a mergulhar fundo na natação. Comecei a treinar em julho de 2005. Na minha estreia em competições, ganhei duas medalhas de bronze. Foi a grande braçada inicial de minha carreira...”

Chuva de ouro

“Em 2006, consegui uma vaga para o meu primeiro campeonato mundial, na África. Lá conquistei três medalhas de ouro, duas de prata e cinco recordes das Américas.

Uau! Eu não esperava tudo isso logo de cara.

Em 2007, participei do primeiro Parapan, no Rio de Janeiro: foi incrível! Olhando meus pais na arquibancada, pensei em todas as dificuldades que passamos juntos. As oito medalhas de ouro me deram uma enorme gratidão pelo lar onde Deus me plantou.

Em 2008, participei de minha primeira Paraolimpíada, em Pequim, e me emocionei pensando que em 2004 eu estava assistindo esse espetáculo pela TV e agora estava ali representando o meu país. Só Deus pode fazer isso em nossas vidas. Foi um momento lindo! Fui coroado com quatro medalhas de ouro, quatro de prata e uma de Bronze.

Em 2010, participei do meu segundo Mundial na Holanda, recebendo oito medalhas de ouro e uma de prata.

Em 2011, marcamos presença no Parapan do México, com 11 medalhas de ouro!

Em 2012, nas Paraolimpíadas de Londres, ganhei mais seis medalhas de ouro e tornei-me o maior medalhista brasileiro.

Em 2013, voltei do Canadá campeão do mundo, com seis medalhas de ouro e duas de prata na bagagem.

Em 2015, conquistei o tetra no Mundial em Glasgow, na Escócia, com sete medalhas de ouro e uma de prata. Terminamos o Parapan de Toronto com oito medalhas de ouro.”

Nem tudo foi um mar de rosas

“Depois das Paraolimpíadas de 2008, acabei perdendo o foco e me esquecendo do que meu pai sempre dizia: “Você pode conquistar todas as medalhas, mas jamais pode deixar que elas te conquistem.” Achando que eu estava fazendo tudo isso acontecer por meus próprios méritos, me esqueci também que sem Deus, nada disso teria acontecido.

Gradativamente fui me afastando da intimidade com Ele. Me enganava tocando a bateria na igreja pensando que eu estava presente, mas meu coração estava bem longe: dali e de Deus. Nas viagens, levava minha bíblia na bagagem, mas Suas Palavras estavam longe do meu coração, porque eu não a lia mais. Pensava que tinha muitos amigos que gostavam de mim até o momento em que esses mesmos amigos me tiraram da igreja e eu já nem orava mais. Continuava ganhando tudo no esporte, mas estava perdendo a minha essência.

Já não era mais aquele cara que estava sempre sorrindo. E os mais próximos perceberam isso. Foi um momento difícil e conturbado na minha vida, com reflexos na vida de minha família.

As medalhas e a fama continuavam a chover na minha horta, a vida esportiva e profissional estava fantástica, sim. Mas, e daí? Não havia nada por trás daquilo tudo. A alegria se foi, meu coração virou um deficiente emocional, o sorriso sumiu da minha cara e meu espírito secou no meio de um deserto existencial. Tudo porque perdi a minha essência, que é estar e andar com Deus."

A virada

"Minha sorte é que, embora eu estivesse distante de Deus por minha livre iniciativa, Ele nunca deixou de estar ao meu lado. Entre 2010 e 2011, fui entendendo que eu não estava fazendo nada para ser um instrumento útil a Deus no mundo das piscinas. Foi aí que me arrependi, pedi perdão e entendi que sem Ele, eu não sou nada. Foi uma reconciliação perfeita. Ele recebeu-me de braços abertos, me perdoou, tirou a culpa da minha consciência, devolveu-me a alegria de viver, o brilho no olhar e o sorriso na cara.

A partir daí percebi porque todas as coisas cooperam para o bem daqueles que O amam. O recado divino através das minhas circunstâncias é: "Você nasceu sem os braços nem as pernas para demonstrar ao mundo

o meu poder e o que Eu posso fazer através de um ser humano totalmente comprometido comigo.”

Deus quer mostrar para as pessoas que Ele não olha a nossa aparência e sim o nosso coração. Foi assim com a escolha de Davi, Daniel, Pedro, Paulo e outros heróis da fé, incluindo você e eu. Nesse ponto caiu a minha ficha e eu disse para Ele: “Eis me aqui, Senhor, para fazer a Tua vontade e cumprir o Teu propósito específico para minha vida.”

Daí em diante tudo se encaixou.

Reencontrei a Raquel, a gente começou a namorar, noivamos, casamos, tivemos dois filhos lindos e eu passei a levar meu testemunho às igrejas passando essa mensagem: “Com Deus é sim, sim e não, não. Não existe meio termo nem barganhas com Ele.”

A missão

“No Parapan do México, conheci o fisioterapeuta Mauricio e começamos a orar juntos nas competições. Isso fez muito bem para mim. Logo, logo, uma nadadora começou a frequentar nossas reuniões e teve seu encontro com Cristo. Fiquei mais feliz do que se tivesse conquistado mais uma medalha. Outros paratletas seguiram seu exemplo. Desde então a gente sempre faz o nosso culto. Esse é o meu propósito no esporte. Quando estamos dispostos a fazer a vontade de Deus, as coisas acontecem como Ele quer. Tem muita gente com sede de Deus, e o desejo d’Ele é que ninguém se perca.

Sempre ouço alguém afirmar:

– Você tem algo de diferente...

E a pergunta:

– Qual é o seu segredo?

Meu segredo é que eu tenho um Deus que pode fazer o impossível em nossas vidas.”

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Daniel de Faria Dias.

Local e data de nascimento: Campinas (SP), em 24/05/1988.

Estado civil: Casado.

Esposa: Raquel Andrade Ribeiro Dias.

Filhos: Asaph e Daniel.

Livro favorito: A Bíblia e “O Sonho de Deus”, de Fernandinho.

Heróis: Jesus no céu e Kaká na terra.

Objetivo de vida: Levar o Evangelho aonde eu estiver, falando do amor de Jesus.

Ambição secreta: Contar para todo o mundo meu grande segredo: a verdadeira razão das minhas vitórias.

A maior alegria da carreira: O nascimento dos meus dois filhos.

A maior frustração: O momento em que esqueci da importância que é ter Jesus na minha vida.

Hobby: Estar com a família.

O que gostaria de ser se não fosse o que é? Não me vejo sem a natação e o esporte, porque percebo que esse é o dom que Deus me deu. Alegro-me em poder fazer isso e mostrar o que é andar nesse caminho e fazer a vontade de Deus.

O que gostaria de fazer depois de aposentar? Gostaria de me dedicar mais à obra do Senhor e levar a Palavra d’Ele por meio do meu testemunho.

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos? Como um servo de Deus e, não apenas, como um atleta que fez história. Um homem que descobriu como é bom e agradável servir ao Senhor.

Equipes onde participou: Associação Desportiva para Deficientes (ADD); Associação de Pais e Amigos da Natação (APAN); Instituto Daniel Dias.

Títulos e medalhas: 14 títulos e 6 recordes mundiais, competindo nas provas 50 m e 100 m Livres, 50 m e 100 m Peito, 200 m *Medley*, 50 m e 100 m Costas, 50 m Borboleta e revezamentos. Acumulou 61 medalhas de ouro, 10 de prata e uma de bronze. Tornou-se recordista absoluto de medalhas. Único atleta do mundo a ganhar três vezes o Prêmio *Laureus* – Oscar do esporte mundial.

CAPÍTULO 32

HERÓIS DO FUTURO

O tempo é o grande carrasco de todo herói. Por maior que seja o seu mérito e a sua glória, todos desaparecerão. Mas existem exceções...

Herói, segundo o dicionário, é uma pessoa extraordinária e magnânima por seus atos de bravura em uma guerra, em prol de alguma causa que promova o bem comum, ou a alegria de uma coletividade.

Sem sangue, suor e lágrimas não há heróis. Todos os dias somos bombardeados por notícias de guerras em algum canto do mundo. Mas a guerra é nossa vizinha. Só no Brasil mais de 50.000 morrem assassinados todo ano^[20]. Mais mortos do que em muitas guerras.

A raiz de todas as guerras está na mente e no coração de cada ser humano, onde são travadas nossas batalhas diárias entre o bem e o mal, o certo e o errado, a alegria e a tristeza, a dor e o prazer, o medo e a fé, a paz e a angústia, a depressão e a euforia, a esperança e o desespero, o amor e o ódio, a morte e a vida.

Está na cara que o mundo em que nascemos e vivemos está do jeito como o diabo gosta. E o Deus, que sempre escreveu a história por meio de seres humanos como você e eu, não nos chamou para um piquenique, mas para uma guerra contra as forças espirituais do mal na atmosfera terrestre. Esse é o cenário favorável para o surgimento de um outro tipo de herói.

Os heróis eternos

Deus é muito forte e deseja que sejamos fortes. Por isso, Ele está convocando candidatos para serem treinados e usados a fim de triunfarem sobre o mal no campo inimigo. “Muitos são chamados, poucos escolhidos.”[21]

Os Escolhidos são os que disseram sim ao convite de Jesus Cristo. Eles tiveram seus passes comprados para o time mais que vencedor e estão matriculados na escola de formação de heróis eternos no laboratório da corrida da vida. Nessa escola estudamos o “Manual do Proprietário de Nossas Almas”, que nos ensina a manejar armas da melhor qualidade e eficiência, criadas pela indústria bélica divina:

O cinturão da Verdade;[22]

A couraça da Justiça;

As sandálias do Evangelho da Paz;

O escudo da Fé;

O capacete da Salvação;

A espada da Palavra de Deus;

E o míssil transgaláctico da Oração.[23]

O nosso general é Cristo. Ele nunca prometeu um mar de rosas do lado de cá do paraíso, mas prometeu: *“No mundo, vocês passarão por aflições mas tenham bom ânimo, eu venci o mundo.”*[24]

Ele quer que sejamos mais que vencedores e para tanto, disponibiliza em nossas batalhas o mesmo poder que Ele usou para vencer o mundo: a Força do Criador do universo.

É desta força que falamos com o título desse livro.

A vida é uma corrida

Mas que tipo de corrida?

O esporte de alta performance é uma panela de pressão de cobrança insana por resultados imediatos que submete o atleta a

um nível de estresse inimaginável por quem está fora do olho do furacão.

A competição predadora no cotidiano do mercado de trabalho nos expõe a tensões ainda mais fortes. A história da raça humana pode ser comparada a uma maratona de longa duração com barreiras, desvios, distrações, descaminhos, atalhos tenebrosos e revezamento.

Tudo começou quando Adão e Eva pisaram na bola e tomaram aquele cartão vermelho. De lá para cá, a humanidade, separada de Deus, corre mais perdida do que cego em tiroteio. No meio desse caos macabro aprontado pelo Supertraíra e sua gangue, Deus levantou heróis que triunfaram pelos méritos de Jesus Cristo, o herói que venceu a morte, o mundo e o mal.

Eles tornaram-se mais que vencedores e passaram o bastão para seus sucessores que deixaram como legado a vitória do bem sobre mal. E assim sucessivamente até que o bastão chegou às nossas mãos. Agora é a nossa vez, o nosso momento e a nossa corrida...

Correndo para vencer

Cercados por uma enorme torcida, nos desembaraçamos de tudo que nos atrapalha, incluindo o pecado que nos agarra como caneleiras de chumbo grosso. E corremos com perseverança a corrida que nos foi destinada, mantendo os olhos focados no autor e aperfeiçoador da nossa fé: Jesus Cristo, nosso herói maior.[25]

Ele já correu e venceu essa corrida, no tempo em que era humano. Conhece muito bem os obstáculos, as dificuldades do caminho e nos espera na linha de chegada onde O veremos cara a cara e seremos recepcionados com a mais bela sentença de boas-vindas:

– Bem-vindo, servo bom e fiel. Entra no descanso que te foi preparado desde a fundação do mundo.[26]

A relação de prêmios

Enquanto esse dia não chega, vivemos com a certeza das coisas que esperamos e a garantia de Suas promessas:

– *Aquele que perseverar nesse caminho até o fim, receberá a coroa da vida eterna, a coroa de honra e a coroa de glória.*[27]

Mais a seguinte relação de prêmios:

– *Ao vencedor, darei do fruto da Árvore da Vida. O vencedor, de modo algum sofrerá dano na segunda morte.*[28]

– *Ao vencedor, darei do maná escondido e uma pedrinha branca sobre a qual está gravado um novo nome, o qual ninguém conhece, a não ser aquele que o recebe.*[29]

– *O vencedor será vestido de branco e eu não apagarei seu nome do Livro da Vida, pelo contrário, confessarei seu nome diante do meu Pai e seus anjos.*[30]

– *Ao vencedor, Eu o farei coluna do templo do meu Deus, e dali ele jamais sairá. Ele será cidadão da Nova Jerusalém, a cidade que desce do céu vinda do meu Deus. Eu gravarei sobre ele o nome do meu Deus, e o Meu novo nome.*[31]

– *Ao vencedor, permitirei assentar-se ao meu lado no trono, assim como venci e me sentei com meu Pai no Seu trono.*[32]

Jesus Cristo, O Herói Perene

FICHA TÉCNICA

Nome completo: Jesus Cristo.

Local e data de nascimento: Belém, no ano zero (em sua formatação humana).

Estado civil: Solteiro comprometido.

Futura esposa: A Sua Igreja.

Livro favorito: O Livro da Vida, com os nomes de todos os seus heróis eternos.

Herói: Deus Pai.

Objetivo de vida: Fazer a vontade de Deus.

Ambição não secreta: Que ninguém se perca.

A maior alegria da carreira: Toda vez que um pecador arrependido o recebe.

A maior frustração: A rejeição e ingratidão do ser humano, criado à sua imagem e semelhança.

Hobbies: Transformar água em vinho, andar sobre as águas, domar tempestades, expulsar demônios, virar mesas, chicotear vendilhões, encarar multidões enfurecidas, peitar o sistema, dar nó em cabeça de fariseu, ressuscitar, levitar e outros esportes radicais.

O que gostaria de ser se não fosse quem é? Ele mesmo.

O que gostaria de fazer depois de se aposentar? Nunca se aposenta.

Como gostaria de ser lembrado daqui a 100.000 anos? Como o Redentor da humanidade.

Equipes onde participa: Santíssima Trindade; Time de todos que O receberam como Salvador.

Títulos que ganhou: Criador do Mundo; Filho de Deus; Rei do Universo; Príncipe da Paz; Salvador; Redentor; Libertador; Mestre; Deus Conosco; Cordeiro de Deus; Leão de Judá; Estrela da Manhã; Pão da Vida; Luz do Mundo; Bom Pastor; Verbo Divino; Messias; Vencedor; Senhor da História; O Caminho; A Verdade; A Vida e muitos outros.

CAPÍTULO 33

ESCREVENDO A PRÓPRIA HISTÓRIA

Agora que você faz parte do time mais que vencedor, sinta-se à vontade para preencher a sua Ficha Técnica. Se quiser, pode até atacar de redator da história que Deus já está escrevendo por meio de sua nova vida e destino eterno.

SUA FICHA TÉCNICA

Como você é e gostaria de ser?

Nome completo :

Estado civil:

Esposo/Esposa:

Local e data de nascimento:

Seu herói:

Seu objetivo de vida:

Sua ambição secreta:

A maior alegria da sua vida:

A maior frustração:

Hobby:

O que gostaria de ser se não fosse o que é?

O que você tem nas suas mãos hoje?

Onde pretende chegar?

O que gostaria de fazer depois da aposentadoria?

Qual o seu destino eterno?

Como gostaria de ser lembrado daqui a cem anos?

O espaço em branco das próximas linhas é para você escrever a história da sua nova vida.

Se você quiser saber mais sobre essa Força entre em contato com:

ConhecerDeus.org.br.

Este livro está disponível também em:
Inglês, Espanhol, Ebook e Áudiobook

Endereço para contato:

Site: www.forcaparavencer.com.br
E-mail: contato@forcaparavencer.com.br

AGRADECIMENTOS

“Ninguém vence sozinho, porque Deus é plural... Ele nos criou dependentes d’Ele e interdependentes. Você, com esse livro em mãos, é uma grande vitória para todos que o fizeram acontecer.”

Nossa gratidão a Deus e a cada um, incluindo aqueles de quem nos esquecemos...

Abrahão Soares, Amarildo, Andreas Wilcken Jr., Anilton, Atletas de Cristo, Baltazar, Bárbara Ribeiro, Batista, Bismarck, Bitá, Cesar Sampaio, Ciça Maia, Daisy Brandino, Daniel Dias, Donato, Douglas Lucas, Ed René Kivitz, Eliana Leite, Emerson Fittipaldi, Humberto Suzigan, Instituto Ayrton Senna, João Leite, Jojó de Olivença, Jorginho, Josmar Pereira Pinto, Juan Carlos Martinez, Kelli Cavarzan, Leba, Luiz Felipe, Luiz Felipe Aflalo, Marcelo Fernando de Barros, Márcia Kröger, Marco Antonio Mendes, Marcos Grava, Marisa Moura Pinto, Mauro Madureira, Meybe Marques, Miguel del Castilho, Paulo Dias, Renato Kröger, Revista Placar, Rojas, Samuel Mendes, Silas, Taffarel, Tomás Pereira, William Douglas, Zé Sergio, Zick Batista da Luz.

SOBRE O AUTOR

Alex Dias Ribeiro foi um dos principais pilotos brasileiros da década de 1970, ao lado de Emerson Fittipaldi e José Carlos Pace na Fórmula 1. Sua oficina Camber em Brasília, foi o solo fértil onde brotaram os talentos de Nelson Piquet e Roberto Pupo Moreno, projetando três candangos para o topo do automobilismo mundial.

Fora das pistas, Alex atuou como escritor, empresário, fazendeiro, radialista, comentarista esportivo, palestrante, mentor, capelão e líder da Organização Atletas de Cristo – por mais de 22 anos – e da *International Sports Coalition*, onde teve uma influência positiva na vida de milhares de atletas de várias modalidades, ensinando-os a conhecer e pôr em prática, em seus momentos de alta tensão, princípios testados e aprovados há milhares de anos.

Participou das Olimpíadas em Seul, Atenas, Beijing e Londres e das Copas do Mundo de 1990, 1994, 1998, 2002 e 2006, dando apoio aos atletas de Cristo da Seleção Brasileira. Muitas dessas experiências foram registradas em seus livros anteriores. Um deles foi traduzido para o inglês, espanhol e árabe. Outro, ganhou o prêmio ABEC de melhor biografia do ano.

Livros Publicados

Mais que Vencedor – Alex Publicações

Atletas de Cristo – Editora Mundo Cristão

Quem Venceu o Tetra? – Editora Mundo Cristão

Who Won the 94 World Cup? – Rivers International - England

Quien Ganó la Copa Mundial? – Editorial Betania USA

Mais que Vencedor Sem se Campeão do Mundo - Editora Hagnos
Ltda

Muito Além de Sucesso e Significado - Editora Hagnos Ltda

What it takes to overcome through the 4 stages of life - Xulon USA

NOTAS

- 1) Supertraíra - apelido que os atletas puseram no diabo.
- 2) Matéria publicada na edição nº 105 do jornal Atletas de Cristo, de fevereiro de 1994.
- 3) Autor: Caio Fábio – Ed. Vicom.
- 4) Josué 1:9
- 5) João 3:3
- 6) Casado, pai de família e longe do surfe profissional, Bitá é pastor de uma das igrejas mais ativas de Florianópolis.
- 7) Tênis de uma marca de produtos esportivos.
- 8) **Nota do autor:** Os cinco atletas dos capítulos seguintes não são os únicos pioneiros de ADC. Eles representam, aqui, um grupo enorme de convocados por Deus para atuar nessa nobre missão.
- 9) Bicho: Premiação em dinheiro, na linguagem do futebol.
- 10) Supertraíra - apelido que os atletas puseram no diabo.
- 11) Mateus 6:21
- 12) Alemão - Jogou no Botafogo, na Itália e na Seleção na Copa de 1990.
- 13) *Perônio ou fíbula.*
- 14) Supertraíra - apelido que os atletas puseram no diabo.
- 15) João 6:37
- 16) Supertraíra - apelido que os atletas puseram no diabo.
- 17) Mateus 11:28
- 18) Mateus 5:13 a 16
- 19) “Aqui Estamos,” letra e música de Marcos Vidal do CD “Cara a Cara” – *Sparrow Spanish Dept*, 1996.

- 20) Revista Veja
- 21) Mateus 22:14
- 22) Efésios 6: 14-17
- 23) Efésios 6: 18 e 19
- 24) João 16:33 b
- 25) Hebreus 12:1,2
- 26) Mateus 25:21
- 27) Tiago 1:12
- 28) Apocalipse 2:7 b 11 b
- 29) Apocalipse 2:17 b
- 30) Apocalipse 3:5
- 31) Apocalipse 3:12
- 32) Apocalipse 3:21